

Jardim de CORPOS



Carlos Lúcio Gontijo

Hieróglifos, escritura dos antigos egípcios; as figuras rupestres dos homens das cavernas; o sânscrito, língua sagrada da Índia; e a própria Bíblia, conjunto de livros sagrados dos católicos, são formas incontestáveis de comunicação que perpetuaram os seres humanos, por intermédio do relato de seus costumes, suas crenças e sua história. Até hoje a escrita é a mais importante expressão de um povo. Por meio dela se conhecem os homens, seus países, a época em que viveram, suas obras – as magníficas e as bestiais. Sem essa preciosa criação muitos feitos estariam, definitivamente, perdidos no tempo.

Fiz esta pequena introdução para lhes contar que foi, exatamente, através da escrita que tive a felicidade de estabelecer o primeiro contato com a obra de Carlos Lúcio Gontijo. Não me lembro em qual circunstância, talvez numa sala de espera aguardando um cliente. Só sei que, foliando o jornal “Diário da Tarde”, li um artigo – sobre os costumeiros e repetidos desmandos políticos e socioeconômicos brasileiros – bem escrito e elaborado com o zelo de quem cuida de uma criança, porém com a necessária veemência exigida pelo assunto tratado e, ao mesmo tempo, recheado pelo carinho de quem fala de seu país a um filho, arrebatado por incontida preocupação com o seu futuro.

Não me contive, entrei em contato com a redação do jornal e encaminhei elogios ao articulista/poeta, felicitando-o pela forma diferente e objetiva de ordenar as palavras, constituindo uma forma particular de texto, que tanto me emocionou quanto me chamou a atenção. Por sua vez, com humildade e muita simpatia, Carlos Lúcio Gontijo me retornou a comunicação, agradecendo a

Carlos Lúcio Gontijo

**JARDIM
DE
CORPOS**

Prefácio de Ângela Maria Rodrigues Mesquita
Ilustrações de Nelson Flores

Carlos Lúcio Gontijo

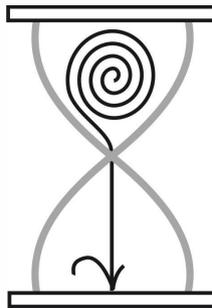
**JARDIM
DE
CORPOS**

Capa e ilustrações
Nelson Flores
Contracapa/Poema "Entraves"
Carlos Lúcio Gontijo
Programação visual e diagramação
Nelson Flores
Revisão
(Sob as regras da nova ortografia)
Berenicy Raelmy Silva

Carlos Lúcio Gontijo
Jardim de Corpos
Romance e poesia - 1ª edição - 2009
366 páginas, il.

Copyright by CLG, 2009
Av. João Augusto da Fonseca e Silva, 1.107/402
Eldorado - Contagem - MG
CEP 32.341-100 - Telefone: (31) 3912-4442
www.carlosluciogontijo.jor.br

**JARDIM
DE
CORPOS**



Este romance é uma obra de ficção. Pode lembrar ou confundir-se com a realidade, mas jamais deixará de ser resultado da imaginação do autor – poeta, escritor e jornalista – que, como se numa redação de jornal estivesse, transforma, parafraseia e "paracontextualiza" tanto a bibliografia em que busca informação quanto a própria vida que o rodeia.

Dedicatória

(BODAS DE PÉROLA)

Em vez de férias na praia ou a compra de um carro novo, eu e Nina optamos sempre, nos últimos 30 anos de nossas vidas, por investir na edição de livros como forma de coroar o propósito de nossa passagem pelo jardim da existência.

Nina me veio silenciosamente e assim, com leves passos de luz, como quem não quisesse bulir com a solidão do poeta (e sim protegê-la), ajeitou-se no meu leito, enchendo o nosso lar com o vozerio sonoro de família, construída sobre o alicerce da sensibilidade literária (Amanda, Lucas e a neta Luara) e, por isso mesmo, amante do próximo, ciente da fragilidade da vida humana e crente nas energias invisíveis que nos rondam, na esperança de ser percebidas e abraçadas.

Vislumbrei em Nina a luminosidade – juntada em buquê de nuvens brancas –, que impera e, sem alarde, me domina há três décadas, fornecendo-me de graça e espon-

taneamente o ouro do qual extrairei (do amanhecer de seu olhar) a matéria-prima para fundir o anel de bodas de trinta anos juntos, comemorados em 5 de maio de 2009 – mês da Cova da Iria, Abolição dos Escravos, mês das noivas e das mães.

"Ficar", para mim e ela, é sinônimo de estar sempre à espera um do outro, feito janela e paisagem ou como sol e horizonte, sob a consciência de que aqueles que encontram um grande amor têm a divina missão de proteger as planícies de seu afeto raro com braços (e abraços) de montanhas azuis.

"In memoriam"

A José Cândido Ferreira, ao qual minha mãe Betty gostaria de ter conhecido, líder comunitário do Bairro Santa Cruz (em Belo Horizonte/MG) – barbeiro, caminhoneiro, ex-funcionário público da Imprensa Oficial de Minas Gerais, escritor (autor do livro "Eu, candeeiro de boi") – e que, em determinado dia, aos 86 anos, subiu as escadas do prédio do jornal em que eu trabalhava para me conhecer, movido pelos artigos jornalísticos que então publicava (um deles serviu de inspiração para ele intitular a obra literária supracitada), na qual cometeu a gentileza de inserir, à página 38 um trecho de minha autoria: "As pessoas, feito os sinos, só deixam de tanger e expor seu canto e seu lamento se a igreja ruir, e a igreja dos seres humanos são a família e os amigos à sua volta; por isso a amizade, fenômeno tão difícil de ser alcançado, deve ser preservada como se fosse uma estrada, uma trilha ou caminho, antes que os cipocais e ervas daninhas do cotidiano a destruam".

José Cândido, em 30 de agosto de 2008, completou 100 anos e faleceu, logo em seguida, no mês de setembro: é um amigo de memória, pois eu, sem perceber, o sabia e, espiritualmente, já o conhecia, no imperceptível tempo imaterial, que, apesar de intangível, é medido, com exatidão, pela ampulheta celestial da alma.

Ao João Evangelista Teles Caminha, leitor que residia em Itabirito (MG); mais um amigo que a literatura me trouxe e que, no mês de dezembro de 2007, partiu a chamado dos mistérios da existência.

Infelizmente, não há como o ser humano assenho-rear-se do tempo e a única forma de ampliar a vida dos que partem é mantendo-os redivivos em nossa memória. Caminha era pessoa de boa formação intelectual, um ávido e eterno aprendiz. Continuarei ouvindo seus passos, autografar-lhe-ei livros na imaginação a cada lançamento de nova obra, sob a certeza de que, por ele e por mim, devo seguir adiante, pois a vida CAMINHA!

No trabalho
que nos liberta
reside
a nossa
escravidão fúnebre.

Quem não acredita
em milagre,
vive sob o milagre
de em nada acreditar.

Porque chove, desejo sol. Porque é noite escura, almejo estrelas.
Porém, se há sol e noite cheia de estrelas, sequer olho para o céu.
Padeço do mal de todo o ser humano: não valorizo o momento e,
depois, choro ausências...

Sumário

● CAPÍTULO I	
Filtro	31
● CAPÍTULO II	
Despudor	41
● CAPÍTULO III	
Rama	53
● CAPÍTULO IV	
Psicanálise	65
● CAPÍTULO V	
A Mãe	79
● CAPÍTULO VI	
Privacidade	95
● CAPÍTULO VII	
Censura	111
● CAPÍTULO VIII	
O Pai	127
● CAPÍTULO IX	
Jade	143
● CAPÍTULO X	
Crina	155

● CAPÍTULO XI	
Autoconstrução	171
● CAPÍTULO XII	
Plateia	191
● CAPÍTULO XIII	
Renascença	205
● CAPÍTULO XIV	
Cobertor de Orelhas	219
● CAPÍTULO XV	
Grafia	235
● CAPÍTULO XVI	
Abano	249
● CAPÍTULO XVII	
Pelegrafia	263
● CAPÍTULO XVIII	
Permanência	279
● CAPÍTULO XIX	
Calo	293
● CAPÍTULO XX	
Jardim de Corpos	311
● APÊNDICES	341

Prefácio

Prefaciando o *Jardim de Corpos* é ação difícil, emocionante, prazerosa e de enorme responsabilidade, considerando-se que, no início da década de 70, tive o privilégio de conhecer as primeiras sementes lançadas por Carlos Lúcio Gontijo, como uma de suas professoras.

Plantadas com tenacidade, inteligência e senso crítico no *Ventre do Mundo*, foram regadas com *Leite e Lua...* Germinaram no *Cio de Vento*, desabrochando-se em *Aroma de Mãe*, cuidadas *Pelas Partes Femininas*. Proliferaram... Cresceram... Deram frutos que encantaram *O Contador de Formigas* e todos aqueles que puderam saboreá-los.

Com o passar do tempo, nosso semeador Carlos Lúcio, *O Menino dos Olhos Maduros*, se vê frente a frente com a *Virgem Santa sem Cabeça*, padroeira da Terra do Sol Eneblinado, onde uma das maiores preocupações ainda é com a igualdade de oportunidades para todos! Aí,

Jardim de Corpos

filia-se ao partido dos comprometidos com as reformas sociais e põe a boca no trombone, procurando acordar a consciência dos deitados em berço esplêndido...

A campanha cresce, aumentam-se os correligionários e a batalha continua árdua!

Partindo da Terra do Sol Eneblinado em busca de seu objetivo maior: semear suas idéias em novos campos, questionar a realidade e denunciar a falta de princípios éticos no mundo globalizado, *O Ser Poetizado* acomoda-se na *Cabine 33* do veloz trem da vida, de onde pode apreciar a paisagem e a movimentação dos embarques e desembarques.

Ao tecer diálogos com os demais passageiros, frequentemente, traz à tona a *Lógica das Borboletas*.

20

"Cada borboleta é uma alavanca
Que arranca tumores do chão
Tudo então ganha asas e voa
Em coisa à toa se transforma toda mágoa
Não há por que se afogar em água rasa
Quando até larva se ergue alada
E faz do rastejar vida passada!"

E, seguindo viagem, o trem chega à 12ª estação de sua rota: *Jardim de Corpos*.

Nesta parada, *O Ser Poetizado*, o cidadão e escritor Carlos Lúcio, sempre preocupado com o bem da sociedade em que vive, possibilita-nos, mais uma vez, reflexões sobre tomadas de atitudes e comportamentos de nosso tumultuado dia-a-dia...

No *Jardim de Corpos*, violência... criminalidade...

disputas... sensacionalismo dos meios de comunicação... desfilam par a par com a solidariedade... companheirismo... honestidade... amizade... valorização da arte... Há também suspense, pincelado com muito romantismo!

O Vô Frede, grande personagem da história, com sua filosofia de vida, nos marca de forma sensível. Numa de suas falas, diz para a neta: " – *Que nada, Thaí, tudo na vida se resume em querer e decidir. Quem deseja viver amizades ou grande amor não pode se preocupar com ferimentos e cicatrizes. De uma coisa tenha certeza, neta querida, embarcação que não enfrenta nevoeiros, tormentas, reveses e piratas, termina corroída e apodrecida no cais. E, assim, mesmo se poupando das intempéries, se vê consumida e carcomida pelo tempo*".

Thaí, a menina que, de repente, se tornou mulher-mãe, transmite-nos força, sinceridade e muita poesia: "*Aprendemos com o tempo que o amor nunca é achado, ele é fruto do que semeamos ao longo de nossos caminhos: é uma espécie de ninho que tecemos nos olhos, onde abrigaremos a ave que prenderemos com o visgo de um flerte*".

Com os demais personagens (e são muitos...), os mistérios da vida vão se desnudando aos nossos olhos e, quando, segundo o autor, cumprimos nossa missão na Terra, somos plantados no *Jardim de Corpos*, imagem sensível e poética que ele nos dá dos cemitérios da vida.

Na verdade, quando a morte – tema do livro – chega, ela não leva embora ninguém. Simplesmente transforma a vida da gente. Não enterramos uma pessoa! Plantamos uma semente! Semente que germinará para a vida eterna...

Jardim de Corpos é uma obra que nos recorda não

Jardim de Corpos

estarmos sozinhos no mundo e que todos e, principalmente, cada um, na sua individualidade, é responsável por cuidar do outro, dando-lhe os melhores remédios que existem: Paz, Justiça, Igualdade de Condições.

Posso dizer que o autor – ex-aluno e amigo para sempre – é artista único e diferente: ousado, polêmico, sonhador e romântico, é um cidadão filiado ao partido THÁÍ (Trabalho/Honestidade/Amor/Idealismo), a quem agradeço pela honrosa oportunidade de prefaciá-lo a 12ª obra, desejando que sua viagem continue com sucesso e com muita semeadura pelas paragens da vida.

Ângela Maria Rodrigues Mesquita

Professora

Introdução

A desmesurada onipotência de Deus não coíbe a sobrevivência do diabo entranhado nos detalhes; qualquer adulto se transforma em criança quando diante de uma nova janela. No fim da vida todos gotejam memória, feito pote trincado e abandonado ao relento.

Nunca a existência humana foi tão movida pela visão materialista. Basicamente, não somos analisados por nossos feitos e atos, mas pelo que consumimos. As gestantes são disputadas pelos hospitais e os mortos pelas funerárias, num claro exemplo de que, do princípio ao fim de nossas vidas, somos alvo da sanha capitalista, que transforma tudo em fonte ou matéria-prima de produto e lucro.

A inteligência, a sabedoria e a racionalidade podem, como dádivas divinas, enriquecer a humanidade, quando utilizadas sob o princípio fundamental da honestidade e consciência, ou produzir exatamente o efeito contrário, quando desprovidas e afastadas da ética, da moral e dos objetivos mais dignos das pessoas.

A honestidade, luz natural, baliza os sentimentos do ser humano, e não é somente uma prerrogativa do indivíduo, mas uma exigência do próprio bem comum – não podendo, portanto, deixar-se contaminar pela visão relativista de intelectuais (a maioria vivendo a expensas do Estado, ou escudada em alguma organização pretensamente não-governamental, sob o rótulo de progressista) que insistem em a tudo flexibilizar, como se o mal e o bem fossem a mesma coisa e pudessem ser contemplados, no âmbito dos direitos humanos, com os mesmos benefícios e idênticos graus de liberdade. É por meio da honestidade que as pessoas se elevam ou se rebaixam, promovendo o bem ou incitando o mal, tornando feliz ou desgraçando a existência do homem e da sociedade.

24

Segundo o filósofo Heráclito (Grécia, 500 a.C.), "o que é está em constante mutação pelo simples fato de ser; não nos banhamos duas vezes no mesmo rio". E completaríamos nós: não tocamos seguidamente o mesmo ser humano, principalmente quando ele se faz guiar pela desonestidade – pois os desonestos se vergam tanto ao rigor dos vendavais quanto ao acalento da brisa. Não primam pelo princípio da rigidez de caráter e comportamento.

Contudo, não pense o leitor que somos contrários às mudanças, que são necessárias ao desenvolvimento da matéria e do espírito. É benfazejo verificar que pessoas bem-intencionadas conservam seus alicerces, ainda que, como se fossem nuvens, cedam ao sopro da vida e, enjaneladas, ganhem uma feição nova a cada dia. A pedra não deixa de ser pedra mesmo se esculpida pelo cinzel colocado nas hábeis mãos do artesão ou pela ação deletéria do tempo e dos ventos.

O comportamento moral "camaleônico", flexível e revogável, transformou-se em filosofia de vida que inundou a comunidade mundial, confundindo esperteza com inteligência, sagacidade com competência. O político e militar ateniense Aristides (530/460 a.C.), chamado "O Justo", apesar de ter sido administrador das finanças de Atenas por longo período, terminou seus dias na mais absoluta miséria. Se racional e acertadamente não ousamos exigir tanto das elites dirigentes, também não nos é mais suportável assistir a fenômenos, inúmeros, tão avessos e antagônicos a esse de Aristides.

Diógenes, filósofo grego, cognominado "O Cínico", nascido no ano 413 a.C., proclamava que a virtude era o maior dos bens terrenos. Vivia num tonel ou num vão de porta, descalço e vestido com uma túnica. Certo dia, o grande Alexandre Magno, vendo-o em seu tonel, indagou-lhe se desejava alguma coisa do soberano da Macedônia, a que ele respondeu: "Que não me tapes o sol".

É a honestidade o único sol ao redor do qual gravitam todas as atitudes e virtudes humanas. Tal assertiva fez com que Diógenes buscasse, por toda sua vida, um homem qualquer que se resguardasse inteira e verdadeiramente sob a égide da honestidade. Não o encontrou àquela época e, ao certo, não lograria deparar-se com ele agora, quando a honestidade é um atestado de "burrice", tolice, desinteligência, despreparo, infantilidade e inocência... A ponto de ser motivo de vergonha a observância de sua prática nas relações sociais. Ser ético e honesto é ser inusitado, fora de moda e estilo – inabilitado para competir nos mercados mundanos, nos quais imperam os que exercitam inescrupulosamente a astúcia e a trapaça.

Jardim de Corpos

Jardim de Corpos tem como tema a própria vida ou, mais precisamente, o seu fim, estampado em manchete de jornal ou inserido em anúncios fúnebres, quando a semente ruim (conservada no azeite insosso da maldade e concentrada em puro extrato e suprema essência do conceito materialista) cumpre a sua expiação e é plantada nos cemitérios ou transformada em cinza nos crematórios; mas, em ambos os casos, retornando ao pó e ganhando, sob a unção mágica do barro celestial, a forma pertinente aos que habitam a bíblica dimensão do invisível mundo das luzes.

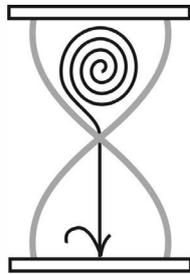
Não raro encontramos realidades na ficção e afirmações falsas – tomadas como verdadeiras – nos jornais, que costumam tanto dourar a pílula da mentira, iludindo o povo ávido por algum sinal de esperança, quanto traduzir os interesses imediatos dos proprietários dos meios de comunicação. Muitos são os fatos e os mitos criados dessa forma, como é o caso do quadro intitulado *Guernica*, pintado por Pablo Picasso, que passou à história como exaltação à guerra civil espanhola, mas que se tratava, à luz dos acontecimentos, de obra feita em louvor a amigo toureiro morto em plena arena, à qual o autor deu o nome de *La Muerte del Torero Joselito*.

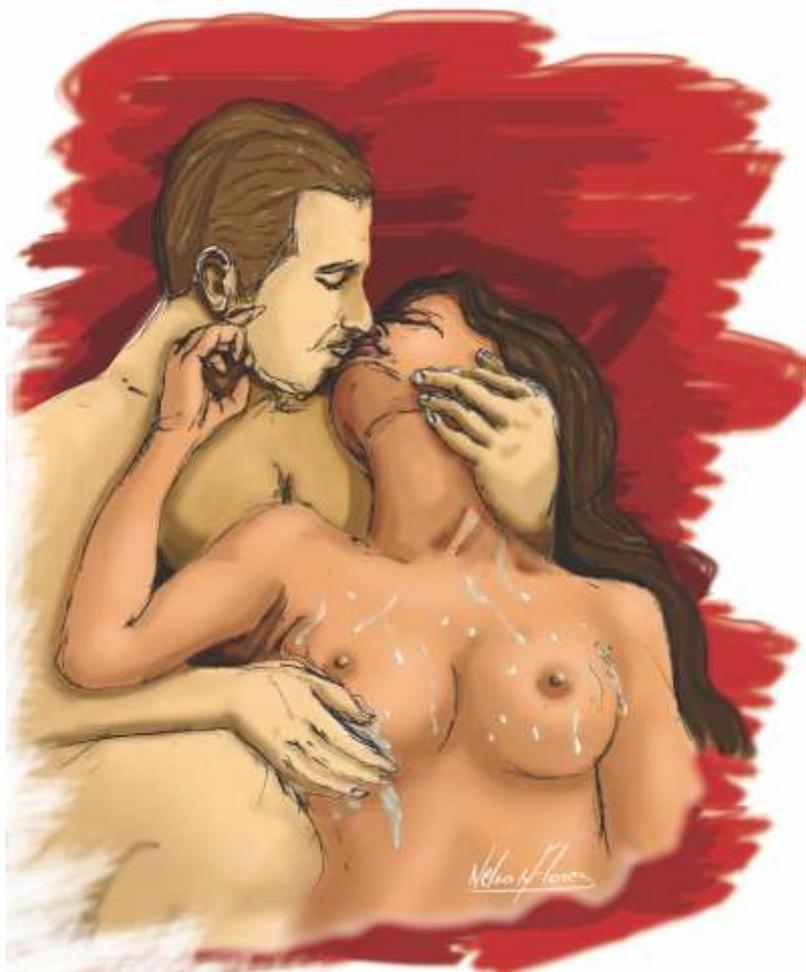
Entretanto, surpreendido por convite para uma exposição em Paris, no ano de 1937, conforme narra Janer Cristaldo, jornalista, escritor e tradutor, Picasso se lembrou da tela abandonada num canto de seu ateliê. Então, inspirado pela coincidência de a cidade de Guernica ter sido, naquele período, bombardeada pela aviação alemã, o fabuloso pintor rebatizou o quadro. Desse modo, sustentada pela imprensa, a cena de arena, com cavalo, touro,

toureiro e sangue, foi elevada à condição de homenagem aos espanhóis mortos na guerra civil.

Jardim de Corpos é um romance elaborado a partir do imaginário do autor, que, ao transcrever sentimentos coletivos verdadeiros, pode se transformar em prática cotidiana, desde que suas teses sejam lapidadas e materializadas, pela mente do leitor, como instrumentos indispensáveis à construção de uma sociedade econômica e espiritualmente melhor. Fala *Jardim de Corpos*, por apego às realidades da vida, de almas que partem e não de almas perdidas.

Capítulo I





FILTRO

**Umedece o barro de que sou feito
Encharca-me com o suor de teu peito
Estou afeito e pronto
Assim meio tonto de amor
Aceito o que vier e for
Depois de desmanchado em lama
Leva-me agitado para a cama
Apura-me no filtro dos lençóis
Pesca-me com os anzóis do coração
Desfia fio a fio a minha paixão
Dá-me uma forma nova
Prova-me que o amor transforma!**

Carlos Lúcio Gontijo

**As mulheres são uma espécie de caravela
– estendem o seu véu, soltam os cabelos,
o vento bate e elas se movem...**

Thaí, mulher mediterrânea de pele cor de praia. Menina de 15 anos, mas com jeito e corpo de idade maior, que a sociedade detecta no físico e a lei determina na mente. Quem a vislumbrasse andando nas ruas do subúrbio em que morava, mergulhava na certeza de que à beira-mar, nos sertões, nas favelas ou na zona sul, as mulheres são uma espécie de caravela – estendem o seu véu, soltam os cabelos, o vento bate e elas se movem, com gingado de mar e balouçar de maré.

A bela morena recebeu o nome de uma invenção criativa do avô Frederico, um viúvo que ganhava a vida como porteiro de boate, madrugada adentro.

- Alô, quem fala?
- Aqui, é o Frederico.
- Somos do Hospital Previdência.
- Do que se trata?
- O senhor é avô de uma jovem chamada Thaí?
- Sim! É isso mesmo.
- Pois é, ela acabou de dar à luz um garoto.

Frederico quase caiu de costas. Foi lá no alto, atingindo a cumeeira das lembranças, como se costuma dizer no interior. Todo o passado de sua vida lhe veio à mente. Sua filha Telma morreu ao dar à luz. Nasceu a neta Thaí, como uma

expressão exata da situação: a filha escondeu a gravidez, o pai não assumiu e a criança estava ali; era uma realidade e não havia outra saída senão a aceitação da realidade.

Frederico recorreu ao gerente Moacir.

– Olha, estou com problemas com minha neta. Tenho que ir para casa urgentemente.

Moacir não se fez de rogado. De maneira compreensiva, arrumou-lhe até uns trocados para o táxi. E, no caminho, Frederico resmungava consigo mesmo: Não adianta avisar. A juventude de hoje não quer ouvir conselhos, prefere experimentar, ainda que se arrebente toda e leve uma vida pautada na violência e sob a filosofia de que a felicidade está em viver como se não houvesse amanhã. Eis aí a raiz da inconsequência: vê se existe alguma alegria em se provar a última gota. Essa história não passa de se optar por viver em constante cerimônia fúnebre, como se a vida não passasse de uma eutanásia permanente: você corta os elos sociais e desfalece... Eta Galdino Constantino! – Exclamou em voz alta.

36

– Que foi companheiro? Já ouvi esse nome. – Intercedeu o taxista.

– Mas é claro. Estou falando do famoso Gagá, dono de empresa de comunicação.

– Foi por isso mesmo que entrei em sua divagação.

– Pois é, minha neta se envolveu com esse magnata. Cansei de avisar. Dou um duro danado em trabalho noturno e não percebi que ela estava grávida.

– Fazer o quê. Agora só lhe resta dar apoio à sua neta e guarida à nova vida que chega.

– E eu não sei? É o que me resta fazer. Fato idêntico aconteceu com minha filha, que morreu ao dar à luz minha neta, que hoje repete a mãe.

– Talvez, o Dr. Gagá, homem da imprensa, lhe dê alguma ajuda.

– Que nada, Artur. Eu trabalho em boate frequentada por gente graúda. Ele é da turma de boa prosa para pegar carne fresca, as menininhas das camadas mais pobres, as empregadinhas domésticas, que caem facilmente em sua lábria, própria de quem tem como suporte moral a coluna social.

– Não é possível que ele não dará a mínima!

– É possível sim. É essa a sua fama. Infelizmente, minha neta não me deu ouvidos. E agora?

– Agora, caro amigo, ela vai ter que apagar as luzes e frear o carro do amor que a cegou. A realidade apaga as ilusões e todo o perfume de paixão não correspondida se evapora e esboroa diante do sal da indiferença.

– Eu sei disso, amigo motorista. Como lhe disse, eu já passei por isso. Nós, os pobres e assalariados, temos nossos lares e família destruídos pela mídia, que insiste na divulgação e exaltação do grotesco, como se a destruição de valores e normas de convivência em sociedade fosse sinônimo de modernidade e liberdade de comunicação, alicerçada num irresponsável é proibido proibir.

– Eis aí o hospital.

– Quanto é?

– Não é nada não. A corrida é por minha conta. Um presente para o seu neto. O primeiro de muitos que virão.

– Não, obrigado. Tome aqui o seu dinheiro.

– Deixe disso. Aceite a minha oferta. Você tem despesas pela frente.

– Então tá. Deus lhe pague!

Frederico se dirigiu à portaria. Recebeu a informação

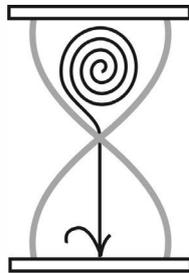
do andar em que Tahi estava e não teve paciência de esperar o elevador. Em passos cordiformes, subiu as escadas até o quinto andar. No caminho ia pensando:

"Duvido muito que o senhor Galdino vai noticiar em seu jornal que ele é pai. Afinal, ele não passa de um tarado solto na praça, um comedor de mulatinhas, serviçais, empregadas domésticas. Deve ser dotado de prosa tola, na qual as madames da alta sociedade não caem. Ou, então, ele é chegado em comidinha rápida e fácil, onde a beleza de seu carrão e o perfume caro que usa falam por si, inebriando meninhas pobres intelectual e materialmente".

E, assim, chegou ao berçário – horizonte de gente. E gente é fruto de entrega. Às vezes, de um (o amar sem ser amado); outras vezes, de dois, quando mulher e homem se engravidam, construindo um canteiro mais apropriado para o semeio e geração de ser humano; criatura visceral, física e psicologicamente dependente de família bem constituída.

Capítulo II

39





DESPUDOR

**Castigo silencia e não soa
Violência não tem plumas
Violentado nunca voa
Nem sequer apruma
Torturado vive em pausa
Grande causa vence pelo destemor
Não há amor que dure
Se forjado no açoite do despudor**

Carlos Lúcio Gontijo

**A solidão o aguardava disposta a transformar sua alma
em água de lagoa: um manancial quieto, parado, que só
caminha e age quando transborda.**

Frederico era cidadão de boa formação moral. Não nasceu em lar abastado, mas em berço afável de família sensível, com amor ao próximo e sentimento coletivo. O pai ganhava a vida como professor de música, era bom compositor. A casa vivia de portas e janelas abertas, respirando poesia e música. Ali, no Bairro Céu Azul, na Rua Ipanema, o firmamento era sempre claro e sempre havia praia para um banho de amizade e camaradagem. Frederico, o vô Frede, como era carinhosamente chamado pela neta Thaí, costumava dizer que gente sem berço, sem alguma coisa de Rua Ipanema, ainda que com diploma de doutor e dinheiro no banco, estava longe de ser um cidadão de bem. Colarinho branco não empana espírito embebido em nódoa e veneno.

45

Divagando sobre sua origem e essência como pessoa, Frederico se encaminhou até a neta.

– E aí, querida Thaí, como foi o parto? – Indagou num abraço comovido.

– Tudo bem, vô Frede. Parto normal, beleza. Amanhã, já estarei em casa.

– Pois é, Thaí, eu tanto lhe avisei, mas você resolveu repetir sua mãe e fazer o mesmo raio cair duas vezes sobre nossa casa.

– Nada disso, vô Frede! O Gagá não é traficante

como o meu pai Fernando, que não quis nada com minha mãe nem comigo e terminou assassinado dentro do submundo das drogas.

– Engano seu, minha neta. O Gagá também vende alucinógenos por meio da notícia revestida sob o manto de interesses e desejos das elites dirigentes, que são sempre tratados e colocados acima dos anseios do cidadão comum como nós. Não quero ser ave de mau agouro, porém lhe garanto que o empresário da imprensa vai sumir do mapa. A esta hora, ele já deve estar ciscando no terreiro de outra juvenzinha desavisada.

– Ah, vô, chega, vamos mudar de assunto. O senhor já viu o Francisco?

– Já. Mas não sabia que meu bisneto já tinha nome.

– Então está informado. E é uma homenagem à vida franciscana que acompanha nossa família, passando de pai para filho desde o descobrimento do Brasil.

– Isso é verdade. Aqui as possibilidades de ascensão social são mínimas. Falta de oportunidade, discriminação e preconceito constroem um quadro social de estreita mobilidade.

– Também pudera, vovô Frede! Tudo depende de escola, estudo, acesso à informação de qualidade.

– Infelizmente, nessa área não existe democratização.

– Interveio Frederico, que, antes de se despedir da neta, brincou: E tem uma coisinha que queria lhe falar: Francisco pode ser também uma referência ao axioma extraído da Oração de São Francisco.

– O quê? – Entrecortou a neta.

– Não se lembra do "é dando que se recebe..."

– Criança! – Complementou a espirituosa Thai.

– Adivinhou. Essa é a minha neta!

– Vê se é hora de piada e trocadilho, vô Frede.

Dessa forma, aparentemente tranquilo, Frederico se retirou do hospital. Estava completamente sem sono e injuriado com o destino que se abria para a neta, que teria que enfrentar a troca dos prazeres da juventude pela responsabilidade de criar filho. Com a cabeça em redemoinho, ele foi baixar no bar do amigo Alemão, que ficava na Rua Ipanema, próximo de sua casa.

– Já está sabendo, Alemão?

– Claro, você agora tem bisneto. E isso tem que ser comemorado.

– Que comemorado o quê! Minha neta foi transformada em mais uma mãe solteira. Eu estou é muito chateado. Preciso falar com o tal jornalista grã-fino que a engravidou.

– Vai ter problema, Frederico! – Ponderou o vizinho de mesa, Artur, que ouvia a conversa.

– Eu sei. Vai dar chabu, pois o homem é casado. É daqueles que maculam a honra alheia e tanto querem quanto fazem de tudo para preservar a sua própria reputação e a de sua família.

– É isso mesmo. E, no caso, com todo o vigor. Afinal, ele é diretor de dois veículos de comunicação: o jornal *Trama Diária* e a revista *Mais/É*.

– É. – Acrescentou Alemão, laconicamente.

– E eu não sei da força do homem? Seus veículos circulam há tanto tempo que viraram expressão de proximidade com o povo e sigla afetiva na boca dos leitores: são o "*Trama*" e o "*MÉ*". O primeiro é um jornal popular e o segundo uma revista semanal voltada, pretensiosamente, para as elites, mas com linha editorial tão contraditória e ambígua que mais parece produção jornalística de bêbado. – Ironizou Frederico.

– É por isso que o codinome de *MÉ* lhe caiu como luva! – Intrometeu-se Artur, arrancando gargalhadas de todos os presentes.

– Contudo, gente, o cara, com todo esse poder de fogo e capacidade de infelicitar pessoas, é intocável. Se um pai ou um avô desesperado como eu meter bala num homem desse naipe, vai parar atrás das grades e condenado pela imprensa como o algoz, o assassino do século, com cara estampada na primeira página.

– Nem pense nisso, amigo Frederico! – Aconselhou Alemão.

– Tudo bem, mas que é um caso a ser pensado ninguém pode negar. Coloquem-se no meu lugar. Como levar a vida como se não houvesse ocorrido nada? Afinal, de uma hora para outra, virei bisavô.

48

– Como assim?! Você não sabia de nada? – Arguiu Artur.

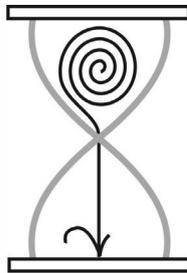
– Thaí escondeu de todo mundo. Até que de mim era mais fácil, pois trabalho de madrugada e, quando chego da boate, eu quero é dormir. E ao acordar, ela já foi para a escola...

– Realmente, a menina soube muito bem esconder a gravidez. Nem as fofoqueiras do bairro perceberam! – Avaliou o amigo Alemão, condoído.

Frederico agradeceu e foi para casa, onde a solidão o aguardava disposta a transformar sua alma em água de lagoa: um manancial quieto, parado, que só caminha e age quando transborda. A lagoa é a expressão máxima do individualismo, da pessoa presa em si mesmo, que não sai ao encontro do outro, mas que, ao virar água de enchente, vai de encontro a tudo que encontra pela frente. Quando todo esse potencial de choque é contido no divã do analista, os prejuízos são meno-

res, mas nem sempre isto é possível e as pessoas em estado psicológico de lagoa terminam se envolvendo em atos de violência ou se reduzindo a simples caixa de ressonância do consumismo apregoado pelo sistema capitalista; muitas vezes indo às compras para aliviar a dor, sob o brilho das vitrines. Quem se contém em si mesmo ou se toma como medida de todas as coisas, desconecta na mente o senso de espaço emocional e, por isso, se perde. A convivência em sociedade e a busca do outro são fatores tão importantes que Lupicínio Rodrigues, grande compositor brasileiro, assevera na letra da música "Felicidade", que é um convite poético ao sair de si, uma crítica lírica ao excesso de autoestima e uma exaltação à autoconfiança, à caminhada na direção do outro: "Felicidade foi-se embora / E a saudade no meu peito/ Ainda mora / E é por isso que eu gosto lá de fora / Onde sei que a falsidade não vigora / A minha casa fica lá de trás do mundo..."

Capítulo III





Nelson Flores

RAMA

**Verdade é mentira que não se esconde
Paisagem por mais bela que seja
Não passa de aragem que beija o horizonte
Paixão é rama de vento
Dá tempo de cama e vai embora
Mas se vira um grande amor
Na alegria e na dor é para sempre**

53

Carlos Lúcio Gontijo

**Brigar por espaço é fácil.
Difícil é abrir o compasso da conquista
para abrigar o sonho de outras pessoas.**

Enlagoado, alagoado, contido em si mesmo e se descobrindo escravo do que continha na mente, Frederico era uma lagoa assombreada. Como veleiro que perdeu a esperança, para ele não adiantava o refrigério do vento do conselho dos amigos: ele não se movia nem desarmava o espírito da revolta.

Entretanto, a crueza da situação que o estonteava era, antagonicamente, a força que o mantinha sob controle e aceso. O senso de responsabilidade em relação à neta Thaí lhe conduzia os passos. Com a cabeça dominada por pensamentos mil, tomou um demorado banho, como se inconscientemente quisesse lavar as dores que o afligiam. Terminado o banho, juntou documentos sob a ideia fixa de sair às compras a fim de aparelhar a casa para receber o bisneto Francisco. E, quando enfiou a chave na fechadura, a campainha soa, quebrando o silêncio de forma tão inesperada, que ele leva um baita susto: " – Quem será, meu Deus!" – Resmungo.

Era a vizinhança, comandada pelo padre Antônio César, pároco do bairro.

– Que é isso, padre Cesinha?

– Somos nós, Frederico, seus amigos. E trouxemos até um representante do jornal da nossa comunidade para tirar fotos e fazer uma reportagem.

– Quer dizer que vou sair no *Céu Jornal*? – Alegrou-se Frederico.

– Isso mesmo. Você vai ser o personagem da semana do jornal do Bairro Céu Azul. – Enfatizou a jornalista Adriana.

– E o porquê da honraria?

– Frederico, nós devemos muito à sua família. Seu falecido pai foi um dos primeiros moradores da região. A música de seu pai Manoel, o maestro Manezinho, ainda ressoa em nossas ruas. Nossa comunidade herdou dele a musicalidade. Aqui, quem não executa instrumento musical, é mestre em tocar as cordas melódicas da paz e abrir as porteiças do coração para passar o comboio da amizade, nome que se dá ao rebanho de gente junta, amiga, solidária.

– Obrigado, padre Cesinha. – Agradeceu Frederico em lágrimas, enquanto as pessoas iam enchendo a pequena sala com peças de enxoval de recém-nascido, inclusive o berço.

– E aí, senhor Frederico, está contente? – Indagou a repórter Adriana.

– Mas é claro, jovem jornalista. Fica para todos nós a lição de que vale a pena a convivência solidária em comunidade. É na vida comunitária que aprendemos que brigar por espaço é fácil. Difícil é abrir o compasso da conquista para abrigar o sonho de outras pessoas.

– Nossa, quanta filosofia! – Admirou-se a repórter.

– Que nada. Isso é uma pequena partícula da poesia que herdei de meu pai Manoel. Não tenho a musicalidade dele, apenas arranho um tamborzinho, porém me esforço para aperfeiçoar a sensibilidade herdada, por meio do contato com as pessoas, do qual extraímos o som da vida, como costuma-

va garantir meu pai. Para ele, roda de samba era, antes de tudo, roda de gente. – Completou Frederico.

A casa cheia, a música no quintal, a cerveja e o churrasquinho preencheram vazios na alma de Frederico, que repetidamente falava aos amigos sobre a sua contrariedade com o mal de amor que atingiu sua neta. A todos fazia questão de dizer que o bisneto era uma dádiva, mas que sua neta não merecia ser tratada pelo doutor Galdino Constantino, o magnata Gagá da imprensa, como um saco de lixo, ou melhor, uma simples incubadora, chocadeira de gente.

– Mas amor nenhum é para sempre. – Acomodou Alemão.

– Disso eu sei. Porém, no caso de minha neta, o triste da história é que não houve nem a rama de vento de uma paixão. Ela foi apenas instrumento para a satisfação dos desejos de um homem poderoso e disposto a pagar pela virgindade de jovens pobres, sonhadoras e mal-informadas pela mídia "barbiezada", que nos impõe modelos imorais e profetiza licenças e vácuos de valores, que nos levam ao desamor pelo próximo, à desvalorização da vida, à violência.

– Não querendo interromper, mas já interrompendo, o que você quer dizer com mídia "barbiezada"? – Interveio Artur, amigo de vida e boteco, que também se fazia presente.

– Ora, você sabe. Não se finja de besta. É aquela boneca magrela e de seios pontudos; a Barbie! – Ensinou, Frederico.

– Vamos deixar de lado as lamentações, Frederico. Pegue o tambor. Vida chegou, sua casa foi escolhida pelo Criador para cultivá-la e nós devemos cuidar de benzê-la com nosso canto, nosso vinho e nossa alegria. Vamos, homem, pau na máquina! – Incentivou, padre Cesinha, bom de viola e que

gostava de se explicar aos que não o conheciam e o olhavam surpresos ou lhe remoíam reprovação: Todo pastor tem que ir aonde o fiel está. E, agora, ele está aqui na música, no samba, no canto.

– Então, vamos lá padre Cesinha, pegue a viola.

– Pois não, Frederico, faça de mim o instrumento de sua prece! – Respondeu padre Cesinha, arrancando gargalhada dos presentes.

A festança comeu solta. Nem bem o pessoal saiu, Frederico cuidou de chamar Rosa Maria, faxineira que lhe prestava serviço há mais de 20 anos. Pessoa de confiança, daquelas a que se podiam confiar as chaves da casa.

– Que bagunça, Frederico. Parece que passou um furacão pela casa.

– Graças a Deus, Rosa Maria, pois eu estava numa tristeza danada.

– Tristeza, por quê, afinal sua neta não foi a primeira nem será a última.

– É, mais eu não me conformo, Rosa Maria. Nossas meninas estão se engravidando cada vez mais cedo e, na maioria das vezes, são abandonadas por seus parceiros, que nada assumem.

– Fazer o quê? É a modernidade!

– Pode ser, Rosa Maria, mas eu não aceito. A quantas jovens decentes e honestas um garanhão poderoso como o tal jornalista, que nem conheço pessoalmente, terá que engravidar para que alguma medida seja tomada?

– Olha, Frederico, eu não sou estudada, não tenho leitura, mas pelo que sei um homem desse não tem paradeiro, não tem eira nem beira no tocante à moral.

– Pois é isso que me incomoda. Não é possível que

sejamos eternamente tocados que nem gado. Precisamos achar um meio para pôr fim aos eclipses moral e espiritual que nos assolam. O caminho para a posse das realidades superiores e definitivas nos é aberto pelas ferramentas do respeito e do amor ao próximo.

– Mas onde está a honestidade, Frederico?

– Ah, Rosa Maria, não importa de que lado brilha o sol ou que ventos tocam a tempestade; sempre encontraremos sombra, paz e abrigo sob a capa majestosa da grande árvore enraizada no coração dos mansos e humildes: a honestidade!

– É aí que mora o problema: os humildes, como nós, são destruídos, tratorados, pelos que tudo são e tudo podem.

– Eis aí o pomo dos problemas do mundo. A classe dirigente trabalha como se estivesse decidida a reinar no caos, pois tudo aquilo a que assistimos está direcionado ao agravamento dos fatores que infelicitam a humanidade: desinteligência, individualismo, egoísmo, excesso de autoestima, discriminação, preconceito, corrupção política.

– Veja aí, Frederico, você mesmo detecta que não há como os pobres e mansos de coração alcançarem justiça neste mundo.

– Sei não, de uma coisa eu tenho certeza: negar e destruir é prática comum aos desonestos, pois a destruição é a maneira mais fácil, tanto aos homens quanto aos animais irracionais, de manifestar sua pretensa força.

– Ah, chega de conversa, Frederico, eu tenho muito serviço pela frente e não demora muito para Thaí chegar do hospital.

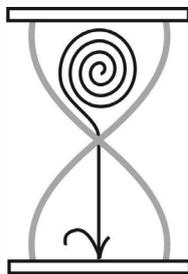
– Isso é verdade, Rosa. Aliás, eu estou saindo para buscá-la.

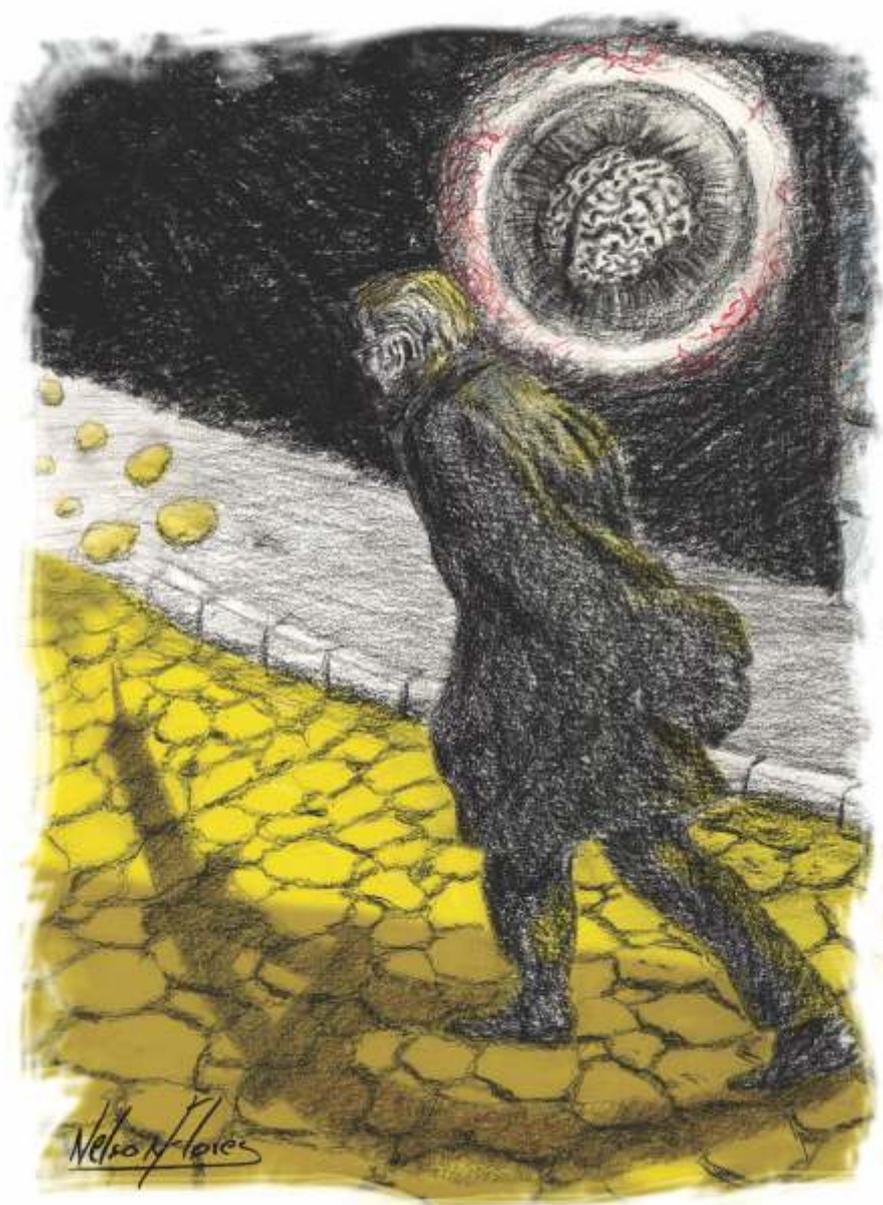
– Vai com Deus. Vou ficar à espera. Garanto casa

limpa, café e uns assados, para recepcionar nossa querida Thaí e seu filhinho Francisco. E tome cuidado com esses acessos de tristeza e alegria. Agorinha mesmo você fazia festa e, de repente, está nessa tristeza inundada de angústia. Vamos cuidar da vida, Frederico, esqueça esse vampiro social que sobrevoou a sua casa.

Frederico saiu com mil e uma pulgas atrás das orelhas. Rosa Maria, através das faxinas de casa em casa, se tornou sábia. Observadora, foi aprendendo com os acertos e desacertos de lares remediados e ricos. E ela acertou na mosca, pois há muito, conversando com conceituado psicólogo frequentador da boate em que trabalhava, foi alertado sobre a possibilidade de ele estar sofrendo de transtorno bipolar, uma espécie de depressão em que a pessoa transita cotidianamente com estado de ânimo que varia a todo instante: uma hora pela euforia, noutra profunda tristeza. Percebeu, instintivamente, que, depois da notícia de que sua neta estava em trabalho de parto, os efeitos da bipolaridade haviam se ampliado. E haja coração para suportar tamanha inconstância de ânimo. Dessa maneira, consciente, mas sem domínio sobre o transtorno psicológico que lhe acometia, ele foi buscar a neta e o bisneto, pelos quais se alegrava e, ao mesmo tempo, chorava, diante da certeza de viver em um mundo onde tudo tem dono, pois sempre há olhos vigiando as nossas manhãs, controlando nossas tardes e predispostos a apagar as estrelas de nossas noites, jogando-nos na mais completa escuridão, sob o arrastão da malha fina do poder forjado em arame farpado.

Capítulo IV





PSICANÁLISE

**Na bandeja fria, a mente de Sartre
O olho do Freud que me espia
Eu salgo no vinagre
Degustando o milagre de me descobrir
Perdido numa rua escura de Paris
Bastilha nua que me liberta
Em ilha virtual demarcada a giz!**

65

Carlos Lúcio Gontijo

**Contamos dias, guardamos datas,
comemoramos aniversários.**

67

**Aprendemos desde pequenos que são
os dias que nos levam, porém a vida nos ensina que
somos movidos pelo vapor originado da queima de
paixões que semeamos em nosso peito.**

O amigo Artur, taxista, apareceu bem em frente à casa de Frederico; exatamente no momento em que ele separava o dinheiro do ônibus. A ideia era ir de transporte coletivo e voltar, com Thaí e o neto Francisco, de táxi.

– Olá Frederico. Está indo para o hospital?

– Sim. Isso mesmo!

– Pois é, estou aqui para levá-lo. E nem pense em me pagar a corrida.

– Não é preciso, amigo Artur, não quero lhe causar incômodo.

– Que incômodo coisa nenhuma. Não é possível que nossa amizade não valha nem uma corrida de táxi!

– Mas é claro que vale. Vamos lá.

– Já pensou na alegria que o seu pai estaria vivendo e demonstrando no dia de hoje, Frederico?

– Não tenho dúvida de que o velho Manoel comporia até uma música para a chegada de Francisco. – Aquiesceu Frederico.

– Pois é, com seu pai não tinha tempo ruim. Ele aceitava a vida do jeito que ela lhe viesse.

– É, Artur, meu pai era um poeta. Não concluiu o curso de Filosofia, mas foi até o penúltimo ano. Parou porque a música lhe inundava todos os poros. Não lhe rendia muito

dinheiro, mas meu pai jamais buscou riqueza, sempre teve como meta a obtenção do suficiente para viver.

– Lembro-me bem disso. Ele costumava dizer que o mundo e a natureza não estavam e nem foram preparados para suportar o consumismo desvairado.

– Pai Manoel deixou uma interessante frase escrita na agenda que até hoje conservamos ao lado do telefone.

– Até eu sei de cor essa frase, apesar de ela ser uma longa oração. Pois, toda vez que vou à sua casa, eu abro a agenda e a leio repetidamente.

– Prove-me então.

– Escuta só: "Contamos dias, guardamos datas, comemoramos aniversários. Aprendemos desde pequenos que são os dias que nos levam, porém a vida nos ensina que somos movidos pelo vapor originado da queima de paixões que semeamos em nosso peito".

– Nossa, Artur, é isso mesmo! Papai dizia que paixão é como uma planta verde e, muitas vezes, ao queimá-la, a fumaça é tanta que enchemos os nossos olhos de lágrimas... – E Frederico chorou!

– Ué, homem de Deus, chorando por quê? Não me diga que é pelo fato de sua neta ser mãe solteira. Olha em volta, veja quanto isto é coisa comum nos dias de hoje. E também não aceito que você esteja arrasado porque sua neta foi ludibriada pelo proseado do tal de Galdino, o famoso Gagá. Eta apelido! – Suspirou Artur.

Frederico riu da conclusão, mas, dali para frente, entrou em silêncio, postando os olhos fixamente na paisagem até chegar à porta do hospital, em que entrou e saiu carregando Francisco e distribuindo sorrisos ao lado da neta Tháí, uma mãe jovem e radiante.

Em casa, Rosa Maria os aguardava com tudo arrumado. Mais que faxineira e amiga, ela se sentia da família e estava disposta, daquele dia em diante, a apoiar em tudo o que pudesse. Era essa a mensagem que ela passava de forma objetiva e clara ao emprestar sua força de trabalho àquele lar.

Se dúvidas e incertezas havia, o concreto era que Thaí e Frederico tinham que se dedicar a abrir caminho para a superação de todos os problemas. Mergulhada em carinho maternal, Thaí só tinha olhos para o filho, enquanto o avô, sem que ninguém percebesse -ou quisesse encarar – a anomalia psicológica por que passava como um problema sério, se deixava vencer pelo transtorno bipolar. Num dia estava bem, com o coração em festa e tocando tambor no terreiro de sua casa ou no boteco do Alemão; em seguida, guardava o instrumento e, junto com ele, a música, o riso e a alegria de viver.

– Thaí, você sabe onde está aquele velho revólver 38 que pertencia ao seu bisavô Manoel?

– Ah vovô, eu pedi à Rosa Maria para colocá-lo no armário embutido do barracão – bem escondido e bem guardado. Mas para que o senhor quer saber?

– Ele deve valer uns trocados e este negócio de ter arma em casa não está com nada. Só aumenta o risco de acidentes e violência.

– Isso é verdade. Além do mais, quanto mais cedo nos livrarmos dele melhor. O tempo passa depressa e não demora muito para o Francisco começar a andar e chegar ao estágio de criança, entrando na fase de bisbilhotar tudo!

– Vou lá pegá-lo e levá-lo ao Mancini. Ele entende de armas. Até faz coleção.

– Ah, vô Frede, ele não vai querer comprar um velho revólver 38!

– Sei disso. Eu vou levar é para que seja feita uma avaliação. Vou até pedir para que ele dê uns tiros para ver se a arma ainda presta.

– Vê lá, vô, isso é perigoso.

– Thaiá, a casa dele fica no final da rua, o terreno é tão grande que mais parece uma chácara...

– Parece não, é uma chácara.

– E que beleza de terreno. Os pais dele lhe deixaram uma bela herança. – Enfatizou Frederico.

Arma colocada numa pasta, ressabiado como menino que planeja arte, Frederico foi à casa de Mancini, popularmente conhecido pelo apelido de Italiano. Ele se aposentou ainda jovem. Era assessor de imprensa de órgão de governo e um dia, ao perder a noiva, em um acidente de moto que ele conduzia, desesperou-se e, sentindo-se culpado, meteu uma bala no ouvido. O pai, que estava no galinheiro da chácara, ouviu o estampido e correu até a casa. Ao chegar no quarto, onde o filho se trancara, percebeu o sangue escorrendo sob a porta, que foi arrombada com um violento pontapé. Mancini foi levado para o hospital às pressas e, milagrosamente, não morreu. Sequer perdeu a audição do ouvido atingido, no qual a bala se encontra alojada até hoje. Todavia, ele foi aposentado, com apenas 30 anos, uma vez que isso é norma que rege o funcionalismo público no Brasil, que "encosta" todo servidor que atenta contra a própria vida.

Depois desse incidente, numa prova de que Mancini não é nenhum doido, ele trabalhou em jornais da cidade e, hoje, administra com sucesso a chácara dos Mancini, que produz frutos, hortaliças, ovos, leite, queijos e doces.

– Oh, Mancini! Mancini, você está aí? Era Frederico, gritando na porta do casarão, sede da chácara que dava ao

Bairro Céu Azul uma paisagem bucólica, além de contribuir para o clima, que na região se apresentava bem mais fresco e com o inconfundível aroma proporcionado pela concentração de verde.

– Já estou indo, calma! – Gritou Mancini.

– Que prazer recebê-lo, senhor Frederico! A que devo a honra de sua visita?

– Estou querendo receber umas lições rápidas de tiro.

– De tiro, pra quê? O senhor é homem da paz e aprender a atirar nesta altura da vida é pura besteira!

– Eu sei disso. Mas é que tenho este revólver aqui, que foi de meu pai e, como ando preocupado com a violência, gostaria de aprender a manuseá-lo para um caso de necessidade.

– Ah, senhor Frederico, que bobagem. Como homem sensível e inteligente que é, deve saber que tal atitude só aumenta o perigo.

– Pode ser, mas acontece que, no meu caso particular, trata-se de uma obsessão psicológica. Eu pus esta ideia fixa na cabeça e nem durmo mais à noite. Qualquer barulho na rua me deixa em sobressalto, meu coração dispara e eu começo a suar sem parar.

– Bem, se é assim, e se o intuito é tão-somente dar suporte à sua tranquilidade, propiciando-lhe alguma sensação de segurança nesta selva de pedra em que vivemos, então o senhor pode deixar o seu 38 comigo para que eu lhe faça uma limpeza e alguns testes.

– Mas e daí, quando começo?

– Pode vir amanhã à tarde, lá pelas 16 horas.

– Muito obrigado. Eu não sei nem como lhe agradecer.

– Não é necessário agradecimento algum. E quero que fique bem claro que estou fazendo isto a contragosto e levando em conta apenas o bem-estar que o senhor imagina obter com o aprendizado. Arma em casa, na maioria das vezes, é passaporte para a morte.

– Não se irrequiete, professor. Dessa feita, nada de ruim nos aguarda. O passaporte que busco é para a libertação de meu desassossego. Eu quero é ter noites de sono tranquilas.

– Que assim seja e que o senhor nunca precise colocar em prática as lições que lhe passarei. Vai com Deus. E não deixe de abraçar Thaí e o filho por mim. Até amanhã!

Nem bem adentrou a casa, Frederico foi logo interpellado pela neta.

– E aí, vô, vendeu a arma?

– Não, Thaí. Eu só fui levá-la para o Mancini dar uma olhada, fazer uma limpeza e avaliar um preço justo para a venda.

– E o que ele disse?

– Ele ficou de me dar uma resposta amanhã à tarde. Porém foi bom eu ter ido lá, pois pretendo me inteirar dos projetos da Associação Mutirão do Céu.

– Ah, sei. Trata-se de um pessoal que ajuda cidadãos pobres a construir ou ampliar seus barracos de alvenaria.

– É isso mesmo. Eles fazem um excelente trabalho sob o comando de Mancini.

– Veja só como esse Mancini é meio doido. Sempre mexeu com áreas ligadas ao jornalismo e hoje tira uma de pedreiro. Que coisa estranha.

– Não tem nada de estranho, Thaí. É que seu pai, quando veio da Itália, montou uma marmoraria que se espe-

cializou na construção de túmulos. O velho italiano, muitas vezes, é quem punha a mão na massa. Ainda praticamente uma criança, Mancini acompanhava o pai e, assim, acabou aprendendo a assentar tijolos.

– Tudo bem. A história é até bonita, mas eu tenho lá minhas desconfianças de quem atenta contra a própria vida.

– Deixa disso, Thai, não seja preconceituosa. Aliás, é bom saber que, por uns dois ou três dias, eu vou estar com o Mancini no período da tarde a fim de me inteirar sobre os planos e a maneira de atuação da Associação Mutirão do Céu. – Mentiu Frederico, arrumando uma desculpa para as aulas de tiro que tomaria.

– Pensando bem, o que o senhor fará nas operações de mutirão? O senhor não é pedreiro, não é carpinteiro.

– Posso carregar coisas, remexer massa de cimento e até mesmo aprender a pintar paredes e janelas, o que não é muito difícil.

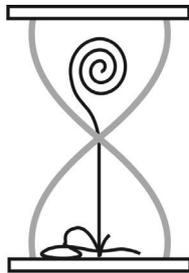
– Desculpe-me, eu estou apenas lhe provocando. Acho uma ótima ideia o senhor se juntar aos integrantes dessa associação, pois eles fazem um belo trabalho social.

E assim os dias se passaram. Frederico continuava entremeando momentos de alegria inconstante e prolongadas horas de tristeza absoluta. Não recorria aos amigos que fez na boate porque sabia que eles eram meros conhecidos, não passavam de pessoas com as quais mantinha contatos superficiais. Por outro lado, tinha enorme dificuldade de se abrir com os amigos da comunidade em que vivia e que sempre o elevaram à condição de conselheiro.

Apesar de sua consciência em relação aos problemas psicológicos que o atormentavam, a realidade é que sua mente tisonava dia a dia, enchendo-o com um ódio mortal contra o

jornalista Gagá que, para seu azar, comemorava aniversário naquela semana e estava na capa de jornais e no noticiário dos veículos de comunicação, que são useiros e vezeiros em caprichar no culto e na exaltação dos que comandam o meio, por mais inexpressivos que sejam no tocante aos dotes morais e intelectuais. Frederico foi, assim, exaustivamente, colocado à prova pelas caras e bocas e pelo ar de bonachão daquele que enganou e engravidou sua neta (isto no campo particular) e, ao mesmo tempo, no âmbito coletivo, engravidava as pessoas com informações jornalísticas forjadas, guiadas pelo interesse de grupos poderosos, deixando de ser diretor de veículo porta-voz da população e ejaculando esforços para a gestação de uma massa disforme e incapaz de promover mobilizações coletivas em prol de mudanças sociais efetivas – pois que dividida perante a avalanche de notícias desencontradas e contraditórias, arditamente tecidas nos engenhos da imprensa para desvestir e desnudar vontades e consciências.

Capítulo V





A MÃE

**Em berço de ferro não se levita
Como deter o choro da criança que me habita?
Como polir a prataria herdada
Se ela guarda a retina de mamãe?
Ofuscando o brilho por que trabalho
E eternizando minha condição de filho
Num refluir sem aviso nem atalho
Todavia em exaustiva constância
Marejando as lágrimas da minha infância**

79

Carlos Lúcio Gontijo

**Quem nesta vida não conquista amizades verdadeiras,
termina enclausurado ou dependente do divã do analista:
o substituto remunerado do ombro amigo!**

Thaí superou a frustração amorosa com o antídoto de ser mãe. Ela confessava às amigas que o mundo é uma fábrica de neuróticos e hipocondríacos e que ela não queria ser uma coisa nem outra, pois tinha um filho para criar e que isso, certamente e sem ilusão alguma, seria mais um problema a ser enfrentado, uma vez que os filhos costumam não satisfazer as expectativas dos pais e estes, quase sempre, não são como os filhos gostariam que fossem. Enfim, os casais e as famílias não se complementam de forma absoluta, mas isto não nos deve levar ao desânimo definitivo. Viver tanto engorda quanto envelhece e frustra.

Frederico assistia à transformação da menina-mãe com alegria, pois era um problema a menos, uma vez que ela encarou o imbróglio com tanta realidade e otimismo a ponto de o padre Cesinha propor-lhe que, assim que julgasse possível, ela marcasse um dia da semana para conversar com as adolescentes sobre a sua experiência.

– Quem diria, padre Cesinha, que Thaí fosse tão forte!

– Não há nada de surpreendente. Afinal, ela é uma menina criada dentro de determinados princípios e passou por um momento em que deve ter cobrado muito de si mesma, colocando-se disposta a implementar um grande refazer. E, além do mais, a maternidade atua como um catalisador de

energias, trabalhando com o lado cheio de copo e sempre disposta a preencher lacunas.

– Sei disso, padre Cesinha. Meu pai Manoel gostava de citar um provérbio popular judaico que sentencia que "*o Criador não pode estar em todos os lugares, por isso criou as mães*".

– Se é assim, Frederico, toda a demonstração de resistência estóica com que Thai se nos apresenta é sinal de que Deus deixou Francisco completamente aos seus cuidados.

- Pois sim, padre Cesinha. E se Deus confia, por que haveremos nós de duvidar? Afinal, ele é senhor das coisas e do tempo... Minha nossa, por falar em tempo, está na hora. Deixe-me apressar.

– Aonde vai assim apressado, Frederico? Já são 16 horas e, em breve, a natureza nos servirá o cálice do entardecer.

– Estou indo à casa do Mancini.

– Fazer o quê? – Interpelou o padre.

– Pretendo entrar para a Associação Mutirão do Céu, e o Mancini está me dando umas coordenadas.

– Boa medida, Frederico. A associação tem prestado um apoio inestimável às pessoas de pouco recurso financeiro e que querem erguer sua moradia.

Assim se encerrou o proseado e Frederico foi ter o seu primeiro contato com arma de fogo. Estava até arrebatado por temores e ansiedade compreensíveis, pois sua meta era absorver rapidamente as lições que o amigo Mancini lhe passaria.

– Vamos entrando. A arma está uma beleza; é um 38 e tanto!

– Quer dizer que a velha arma de meu pai ainda funciona?

– E como! – Respondeu Mancini.

– Aonde podemos atirar?

– Ah, Frederico, aqui é uma chácara. Como tenho muito espaço e gosto de armas, mandei fazer um lugar apropriado para eu praticar sem correr o risco de atingir alguém com uma bala perdida.

O demônio agiu e Frederico absorveu as lições com a maior facilidade, para surpresa de Mancini.

– Senhor Frederico, só pode ser brincadeira. O senhor já havia atirado antes!

– Nada disso. Jamais havia colocado o dedo num gatilho.

– Sua facilidade é tanta que me faz lembrar o tempo em que servi o exército. Lá, um sargento que nos ensinava a atirar dizia sempre que mais ligeiro aprende a lidar com armas aquele que esconde em si algum desejo inconfessável de vingança, ainda que não queira materializar sua intenção por meio de assassinato. Mas, com certeza, esse não é o seu caso.

– Claro que não! – Respondeu Frederico, sentindo um calor enrubescer-lhe o rosto.

Mal terminaram a aula, a campainha toca. Era dona Cornélia à procura do filho que havia sumido há mais de 15 dias. Estava com ela um punhado de amigos, que lhe davam apoio em hora tão difícil.

– Mancini, queremos sua permissão para ver se o meu Paulinho está perdido em sua mata fechada.

– Mas é lógico. Podem entrar. O que os leva a pensar nessa possibilidade?

– Olha, quando a gente está à procura de gente querida desaparecida todas as hipóteses nos rondam a mente. Queremos encontrar a pessoa ainda que morta. Paulinho pode ter-se embrenhado mata afora em busca de frutos ou um pas-

sarinho qualquer. Os vizinhos me disseram que há um bando de urubus sobrevoando a mata.

– Dona Cornélia, não vai me dizer que a senhora está achando que o menino se encontra morto!

– Penso sim. Afinal, são 15 dias de buscas. Para mim, já é uma eternidade construída por um talvez sem fim.

– Então entrem, mas logo de início eu lhes informo que os urubus não comem carne humana.

– Ué, não comem não! – Exclamou o grupo quase em coro.

Mancini pediu licença a Frederico, pois se viu na obrigação de guiar a turma mata adentro, a fim de evitar qualquer acidente grave. Frederico respondeu: "tudo bem". E disse que ia aproveitar a oportunidade para ir até a cachoeira, a fim de obter um momento de descanso e reflexão. E, assim, rumou para a beira d'água.

86

Na sua cabeça martelava a frase que disse de maneira espontânea ao padre Cesinha: "em breve, a natureza nos servirá o cálice do entardecer". O assunto do desaparecimento do filho de Cornélia trouxe-lhe à mente o sumiço da esposa Teresa. Um golpe que ele jamais superou e que veio quebrar as taças de sorvete colorido em que ele mergulhava as colheres do licoroso amor eterno, nas quais a mulher amada lhe oferecia, no leito-cálice, os lábios vermelhos, tal qual pequena iguaria, quando a noite vinha...

– Que olhar distante é esse? – Interrompeu-lhe Mancini as divagações.

– Estou aqui morrendo de inveja das águas que a cada queda se tornam mais fortes.

– Bela e real metáfora, amigo Frederico, mas, infelizmente, só podemos suportar uma quedinha ou outra. Excessos

de tombos nos tornam frágeis.

Frederico só ouviu. Respondeu a si mesmo: estou enquadrado no acúmulo de atribuições. Minha filha Telma morreu, minha mulher sumiu sem mais nem menos e, agora, minha neta, ainda menina, vira mãe solteira – o que é tolerável. Mas não suporto a indiferença e o deboche do arremedo de gente que é o tal Gagá. Um apelido que não tem nada a ver com a idade, mas que reflete a esclerose de um ser humano enquanto pessoa, enquanto cidadão...

– Oh, homem, está flutuando por onde?

– Não é nada não, Mancini. Saí do ar por uns segundos.

– Pois é, Frederico, como não temos o poder de nos autorrevigorar a cada queda, nós temos mesmo é que recorrer aos amigos.

– Nada mais importante na vida do que manter boas amizades. Quem nesta vida não conquista amizades verdadeiras, termina enclausurado ou dependente do divã do analista: o substituto remunerado do ombro amigo! O irmão-camarada é figura tão valiosa em nossa vida, que, quando o chamamos, ele não vem: parece que se materializa, como se ao nosso lado já estivesse presente.

– Tudo bem, Frederico. Mas, quando vivemos qualquer problema psicológico ou trauma mental, temos como primeiro passo o autorreconhecimento de que não estamos bem e, depois, querer e buscar apoio. Nem os amigos nem os profissionais médicos podem ajudar quem não deseja ser ajudado.

– Verdade verdadeira! Porém, mudando de assunto, como é a história de sua família?

– Ah, Frederico, meu avô lutou na Segunda Guerra Mundial, pela Itália. Veio para o Brasil e aqui se casou com uma descendente de alemães.

– Nossa, seu pai estava mesmo decidido a confirmar a parceria – tanto na guerra, quanto na paz.

– Pois é, Frederico, houve um tempo em que fomos até malvistas e tidos como defensores de Hitler. Porém, hoje, com a poeira da discórdia assentada, há espaço para analisar que todo conflito não passa de luta por hegemonia, por domínio. Quem observa bem os dias em que vivemos, vislumbra um mundo bastante "hitleriano", como se sua teoria de supremacia de raças houvesse vencido a batalha. Veja o perfil dos subjugados, dos discriminados, dos abandonados à própria sorte!

– Você tem razão. Vivemos sob o domínio do preconceito e da intolerância, pois o sistema econômico que adotamos não consegue contemplar a todos e, ainda pior, necessita que muitos experimentem os dissabores da miséria para que alguns privilegiados vivam nababescamente.

88

– Eis aí, amigo Frederico: o ambiente de riqueza da vida moderna tem como alicerce um monte de esqueleto. Nosso progresso tem como sustentáculo os excluídos, verdadeiros mortos-vivos!

A noite caía quando se despediu de Mancini. Em casa, Thai já o aguardava aflita.

– Que demora, vô Frede!

– A prosa estava boa e eu fui ficando.

– Pois é, o Moacir, gerente da boate, ligou duas vezes. E mandou avisar que é para o senhor não se esquecer de que seus dias de folga e descanso terminam hoje. Amanhã, à noite, o batente o espera.

– Estou sabendo. Vou passar o terno branco, aquele de linho, que um cliente milionário me trouxe de presente do Exterior.

– E o porquê da chiqueza?

– Quero comemorar o meu retorno, que se dá numa sexta-feira, dia em que a grã-finagem invade a casa.

Frederico jantou e o resto da noite se dedicou à neta Thai e ao pequeno Francisco, ao qual bisavoricava corujamente. Sono maldormido assim nunca teve. No criado-mudo, o 38; na mente, o plano arquitetado para matar o magnata do jornalismo local. Seria num posto de combustível, no qual o festejado Gagá abastecia sua máquina importada todos os sábados, no mesmo horário. Frederico deixaria a boate às 7 horas da manhã e ficaria à espera de seu alvo móvel durante uma hora. Bem-vestido como estava, ao fazer um lanche no bar-lanchone do posto, não levantaria suspeita alguma e, além do mais, o bonachão era metido a popular – daqueles que cumprimentam e abanam a mão até para poste.

Sem conseguir conciliar o sono, Frederico ligou o rádio, sintonizando-o na estação comunitária do bairro – a Voz do Céu –, onde ouviu a notícia de que o Paulinho da dona Cornélia havia sido encontrado. Notou que a neta havia se levantado para amamentar Francisco e foi contente dar-lhe a notícia.

– Que alegria, vô, que bênção, graças a Deus! – Regozijou-se Thai.

– Veja só, Thai, o Paulinho foi apreendido pela polícia e levado para um centro de recolhimento de menores de outra cidade da região metropolitana.

– Que irresponsabilidade, que insensibilidade! – Esconjurou Thai.

De volta ao quarto, Frederico se pôs a divagar: "Não é fácil manter o bom humor nem o ânimo diante dos dias conturbados por que passamos. O noticiário dos meios de comu-

nicação nos dá a sensação de que o mundo se perde na violência e na indiferença em relação às desigualdades sociais. A tristeza é um sentimento normal e que sempre acompanhou o ser humano, porém o entristecimento profundo constrói preocupante e generalizado quadro depressivo, transformando-se em doença social epidêmica, que precisa ser combatida e tratada, pois torna mais frágil o sistema imunológico, aumentando a incidência de gripes e resfriados, além de abrir espaço para o surgimento de males mais graves, como é o caso do câncer".

"Na realidade, é muito difícil controlar o sentimento de tristeza perante uma humanidade que não consegue entrar em acordo sequer para livrar o planeta Terra dos efeitos do aquecimento e modificações climáticas provenientes do lançamento de gases poluentes e danosos à atmosfera terrestre. Infelizmente, no amontoado de aberrações, violência e apelos à exaltação do grotesco e desprovido de valor moral ou cultural, as boas ações e notícias alvissareiras se perdem, ficando estampado apenas o mal e a perversidade. Ambiente assim inadequado se torna nicho perfeito para a eclosão do ovo da serpente da depressão, que provoca perda de confiança, sentimento de culpa e extremo pessimismo, fatores que, somados, desaguam em desequilíbrio do sistema imunológico. Há anos a medicina estuda a interferência das emoções na evolução das doenças, que não surgem por geração espontânea, uma vez que são fruto de todo um processo de adoecimento."

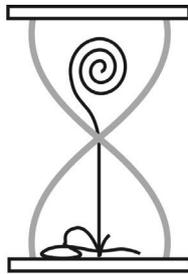
"É inegável que a situação socioeconômica do país atua decisivamente no estado psicológico das pessoas: quem não se lembra do drama e dos vários suicídios provocados pelo sequestro da poupança no governo Fernando Collor? Portanto, os governantes não devem jamais perder de vista

que a administração pública e toda política econômica devem estar voltadas (sempre) para o objetivo de beneficiar as pessoas. Enfim, como o ecossistema natural, todas as ações humanas estão interligadas e têm o poder de causar felicidade ou provocar no ser humano distúrbios fisiológicos, aumento ou perda de apetite, excesso ou falta de sono, agitação ou letargia, bom ou mau desempenho e rendimento no trabalho".

Frederico só se entregou a Morfeu quando deixou sua alma se projetar na visão da cachoeira da chácara do amigo Mancini, onde, em rio de esperança e velado pela lua, mergulhou sua agonia em águas profundas, encontrando, na loucura da lembrança rediviva, o conforto para laços desfeitos e amores perdidos, sob a mediúnica percepção de que mãos do passado ainda remavam a canoa invisível de sua memória. Alguma coisa a ver com ventre de mãe, esperma de pai – vida por renascer e acontecer!

Capítulo VI

93





PRIVACIDADE

**Aonde vou levo minha casa
Minha intimidade está no outro
Perco privacidade se me escondo
Ela existe enquanto me revelo
Por autoestima velo o próximo
Como se cuidasse de mim mesmo
A amizade é joia de anjo
Arranjo divino para nossa sobrevivência**

Carlos Lúcio Gontijo

**É sabendo de onde viemos que podemos medir
quanto andamos e decidir para onde vamos.**

– **V**ô Frede, não são nem 17 horas e o senhor já está pronto. Não vai pegar serviço só às 23 horas?

– Sei disso, Thaí, mas é que preciso tomar pé das coisas por lá e, como chefe do serviço de portaria de uma casa tão grande e bem frequentada, não posso dormir no ponto.

– Sei não, bem arrumado desse jeito só pode ser coisa de algum rabo-de-saia.

– Que nada minha menina! – Respondeu Frederico, caindo na risada.

No ônibus ele se acomodou com a cabeça envolta em pensamentos adornados pelos muitos amigos sinceros que cultivou ao longo da vida. Lembrou de seu pai que sempre fazia questão de alertar que "ateu convicto está mais próximo de Deus que o mau cristão. E inimigo declarado é mais transparente que o falso amigo". E assim, quase duas horas passadas, Frederico chegou à boate.

– Boa-noite, Moacir. É uma alegria estar de volta.

– Bom retorno, caro amigo!

– Antes de tudo, agradeço-lhe a camaradagem e a consideração.

– Nada tem a agradecer. A amizade é para as horas boas e difíceis.

– Isso é verdade, Moacir. É nas intempéries que se

mede a qualidade do cobertor.

– Quantas vezes a dor lancinante nos consome e os amigos somem. Amigos verdadeiros se contam nos dedos.

– Felizmente e graças a Deus, eles ainda existem. E você é um deles! – Cravou Frederico.

A noite misturou-se à madrugada sem que Frederico se desse conta de que a manhã já jogava luzes sobre a maquiagem que torna pardos todos os gatos (e gatas) notívagos – que sabem, por clarividência congênita, que ser sombra no meio da noite é trazer esperança de luz aos amantes da boemia. Não demorou muito e Frederico estava em plena execução de seu plano macabro, manchando de sangue o seu terno de linho branco.

– Bom-dia! – Disse sorridente, batendo no vidro do carro do laureado jornalista Gagá.

100

– Bom-dia, senhor. De que se trata? – Replicou, também sorridente, o jornalista.

– O senhor é o famoso Dr. Galdino?

– Sim. Sou eu mesmo!

– Então, tome aqui o que você merece. Garanhão de uma figa. Seu comedor de adolescentes pobres!

Como costuma acontecer nos grandes centros, onde o temor ampliou a escassez de solidariedade, Frederico saiu andando meio zambo e tomou um táxi para casa sem que ninguém tentasse detê-lo.

– Que é isso, vô Frede? Que suadeira sem fim e que palidez!

– Não é nada não, Thai.

– Como não é nada; vou chamar o médico do posto.

– Não é preciso de médico algum. Eu preciso agora é do ombro dos amigos, a começar de você.

– Que é isso, vô Frede?

– Acabei de cometer uma loucura de caso pensado.

– Como assim? – Entrecortou Thaí.

– Apesar de todo o passado e todo o presente de paz em que sempre viveu a nossa família, eu acabei de cometer um ato de violência. – Disse Frederico, jogando o revólver sobre a mesa no centro da sala.

De repente, o diálogo entre os dois emudece. A televisão ligada anunciava a morte de Galdino Constantino, e Thaí era inteligente o bastante para aferir o que aconteceu. Abraçados, em um só feixe de gente, choraram copiosamente. E foi assim que padre Cesinha os encontrou.

– Gente, o que se deu? Nossa comunidade está em polvorosa. A imprensa está carregando na tinta.

– Imaginava essa ocorrência. Tinha certeza que eles tanto enalteceriam o chefe como despreveriam o Céu Azul como um exemplo de periferia violenta.

– Pois é, Frederico. E, agora, eles o condenarão à prisão perpétua.

– Mas, padre Cesinha, não existe prisão perpétua no Brasil.

– Você é que imagina! Pobre que mata figurão perde todos os benefícios da lei. E, sem eles, a prisão é perpétua. A pessoa só sai da cadeia se morrer.

– E pensar que sou eu o autor de todo esse drama. – Interpôs Frederico.

– Agora não adianta lastimar. O jeito é encontrar a melhor maneira de defendê-lo, vô Frede!

– E é isso mesmo. O mal está feito. A comunidade se reunirá. Vamos contratar o melhor advogado que pudermos pagar. – Garantiu padre Cesinha.

– Poxa, vovô. Eu fiz tudo para lhe demonstrar superação, apesar da dor que toda essa desilusão amorosa me trouxe. E, mesmo assim, o senhor se enveredou pelo caminho da vingança.

– Não o acuse Thaí. Tem gente demais com esse propósito. Infelizmente, o passar dos anos, que nos deveria trazer sabedoria, termina por nos encher de dúvidas. Tudo o que antes era uma certeza se embebe em desconfiança, como se a existência humana não passasse de uma dimensão onde tudo é precário e transitório.

– É isso mesmo, padre Cesinha. É por essas e outras que estamos dispostos a dividir a raça humana em primatas e primários.

– Como assim, vô Frede?

102

– Seriam primatas, Thaí, as pessoas que ainda são capazes de gestos espontâneos e instintivos, marcados pela sensibilidade, doação e amor ao próximo...

– E quais seriam os primários, Frederico? – Arguiu, curioso, padre Cesinha.

– Os primários comporiam o grupo dos que vivem para juntar, que agem como se acreditassem que são eternos ou que haverá espaço em sua urna funerária para guardar sua riqueza material à moda dos faraós.

– Em suma, Frederico, o que você quer dizer é que neste mundo não há mais lugar para a razão. E que, na ausência do homem racional, é melhor ser primata, instintivo. – Concluiu padre Cesinha.

– Isso mesmo, padre, pois os primários, cercados de pompas e privilégios, sentem-se herdeiros do poder divino dos reis. Todos eles têm um quê de Luís XV no comportamento e no salto alto (então sinônimo popular de orgulho e empáfia).

– Então, vô Frede, para o senhor a razão morreu? – Interpelou Thaí.

– É isso mesmo. Sob a razão o homem mata, faz guerra... Alguns endinheirados põem fé no poder da riqueza; outros disfarçam o seu primarismo com orações e Bíblia debaixo do braço, se tornam especializados em apocalipse, enquanto juntam e disputam honrarias terrestres, inclusive a liderança do pastoreio...

– E eu, onde estou nessa sua filosofia, Frederico? – Interveio padre Cesinha.

– O senhor e nós da comunidade do Bairro Céu Azul somos primatas (macacos-gente); vamos vivendo, na sublime oração da confraternização, os nossos carnavais e os nossos amores, bebendo a água, transformada em vinho (e cerveja), no boteco da esquina, completamente cientes de que, se pensarmos muito nas atrocidades a que somos submetidos pelos primários, deixamos a nossa condição de primatas e, sob a luz da razão, vingamos, matamos – reinventamos a bomba atômica!

– Homem de Deus, que foi que você fez? – Gritou Mancini, surgindo do nada.

– Fiz aquilo que meu espírito de pai, avô, bisavô e cidadão me ordenou. – Retrucou Frederico.

– Então é para isso que você foi me procurar para tomar lições de tiro?!

– Foi exatamente para isso. E não se penalize não, pois eu lhe sou muito grato.

– Mas por que você não procurou a ajuda e o conselho dos amigos?

– Não queria cura para a minha revolta. Vocês não sabem, mas eu tentei falar com o ricoço. Porém, ele não quis

conversa e me destratou. Disse que as menininhas pobres saem por aí se oferecendo para todo mundo e, depois, quando se engravidam, buscam responsabilizar o parceiro mais bem situado economicamente. E, além do mais, terminou todo o seu rosário de impropérios com o chiste de uma gargalhada...

Ninguém disse nada; não havia o que dizer. Foi Frederico quem andou com as sandálias do desprezo e da desconsideração; só ele sabia onde o calo lhe apertava.

Na missa das 20 horas, padre Cesinha não pôde fugir do assunto. E a violência foi tema de seu sermão, uma vez que a grande imprensa vislumbrava na comunidade do Bairro Céu Azul a própria encarnação do mal:

"Não é de hoje que o dilema entre o bem e o mal acompanha a humanidade. Caros fiéis, precisamos refletir! E refletir é estender nos varais da mente os pensamentos guardados, que, expostos à luz da razão, perdem o mofô e iluminam o sentido histórico da nossa vida. É sabendo de onde viemos que podemos medir quanto andamos e decidir para onde vamos.

Estamos mergulhados em fundamentalismos de toda a espécie e eles devem ser combatidos e "condenados" ao amor, à compaixão e à valorização da vida humana. Com toda a certeza, todos os males encontrarão o antídoto natural quando o meio ambiente ditar as regras de convivência, subtraindo a importância que sempre se deu à propriedade e à conquista de bens materiais. Haverá um tempo em que a conservação e a preservação da natureza serão o objetivo e a razão da existência humana. Em vez de direitos humanos pautados no paradigma do individualismo, devemos lutar pela implantação de deveres da comunidade e do cidadão em prol do compartilhamento dos ecossistemas naturais que ainda nos restam.

A violência está associada à exclusão social e não à pobreza em si. Aqui, em nosso Céu Azul, todos nós sabemos disso! Por causa do infausto em que nosso amigo Frederico se envolveu de maneira tão lastimável, os jornais antes comandados pelo falecido Galdino Constantino estão rotulando nossa comunidade como fulcro de violência. Nós sabemos que a grande maioria resiste. Não obstante serem vítimas da ausência e omissão do Estado e da indiferença da sociedade organizada, que, cada vez mais, se une em torno de seus próprios interesses. Não podemos dar ouvidos às manchetes sensacionalistas com as quais ora nos atingem. Nossa paróquia e nossa associação comunitária reconhecem que boa parte dos crimes violentos tem seu início nas áreas que padecem de vulnerabilidade social, nas quais, além da evidente desordem, faltam escolas, postos de saúde, lazer e todo aparelho de presença do Estado se faz ausente, abrindo brecha para o surgimento de chefes do submundo do tráfico e a imposição de regras e normas de fundo e origem criminosa às comunidades. Deus está conosco, oremos para que a mente de nosso Frederico encontre alguma paz dentro dessa provação por que passa".

E todos os presentes oraram, inclusive Thai, que, com o filho Francisco nos braços, se fazia acompanhar de Mancini, que, após o incidente, não a abandonou por um minuto sequer, pois se condoía em incontrolável sentimento de culpa, certamente contaminado e agravado pela recordação da noiva que morreu na garupa de sua moto.

– Que belo sermão, hem Thai?

– Sim. Muito bonito e dentro dos preceitos cristãos de não julgar nem prejudicar.

– Repassar esse sentimento é importantíssimo num

tempo de tanta intolerância e barbárie. – Complementou Mancini.

– O que me dói é ter de reconhecer que a violência nos dias de hoje é bem pior, uma vez que a civilização do conhecimento abandonou a sabedoria e pratica o mal conscientemente.

– Você tem toda a razão, Thaí. É muito triste a convivência e a aceitação de tanta pobreza como um fenômeno natural.

– Meu vô Frede conta que certa feita fizeram a autópsia de um trabalhador que havia assaltado um banco numa cidade grande do Nordeste brasileiro. O infeliz, que morrera fuzilado, tinha apenas um pouco de farinha no estômago, pois não comia há pelo menos três dias.

– Que horror, Thaí! Que drama social! – Interrompeu Mancini.

106

– Vô Frede, toda vez que relata esse fato, gosta de assinalar que o estômago desse homem pode ser analisado pelos abastados como uma simples peça anatômica, porém o que ele nos revela – em foto três-por-quatro tirada nos lambelambes da miséria sem alimento nem saliva – é a história de vida de um ser humano abandonado à própria sorte.

– Esse seu avô é mesmo cheio dos casos e exemplos de vida! – Asseverou Mancini.

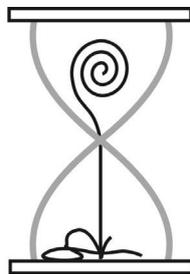
– Também pudera, o pai dele foi músico conceituado. A casa em que morava era frequentada pela nata intelectual da época. E ele foi aprendendo.

– Pode até ser, Thaí, mas ele tem o mérito de ter realmente aprendido e, mais ainda, de ter observado naquela convivência que o destino lhe oferecia uma oportunidade. Ou seja, o cavalo passou arreado e ele montou.

Thaí sorriu palidamente. Já estavam à porta de sua casa e seria muito difícil enfrentar o vazio do lar sem o avô, que já havia sido levado pela polícia. Rosa Maria, sempre amiga e solícita, a esperava, para lhe fazer companhia, naquela que seria a mais longa noite de sua vida de menina-moça, que se tornou mais uma menina-mãe no país de licenciadas poéticas, políticas, religiosas, morais e sexuais.

Capítulo VII

109





CENSURA

**Deixo a palavra correr
Como se a polícia fosse chegar
Matar ou morrer!
Para a poesia acontecer
Eu tenho que me entregar...**

111

Carlos Lúcio Gontijo

**Ser verdadeiramente sensível é
poder perceber no papel
a sombra da árvore sacrificada.**

- Boa-noite, Thaí. Já vi minha novela e estou morta de sono.

– Pode ir dormir, Rosa Maria. Só vou amamentar o Francisco e também vou procurar a cama.

E assim tentou proceder Thaí. Francisco, de fralda trocada e alimentado, dormiu feito um anjo, mas ela não conseguia pegar no sono. Rolava de um lado para o outro, e nada. Então levantou-se e foi, inconscientemente, bisbilhotar os guardados do avô, como se mexer em seus pertences o colocasse mais próximo. Na parede do quarto havia um pôster do tempo em que ele jogava no Clube Azul Celeste, o Esquadrão, como ele gostava de falar. Bem ao lado do quadro, a frase: "No jogo da vida o segredo é jogar e deixar jogar, pois viver é um esporte coletivo".

Abriu o armário e teve sua atenção chamada para uma gaveta com um papel colado e o aviso: Meus escritos. Cuidado! Ela cresceu com o avô Frede sempre sonhando em um dia editar um livro. Mas como? Quem liga para escritor no país? As editoras optam por assuntos menos densos, mais comerciais. Nada de temáticas que levem à reflexão, pois o que prevalece é o lazer, a cultura da imagem sobrepondo à palavra.

Thaí se surpreendeu com o título do livro "Minhas

três Tês". Que título estranho – avaliou. Mas logo se lembrou de que era uma homenagem a ela (Thái), à esposa (Teresa) e à filha (Telma). Não conteve a curiosidade e começou a lê-lo, ou melhor, a folheá-lo encantada. Logo no início, o avô ensinava: "Ser poeta é ter a humildade de deixar a poesia acontecer". E pensou: "Será, vou testar. Mas que tema escolher para meus versos? Passei por tanta coisa nas últimas 24 horas, porém o que mais me chateou foram os rótulos e as pechas que a grande imprensa lançou sobre a nossa comunidade, como se todos nós fôssemos bandidos. Já sei, vou escrever sobre isso. Se vô Frede está certo, este é o momento. Estou com a mente tão aberta que posso afirmar que ser verdadeiramente sensível é poder perceber no papel a sombra da árvore sacrificada". Daí, então, sem mais nem menos, ela, que nunca havia feito um poema, começou a escrever...

116

RÓTULO: *Visionário sem visão / Janela sem cortina / Amor sem coração / Olho sem retina / Político sem mandato / Prato sem fundo / País sem mapa / Mundo sem sina / Cana sem garapa / Padre sem batina / Carpideira sem pranto / Água sem mina / Santa sem manto / Espírito sem incenso / Festa sem canto / Sabedoria sem senso / Mãe sem parto / Quarto sem sono / Gravidez sem enjoo / Rei sem trono / Pássaro sem voo / Escravo sem dono / A vida acontecendo / Sem a ferida do rótulo / Simplesmente amanhecendo...*

– Rosa Maria, Rosa Maria, lembra!

– Meu Deus, o que aconteceu? Ajude-me, Senhor!

– Não é nada não. Veja só, eu fiz um poema!

– Mas precisava me acordar no meio da noite? Que horas são?

– Precisava sim. Agora eu sei como meu vô Frede se sente e, também, como se sentia o meu bisavô Manoel.

– Já era tempo de a sua veia poética aparecer, afinal você é da família.

– Pois é, Rosa Maria, então me escute. Vou ler para você.

– Muito bonito. Parabéns. Entretanto vamos dormir, pois amanhã o dia será longo, com muito trabalho e imprensa de plantão atrás de nós. – Profetizou Rosa Maria.

– Sei disso. Mas, o Mancini, que já foi assessor de imprensa, disse que vai tomar conta da questão com os jornais. – Amenizou Thaí.

– Tomara, pois essa gente enfia o microfone na boca do pobre e tem por missão escrachetar tudo que encontrar pela frente, em nome de uma boa manchete. – Alertou Rosa Maria, apavorada com o assédio da imprensa.

Thaí adormeceu com o poema nas mãos. Feliz por poder se expressar poeticamente e admirada com o valor da comunicação escrita. Na primeira visita que fizesse a seu avô na prisão, levar-lhe-ia o poema, pois tinha certeza que, para ele, aqueles versos seriam um refrigério, sentiria neles o fruto do húmus com que procurou fertilizar os canteiros de sua vida.

O dia amanheceu ensolarado e o primeiro compromisso era comparecer à reunião marcada na associação do bairro, onde as lideranças comunitárias traçariam um plano de defesa, não apenas para o seu avô Frederico, mas também para a própria comunidade, que passou a frequentar as páginas policiais do jornal *Trama Diária* e da revista *Mais/É* com estardalhaço e má intenção, uma vez que a meta era lançar sobre o bairro o estereótipo de núcleo de violência e criminalidade.

– Queridos amigos, sinto-me na obrigação de auxiliar a nossa comunidade em seus contatos com a imprensa, colo-

cando a seu serviço toda a minha experiência como ex-asser-
sor de comunicação em órgão governamental. Porém, desejo
que minha posição seja ratificada por um simples plebiscito.
Ou seja, vamos distribuir um papel para que nele as pessoas
presentes coloquem sim ou não à pergunta se querem ou não
ser representadas por mim junto aos órgãos de imprensa.

– Vamos logo com isso. É claro que queremos,
Italiano! – Bradou Alemão, que já não suportava mais os
questionamentos dos repórteres.

– Calma gente. Temos que fazer tudo de forma trans-
parente e legal. Vejam ali do lado, a reunião está até sendo fil-
mada pela Laura, que é estudante de jornalismo e pretende,
mais tarde, escrever uma tese sobre o relacionamento da gran-
de imprensa com as comunidades. – Interveio padre Cesinha.

Não demorou muito e o resultado da votação foi anun-
ciado, evidenciando todos os temores e toda a insatisfação da
comunidade com a cobertura tendenciosa da grande mídia.

– A incumbência que me outorgam democraticamente
é de muita responsabilidade, porém, para que eu obtenha
sucesso, é necessário que confiem em mim. De agora em
diante, eu sou o porta-voz de Thai, de Frederico e de toda a
comunidade. Podem responder a toda pergunta com um sim-
ples "fale com o assessor de imprensa da comunidade".
Espero contar com a nossa rádio e o nosso jornal comunitá-
rios, que nos têm defendido com todas as forças.

– E é bom que se diga, Mancini, que há muito a revis-
ta e o jornal, que agora nos atormentam e perseguem, experi-
mentam uma grande queda de venda nas bancas de nosso
bairro. E isso não é fato observado nesta semana em que se
deu o funesto assassinato, mas está apontado em pesquisas
antigas. A verdade insofismável é que, há muito, os grandes

jornais abandonaram as questões fundamentais para o povo. Estão voltados para a propagação de falsos valores e endeu-samento de ídolos desprovidos de trabalho capaz de contri-buir para o enriquecimento das pessoas.

– Pois é, padre Cesinha, e depois reclamam da vio-lência em que vivemos! – Acrescentou Mancini.

– Eu senti isso na carne, quando o meu filho Paulinho foi pego numa *blitz* policial. Apesar de ser menor de idade, uma criança, foi apreendido sem qualquer comunicação aos pais. E eu fiquei maluca. – Protestou Cornélia.

– Nós, os pobres, não dispomos de meio de informa-ção. Nossa gente só sai no jornal se estiver metida ou envol-vida em algum ato criminoso. É como diz a Almerinda, que trabalha na cozinha de meu bar: "página de polícia dos jornais é coluna social de pobre" – Enfatizou Alemão.

– *O Céu Jornal* tem o seu sucesso alicerçado na pro-ximidade com a comunidade, um contraponto ao esqueci-mento que a grande mídia nos impõe. – Demarcou Mancini.

– É isso mesmo, os cadernos de cultura dos jornalões não cobrem as atividades artísticas que ocorrem nas perife-rias, nos aglomerados. Fica parecendo que os pobres são uma outra espécie, ou melhor, vivem sem arte, sem lazer. Não há espaço nos cadernos de cultura para o canto e o samba que rolam em nossos terreiros. – Acrescentou Artur.

– E como o assunto é exclusão cultural, no sentido de cobertura da grande mídia, pois movimentos artísticos e rodas de samba nós temos muitos, desde o meu bisavô Manoel, tanto é que de vez em quando um de nossos ídolos locais vence o cerco e se consagra, quero tomar a liberdade de ler para vocês o meu primeiro poema que, certamente, não sairá em nenhum grande jornal...

– Mas será publicado no *Céu Jornal!* – Prontificou Afonso Celso, diretor do veículo comunitário.

– E pode ir declamá-lo no microfone da rádio *Voz do Céu!* – Garantiu Valdomiro Magalhães, dono do veículo radiofônico.

E assim, sob aplausos e sentimento de redenção, a comunidade ouviu a leitura do poema Rótulo. Mais que contente pelos versos que fez, Thaí saiu da reunião ciente de que o império de Gagá iria encontrar contendor à altura: seus jornais e sua família entrariam com a força da grana, e seu avô com a energia do voluntariado comunitário.

Os dias se passaram agitados, com a estratégia de Mancini funcionando com eficiente vigor e tendo como digladiadores fiéis a rádio e o jornal comunitários, que fizeram valer a sua condição de quebra-gelo da notícia. A tal ponto que o jornal *Trama Diária* e a revista *MÉ*, encalhados nas bancas do bairro, ensaiaram uma distribuição gratuita infrutífera, pois descobriram que eles não eram ouvidos, não eram lidos e, se lidos, não eram levados a sério. Em suma, eles não tinham poder nem capacidade de circulação no Bairro Céu Azul e, ainda pior, o entrevero desmitificou o império, colocando-o nu aos olhos de toda a sociedade, que de repente descobriu que, por detrás da aparente pujança, estava uma grande imprensa de baixa tiragem e circulação, compensada com enorme prestígio junto ao governo que praticamente a sustentava.

Os azares da cobertura parcial e tendenciosa dos veículos *Trama* e *MÉ* começaram quando descobriram que a mulher de Frederico havia sumido. O retrato de Teresa, desaparecida há 18 anos, foi estampado em todos os jornais. Frederico foi, nas entrelinhas, colocado sob suspeita. Acusado de homem violento e que constantemente agredia a mulher.

– Vô Frede, o que é isso? Nada sei, pois não era nem nascida! E os jornalistas estão nos enchendo de perguntas. – Disse Thaí, com um jornal debaixo do braço, durante providencial visita.

– Não tem nada disso. Esforcei-me tanto para encontrar sua avó Teresa, que até vendi um apartamento que herdei de meu pai, para custear panfletos com fotos dela, que esparramei por toda a região metropolitana e algumas cidades do interior. Para início de conversa, tem toda uma documentação a respeito lá em casa. Abra o armário e passe tudo para o advogado.

– Vou fazer mais do que isso. O *Céu Jornal* está nos dando o maior apoio. Vou tirar cópia para ser publicada. Assim, a comunidade ficará sabendo toda a verdade. – Conjeturou Thaí.

O imbróglio em torno do desaparecimento de Teresa aqueceu o caldeirão de maldades dos veículos *Trama* e *MÉ*, que, de um lado, elegeram Frederico como o diabo e, do outro, elevaram o libidinoso Gagá ao patamar de anjo. Entretanto, a providência divina cuidou de agendar uma coincidência fatal.

No afã de maximizar o noticiário relativo ao assassinato de seu diretor, *Trama* e *MÉ* aumentaram suas tiragens, chegando a lugares dantes nunca aportados, pois o objetivo era influir de alguma maneira no julgamento e condenação de Frederico. E dessa maneira (e por isso) exemplares do *Trama* foram vendidos num lugarejo denominado Arraial da Pedra.

– Alô, é da casa do marido de dona Teresa?

– É sim!

– Com quem falo?

– Aqui quem fala é Thaí, neta dele.

– Oh, minha filha, tenho uma notícia ruim para lhe passar. Porém, creio que é melhor a certeza do que a eterna dúvida!

– Como assim, o que foi?

– Sua avó chegou em nosso arraial sei lá como e completamente sem memória nem documento. Tinha um enorme hematoma na cabeça. Nós cuidamos dela com todo o carinho, pois tínhamos certeza de que era um problema de amnésia. A aparência dela, o jeito educado com que tratava as pessoas nos assinalavam sua origem: vinha de lar bem constituído.

– Mas, e daí? – Exasperou-se Thaií.

– Daí é que ela ficou em nossa casa de assistência, mantida pela paróquia local, durante seis meses. E, quando dava sinais de recuperação, sofreu um ataque cardíaco fulminante.

122

– E como você nos encontrou?

– Meu nome é Celma. Nunca havia lido o jornal *Trama Diária*, porém, pela primeira vez, ele chegou em nosso arraial. Quase desmaiei quando deparei com a foto de Teresa.

– Muito obrigada, Deus lhe pague, não apenas por este telefonema, mas, sobretudo, por ter cuidado com carinho de minha avó em seus últimos meses de vida. – Agradeceu Thaií, banhada em pranto.

Ao ser informado, pesaroso, Mancini não deixou de vislumbrar, no inaudito acontecimento, um trunfo material para a defesa de Frederico.

– Fico triste, mas dona Teresa era uma cicatriz aberta no peito de seu avô. Agora a ferida, que por tanto tempo sangrou, finalmente fechará. – Avaliou Mancini

– Tenho que informar a meu avô, mas hoje não é dia de visitas ao presídio. – Lamentou-se Thaií.

– É só informar aos advogados de defesa contratados pela comunidade. E por falar nisso, que prestígio ostenta o seu avô, que glória ver um monte de gente se mobilizando por ele.

– Festejou Mancini.

– Não tem preço tamanha demonstração de estima e carinho. – Acrescentou Thai.

– É tão impressionante que os jornalões não estão sabendo como agir. São metidos a investigar e não perceberam o avanço do poder das associações comunitárias e do voluntariado, que caminham sem o ordenamento burocrático de organizações não-governamentais, que, na maioria dos casos, têm no trabalho comunitário ou na defesa do meio ambiente uma oportunidade de status e promoção pessoal de seus fundadores e dirigentes, sob os holofotes da grande mídia. – Diagnosticou Mancini.

– Pois é, agora estão aí, atirando por todos os lados e completamente apavorados com a liderança comunitária de meu avô.

– Às vezes me ponho a imaginar como está sendo difícil a vida dos jornalistas destacados para cobrir o assassinato do patrão. Saem com obrigação de noticiar o lado ruim de seu avô Frederico e só encontram boas-novas, as quais eles são obrigados a noticiar como novas ruins. E o grave da questão é que, para os editores, o bom, o benfazejo, não vende. Em todo fato digno de elogio, eles sempre pinçam o lado negativo. E, ao fim de tudo, o que fica explícito é que a opção por esse tipo de cobertura jornalística, tida como indispensável norma prática, subtrai dos jornais um predicado importantíssimo, com o qual eles poderiam enfrentar o avanço da internet: a confiabilidade. – Ensinou Mancini.

– Não sei o que eles farão para retomar as rédeas da

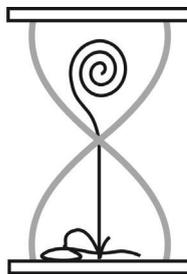
situação. Ainda mais depois que o *Céu Jornal* descobriu, ou melhor, vieram-lhe à porta humildes pais de família que tiveram suas filhas seduzidas pelo tal de Gagá, que, pelo jeito, deve ter recebido essa alcunha numa alusão ao seu comportamento sexual de "galinha" – Concluiu Thai, arrancando uma sonora risada de Mancini.

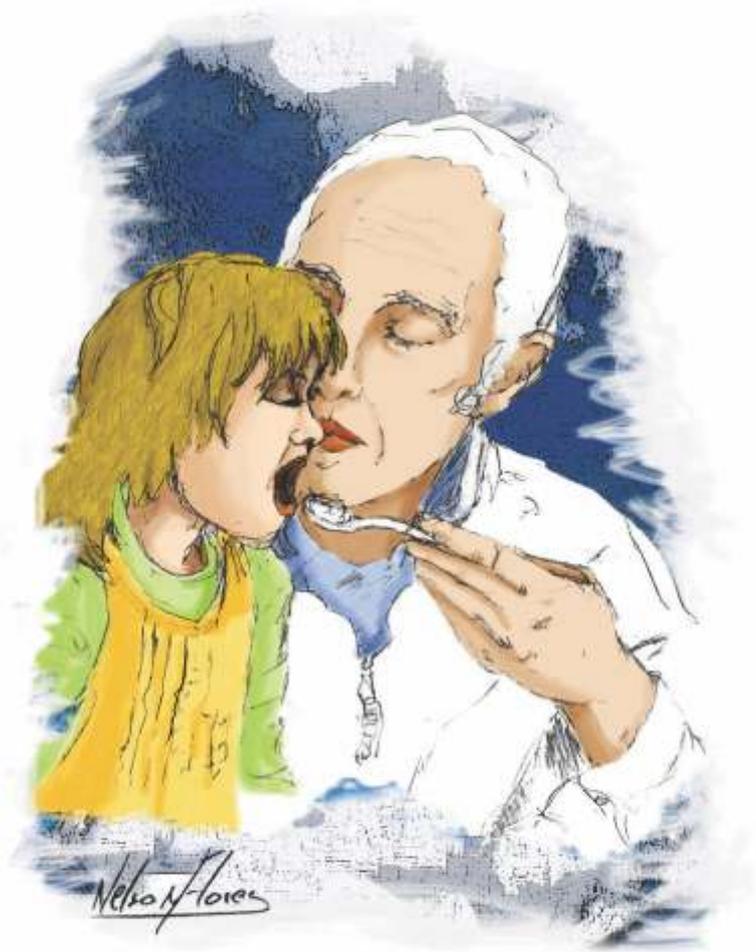
– E olha que agora o laureado homem da imprensa – o Gagalinha, como você disse – está inserido no abominável grupo dos pedófilos, pois uma das meninas seduzidas por sua lábia, e, hoje, mãe de uma garota de três anos, manteve relacionamento com ele aos 13 anos.

– Pois é, Mancini, esta é a sociedade em que vivemos: cheia de corruptos, monstros sociopatas e tarados de colarinho branco; todos com muito dinheiro, mandato ou poder político, et cetera e tal.

Capítulo VIII

125





O PAI

**Presença de pai diante dos filhos
Licença para ceder ou tomar a palavra
Sair para pescar em rio sem peixes
E voltar com feixes de sabedoria
Pois que criar às vezes não é dar
É gerar alegorias e possibilidades
Alegrias e realidades imateriais**

127

Carlos Lúcio Gontijo

**Deus inventou os pais para livrar os
meninos-Jesus das Jerusaléns sitiadas.**

Padre Cesinha se dispôs a cuidar do traslado dos restos mortais de Teresa, que havia sido sepultada como indigente e desconhecida em Arraial da Pedra, onde se tomou conhecimento que ela recebeu o apelido de Bonita, pois, ao buscar ajuda em uma casa, o garoto que a atendeu gritou: Mãe, tem uma mulher bonita querendo falar com a senhora.

Nesse ínterim, Mancini e os advogados de Frederico procuravam inteirar-se sobre a maneira, ou melhor, em que circunstância se deu o desaparecimento de Teresa. Então, pelo que se pôde levantar e apurar, por meio de investigações e novas testemunhas que surgiram, é que Teresa foi violentamente atacada depois de ter feito um saque bancário. Consta que ela bateu a frente no meio-fio do passeio em que foi agredida por dois jovens, tão robustos quanto vazios de respeito à vida e amor ao próximo. Arrebatada por imensurável pânico, Teresa entrou em estado de choque seguido de perda de memória. A partir daí, como o local é ponto de passagem de muitos caminhões, algum caminhoneiro lhe deu carona e, sem destino, ela desceu em Arraial da Pedra, talvez conduzida e seduzida pela paisagem bucólica do lugar, que a fez lembrar da Rua Ipanema em que morava.

A essa altura, o estardalhaço das manchetes dos veí-

culos de comunicação do falecido Galdino Constantino, que, num arroubo de extrema crueldade, propagavam a hipótese de Frederico ter sido o responsável direto pelo sumiço da esposa, já baixava o tom. A reviravolta proporcionada pelo encontro dos restos mortais de Teresa provocou o afastamento dos demais jornalões, que cuidaram de saltar fora da canoa furada em que se meteram e, ao mesmo tempo, de torcer para que a ação de reparação por danos morais impetrada pelos advogados de Frederico não os alcançasse.

Sem muito esforço nem qualquer empecilho, os advogados conseguiram a liberação de Frederico para assistir ao sepultamento da esposa.

– Thaí, você não sabe o peso que retiro de minha mente e de minha alma. Quantas e quantas vezes corri para atender a campainha pensando que poderia ser ela. Muitas foram as vezes que, ao avistar um vulto de mulher caminhando ao longe, me deixava levar pela esperança de que pudesse ser a minha Teresa.

– Não sei, mas imagino, vô Frede. Ainda mais que, pouco tempo depois, o senhor teve que enfrentar a morte de minha mãe Telma, sua única filha.

– Neta querida, você é nova ainda, mas um dia sofrerá a dor da ausência e descobrirá que saudade é uma lágrima correndo descalço, na ponta dos pés e silenciosamente, no coração da gente.

– Quanta filosofia poética, vô Frede! – Balbuciou Thaí, mergulhada em pranto.

Depois de toda a concorrida cerimônia fúnebre, que deu muito trabalho ao padre Cesinha e, em especial, a Mancini, que não mediu esforços para manter a grande imprensa fora do cemitério, sob o objetivo exclusivo de

garantir privacidade à família e à comunidade, que tinham o direito de demonstrar afeto e calor humano sem a contenção imposta pelos holofotes indiscretos da mídia, Frederico se dirigiu rapidamente à sua casa, a fim de curtir o bisneto Francisco e revigorar-se através da energia emanada do lar, onde pessoas e objetos se entrelaçam numa só matéria.

Para sua surpresa, lá o esperavam alguns repórteres do *Céu Jornal* e da rádio *Voz do Céu*. Era mais uma arrumação do assessor de imprensa Mancini, sempre com o objetivo de deixar tudo claro e transparente para a comunidade, que se tornou fio condutor e propagadora de toda a verdade no tocante ao assassinato do jornalista Gagá. Inspirado, Frederico se pôs a falar.

– Não tenho o assassinato de Gagá como incidente que quero inserir em minha biografia. Lamento muito que o filho caçula do empresário estivesse no veículo, dormindo no banco de trás. Ele só tem dez anos e, certamente, carregará a violência a que assistiu pelo resto da vida, estendendo-a em seus relacionamentos e atividades. Temo que, no futuro, quando ele ocupar o lugar do pai, se torne um chefe insensível, pautando sua administração numa espécie de vingança contra o mundo, contra a tragédia do berço destruído.

– O senhor não sabia que o menino Galdino Constantino Filho estava no carro? – Perguntou uma repórter.

– Não, eu não sabia. E, se o tivesse visto, eu não teria cometido o assassinato naquela hora. Minha desavença era só com o pai, jamais passou pela minha cabeça estender a ira que me dominava a toda a família – ainda mais a um menino de dez anos.

– O senhor está sendo visto como justiceiro. O que acha dessa conceituação? – Inquiriu outro jornalista.

– Não se faz justiça derramando sangue; o que fiz não é exemplo a ser seguido. Todo o apoio que tenho obtido da população é lastreado pelo amor, por uma vida dedicada a salvar vidas e acolher os pobres e abandonados. O trabalho social realizado por minha família desde meu pai Manoel é que é exemplo a ser seguido. É disso que me vanglorio.

– Que lição o senhor tira dos acontecimentos em que se envolveu?

– A principal lição é que ninguém tem o direito de tirar a vida de seu semelhante. Mas também, mais que nunca, carrego a certeza de que é preciso amar e respeitar a proximidade. Todo cidadão, por mais poderoso e endinheirado que seja, não pode se colocar acima dos conceitos, normas e regras que regem a convivência em sociedade. Excesso de tirania nos rouba as palavras. E quando ficamos sem palavras, cessa o diálogo, perdemos o chão. Então, sem caminho, o que nos sobra e nos resta é a violência. Que os governantes fiquem em posição de alerta, pois há uma quantidade descomunal de pessoas que já perdeu a esperança e nem tem mais adjetivos para explicar o porquê de viver sob o signo de tanta dor, tanta miséria, tamanho abandono. Enfim, não há mais palavra que sirva de consolo para o cidadão pobre e maltrapilho.

E, assim, diante de tão belo desfecho, Mancini se levantou e declarou encerrada a entrevista. Mal saíram os jornalistas, Thaí se aproximou do avô, que logo lhe perguntou:

– Como você está com o Mancini?

– Ué, por que pergunta isso?

– Estou vivo, Thaí. A prisão está no mundo e lá as notícias também chegam.

– A gente ainda está no chove não molha. Não tem nada firme.

– Mas ele é um bom moço, Thaí.

– O senhor já me disse isso de outra feita. Porém, eu continuo com o pé atrás. Os olhos do meu coração o veem muito misterioso. Há nele um quê de nuvens sombrias, um cenário escondido e macabro.

– Chega, Thaí. Você está descrevendo um filme de terror e não a pessoa que lhe vem cobrindo de demonstrações de amor, atenção e carinho.

– Desculpe-me vovô, mas é o meu sexto sentido feminino, trazendo-me à tona visões e premonições.

– Deixa essa bobagem de lado e se entregue à realidade que se lhe apresenta.

– Vou pensar direitinho no caso, vô Frede. – Encerrou Thaí o assunto, dirigindo-se para a cozinha, onde Rosa Maria preparava os quitutes tão apreciados pelo avô.

Quando voltou, Frederico retomou a conversa, pois tinha medo do futuro, não sabia nem a quanto tempo seria condenado pela morte do Gagá nem como se daria o cumprimento da pena.

– Então você vai mesmo pensar no assunto?

– Já disse que vou mergulhar meu pensamento na questão.

– Lembre-se, minha neta, de que é muito importante que seu filho tenha um pai, uma referência masculina em sua criação. Deus inventou os pais para livrar os meninos-Jesus das Jerusaléns sitiadas.

– Gostei da metáfora, pois as Jerusaléns sitiadas ainda são muitas neste mundo. – Aferiu Thaí, puxando o avô pelo braço até a mesa, onde lhe foi servido um saboroso lanche e, depois, cumprindo decisão judicial, com sacolas de guloseimas e lembranças na memória, ele retornou,

sob escolta, para o presídio.

A facilidade com que conseguiram a liberação de Frederico para assistir ao enterro de Teresa encheu de ânimo os advogados, que prepararam documentação para um *habeas-corpus*, visando à liberdade de Frederico até o julgamento. A estratégia decidida foi ficar à espera da sentença sobre a indenização por danos morais, pois tal decisão poderia ter o poder de amenizar a visão de toda a sociedade no tocante ao crime cometido. Assim pensado, assim foi providenciado e feito.

O jornal *Trama Diária* e a revista *Mais/É* perderam o fôlego, pois a tática do anjo (na figura de Gagá) e demônio (representado por Frederico) não colou – caiu por terra. A quizila só serviu mesmo para promover o *Céu Jornal* para além das fronteiras do bairro em que circulava há 50 anos, atuando como ferramenta aglutinadora de uma comunidade composta por mais de 200 mil pessoas. Empresários e agências de publicidade descobriram um excelente veículo de comunicação, no qual o combustível era constituído por credibilidade, proximidade, calor humano, sensibilidade e extrema valorização do trabalho comunitário voluntário e das manifestações artísticas de raiz, que não conseguem acesso às verbas destinadas à cultura, que atendem somente aos graúdos, aos notórios festejados pela grande mídia, que, apesar de poderem andar com as próprias pernas, jamais abandonam o patrocínio oficial.

E eis que chega o dia de advogados e representantes dos diretores do *Trama* e da *MÉ* se assentarem à mesa para, em primeira audiência, tratar da querela sobre a indenização, que terminou fixada em R\$1,5 milhão. A empresa de comunicação estava desgastada, seus diretores queriam mesmo é se

livrar do problema e iniciar logo uma operação de soerguimento, a fim de recuperar a circulação de seus produtos drasticamente afetados pela operação de guerra que montaram para exaltar as qualidades de um de seus diretores. Depois de muita discussão, fecharam o acordo em R\$1 milhão.

A notícia circulou mais rápido que fogo de morro acima em dia de calor e ventania. Mancini instruiu e solicitou à direção do *Céu Jornal* que publicasse a informação sem estardalhaço, sem tom provocativo ou colocando-a como se fosse uma vitória sobre os detratores, pois tal procedimento poderia causar o mesmo efeito contrário que aniquilou os adversários. Afinal, não era preciso exagerar nos argumentos – a causa estava ganha.

Da prisão, sem comemoração nem euforia, Frederico deu a ordem: separem R\$600 mil e com o resto comprem ações da companhia de petróleo e da líder em aço e mineração. Porém, pediu que Thaí fosse conversar com ele urgentemente. E ela não se fez de rogada, atendendo imediatamente ao avô, que já experimentava algumas regalias no presídio.

– Olha Thaí, os R\$600 mil é para a gente investir na arte de nossa família.

– O senhor está falando de quê?

– Primeiro de gravar as músicas compostas por meu pai, o seu bisavô Manoel; em segundo lugar publicar o meu livro e, em terceiro lugar, mandar rodar o seu livro.

– Mas eu só fiz o primeiro poema!

– Então mande brasa. E você está com sorte, pois vai escrever sob a certeza de que seu trabalho será editado. Privilégio que Manoel e eu não tivemos.

– Nossa, não vamos gastar tudo isso apenas com esses três trabalhos!

– Sei disso. Porém, pretendo melhorar a Biblioteca e Espaço Cultura Maestro Manoel, onde nossos artistas se apresentam de maneira precária. Acredito que, com alguns retoques, o local poderá proporcionar mais conforto ao público e, ao mesmo tempo, dar condições técnicas de os nossos astros comunitários desenvolverem de forma mais adequada o inegável talento que possuem.

– E quanto às ações? – Indagou Thaí.

– Vou comprar R\$400 mil em ações, já em nome de Francisco. Ele acabou de vir ao mundo e ação é negócio de longo prazo, quando completar maioridade, Francisco com certeza será um jovem rico.

– E, por outro lado, parte dos R\$600 mil que investiremos em arte terá retorno. Os CDs do bisavô Manoel se esgotarão rapidamente. – Previu Thaí.

138

– Pois é; e se não voltar, se tudo redundar em fracasso, você não ficará tão mal assim, pois tudo o que tenho é seu! Você tem a casa em que moramos, dois lotes e um bom apartamento que meu pai comprou financiado pelo sistema de habitação e foi quitado com a sua morte.

– Não precisa se preocupar com essas coisas, vô Frede!

– É preciso sim. Faço questão de lhe dizer tudo isso, para que você não fique pensando que sou louco.

– Vô, não carecia explicação. O senhor só não foi linchado moral e publicamente pelos grandes jornais graças à mobilização da comunidade. Não havia como, conhecendo-o como eu conheço, o senhor sair dessa história com o bolso cheio de grana.

– É isso mesmo, Thaí. E, além do mais, eu passaria à comunidade a idéia de que matar vale a pena.

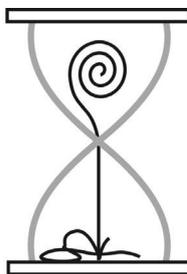
– E tem mais. Agradeço-lhe pela preocupação com o futuro de Francisco. Tranquiliza-me o fato de as ações ficarem no nome dele. Já pensou: eu sou muito nova e, de repente, arrumo um parceiro esperto que me leva à falência!

– Cruz-credo, Thaí. Você jamais cairá numa cilada dessa.

Assim, saltitante e feliz, Thaí – que comemoraria 16 anos no final daquela semana – deixou a visita como se tivesse ganhado um presente impagável. Haja milhão para pagar honra, princípio, dignidade e tantos outros patrimônios morais e culturais indispensáveis à convivência humana. Seu "avô-pai" lhe havia passado mais uma lição de vida – não por meio da palavra, da oratória, mas através do gesto puro e santificado, que lhe caiu no peito em forma de oração.

Capítulo IX

141





Nelso Flores

JADE

**Jade que cinge o meu caminho
Esfinge que me fascina
Menina que a minha alma tinge
Que no manejo libidinoso das mãos
Tira do meu esquecimento o jogo do desejo
Colocando-me sobre o fogo do amor
E mais que nunca sinto-me vivo
Deixo então o meu corpo queimar-se
E ao seu degustar me sirvo!**

**As palavras de amor são escovadas, uma a uma,
e enfeitadas com iluminuras para agradar
aos olhos do coração.**

Não deu outra. Frederico recebeu o benefício de responder em liberdade o processo pelo crime que cometeu e saiu da prisão, disposto a recuperar o tempo e a sorver cada minuto de vida. A tristeza absoluta por que passou serviu de antídoto para o distúrbio bipolar de que padecia. Internamente, havia encontrado o meio-termo: não havia a coisa-má das histórias de ficção, mas em compensação nada nem coisa alguma era completamente boa neste mundo de pecados e imperfeições. Tinha consciência de que havia virado notoriedade e não queria difusão exagerada, pois, infelizmente, depois de tantos anos de trabalho comunitário voluntário, auxiliando na construção de uma comunidade progressista e ordeira, não pelo silêncio das filas e da desigualdade, mas pela eficiência do atendimento social devidamente bem montado, ele ficou "famoso" pelo cometimento de um crime. Por não querer causar constrangimento, ele se viu na obrigação de pedir dispensa na boate. Porém, o dono do estabelecimento optou por demiti-lo, a fim de que ele recebesse os 40% de multa sobre o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em reconhecimento aos serviços prestados, que iam além da simples chefia do serviço de portaria, pois Frederico era responsável pela seleção de shows e repertório musical. Ou seja, exercia o

papel de produtor cultural. Logicamente, a boate só apresentava o que estava no auge do sucesso, com o apelo de público, porém Frederico só abria espaço para o que de melhor podia extrair dentro do mercado voltado para produtos descartáveis ou meramente comerciais.

– Não era preciso, Moacir! – Ponderou Frederico ao gerente.

– É claro que era e é. Afinal, você continua necessitado de alguma grana.

– Por que, camarada?

– Deixe de ser tolo, meu amigo. Nós estamos sabendo de seu gesto de caridade e sensibilidade comunitária.

– Mas eu não quero recompensa financeira!

– Nós não o estamos remunerando, prezado Frederico, nós o estamos premiando.

148

Isso ocorrido, Frederico reuniu as lideranças comunitárias para tratar dos planos de revitalização da Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel, enquanto Thaí se responsabilizou pela gravação dos CDs do bisavô, o que exigiu dela ampla pesquisa junto aos moradores mais antigos do bairro, a fim de não escapar nenhuma composição marcante de sua vasta obra. Thaí se viu assoberbada de tarefas, pois tinha que cumprir a ordem de seu avô em relação a seu livro, que, por enquanto, tinha apenas um poema e o título de "Amanhã, talvez. Agora sim".

– Vô Frederico, o senhor já pagou a porcentagem, ou melhor, os honorários aos advogados?

– Meu Deus, nem me lembrei disso. Mas também pudera, eu nunca precisei de advogado.

Mancini, que adentrava a sala, foi logo dizendo:

– Eles não querem receber nada.

– Isso não está certo; eles trabalharam muito, travaram uma verdadeira batalha.

– Não se avexe, Frederico. Eles argumentam que, sem a mobilização da população, pouco poderiam fazer e, certamente, você mofaria na prisão o resto da vida. Afirmam eles que, além disso, depois de seu gesto, só lhes resta o dever de abrir mão dos honorários em prol da comunidade.

– Ouviu bem o que Mancini disse, vô? Indubitavelmente, energia positiva atrai e contribui para a geração de positivismo em cadeia.

– Então, gente, vamos cuidar dos preparativos para a festa, pois motivos não nos faltam. – Entusiasmou-se Mancini.

– Mas que festa? – Exclamou Frederico.

– Ué, e o aniversário de Thaí! E, também, a sua liberdade não pode passar em branco.

– É, você tem razão Mancini; temos mesmo muito o que comemorar.

– Então deixem comigo. Vamos fazer uma churrasqueira na chácara. Lá tem espaço de sobra. – Emendou Mancini.

A paixão de Mancini por Thaí saltava aos olhos. E ele preparou a festa como quem fosse anunciar um noivado. Encomendou flores para enfeitar toda a casa e exigiu que tudo fosse do bom e do melhor. Sem que Thaí percebesse, Mancini pegou uma cópia de seu primeiro poema (Rótulo) e mandou colocar numa moldura, acompanhado de ilustração feita pelo melhor cartunista da cidade e que, por coincidência, era um velho amigo dos tempos de jornalismo. Junto com o quadro iria um longo e belo cartão, no qual ele derramaria toda a sua paixão:

"A mulher pela qual nos apaixonamos é namorada de

sonhos inalcançáveis, distante da vida real e, ainda que próxima, a gente tem dificuldade de lhe dizer as palavras doces de que o amor tanto necessita para florescer. Como declarar amor, sinônimo de paixão ternurizada, a uma mulher poeta e que, certamente, não precisa de inspiração, mas de sinceridade.

Observo que minha namorada, que nem sabe que eu a namoro, tem a felicidade sempre. Sua tristeza é apenas sublimação de seu dom de poeta, que tem a solidão como berço da criatividade. Nem imagino a lâ com que agasalha e ensolara a data de seu aniversário, porém percebo nela uma criança que não abandona a nudez do sonho, que continua exalando os perfumes da primavera tão aguardada.

150

Em seus olhos vislumbro sopro de velas, amigos festejando, bebendo o vinho tinto da alegria viva em alma e sangue; lambuzando-se de glacê e fumaça. Alheia a tudo, mas inserida no contexto, você simplifica e apenas abraça a condição de gente dos que a cercam. E compreendo então, através de sua aparente indiferença, que não existe coisa mais revolucionária do que o encontro com a realidade.

Somos pessoas (seres frágeis), masculinas, femininas, carentes, ardendo em desejos e utopias que transformam o longe perto e o perto longe. Por tudo isso, não há como não gostar de um cafezinho, pão com queijo derretido, cantar no banheiro a canção de que mais gostamos, dia de pagamento (independentemente do salário), cervejinha gelada, cafuné e beijos da mulher amada, fazer aniversário e receber um cartão assim, de alguém que se estende no varal do amor na esperança de que um vendaval de incontrolável paixão o atire em seus braços".

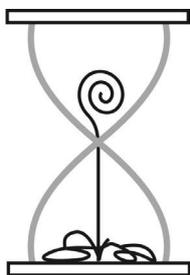
– Nossa, quanta delicadeza para um mundo de tão escassa gentileza! – Derreteu-se Thaí.

– Apenas deixei meu coração me guiar as palavras. –
Agradeceu Mancini.

Beijaram-se timidamente como que selando uma carta de amor. E, daí em diante, o enredo ígneo da paixão seguiu seu curso: noivado e casamento. Pronto e acabado, ali estava o resultado da expressão escrita apaixonada. Ou seja, as palavras de amor são escovadas, uma a uma, e enfeitadas com iluminuras para agradar aos olhos do coração.

Capítulo X

153





CRINA

**Eis meu amor o meu apelo
Cavalgue-me com ternura
Sem sela e na loucura do pelo nu
Não me chegue o relho
Nem me fira com o estribo
Dispense bússola ou qualquer aparelho
O amor é minha tribo
Meus cabelos, minha crina
Carinho de mão é minha sina
Afague-me e construirei nosso ninho
Ame-me e encontrarei o caminho**

155

Carlos Lúcio Gontijo

**Debruçados sobre o berço da solidão,
trocamos a fralda de nossa tristeza.**

Frederico andou passando mal. Não estava em boas condições cardíacas. Porém, não adiantavam as recomendações médicas e as súplicas da neta para que ele diminuísse as atividades na comunidade, onde tentava acompanhar todos os trabalhos de perto. Não faltava nem aos mutirões da construção programados por Mancini, que se lhe apresentava muito apaixonado por Thaí, a tal ponto de ele ficar preocupado, ainda que veladamente.

– Vô Frede, o senhor está muito obcecado pelas obras de melhoria da Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel. Acho que o senhor está exagerando.

– Que nada, minha neta. De uma hora para outra o julgamento pode ser marcado e, também, como problemas coronários congênitos agora resolveram aflorar, tenho que procurar viver o máximo e deixar minha marca na comunidade, no coração das pessoas.

– Mas assim o senhor se matará antes da hora.

– Que nada, Thaí, tudo na vida se resume em querer e decidir. Quem deseja viver amizades ou grande amor não pode se preocupar com ferimentos e cicatrizes. De uma coisa tenha certeza, neta querida, embarcação que não enfrenta nevoeiros, tormentas, reveses e piratas, termina corroída e apodrecida no cais. E, assim, mesmo se poupando das intem-

périas, se vê consumida e carcomida pelo tempo.

– Eu compreendo sua filosofia de vida, vô Frede; apenas acho que o senhor está exagerando.

– Exagerando coisa nenhuma! No tempo de vida que me resta, eu quero é andar com as amarras soltas, bem distante do cais, navegar e espargir gestos de amizade, até ficar à deriva e sofrer o naufrágio final. Enfim, o que desejo mesmo é lutar e velejar. Não quero ser pego pelo destino recolhendo, mas sim estendendo velas, cumprindo a minha missão, como embarcação espiritual existência adentro.

– Não tem mesmo jeito de argumentar contra seu posicionamento metafórico, filosófico ou sei lá o quê.

– E como vai o casamento? – Cortou o assunto, o sábio Frederico.

– Vai bem. Contudo, estou incomodada com os ciúmes do Mancini.

– Isso passa com o tempo, Thaí.

– Tomara, vô, pois a continuar assim, estarei às voltas com um sentimento doentio.

– E que embrulho é esse que você carrega com tanto cuidado?

– É champanha importado. Da melhor que encontrei e pude comprar. Amanhã é Dia dos Namorados e eu quero antecipar a lembrança do Mancini.

– Antecipar?!

– Minha intenção é fazer com que o meu presente chegue primeiro, para assim evitar qualquer discussão infantil em torno de esquecimento. Escrevi até um longo bilhete, no mesmo formato dos que ele vive me mandando. Dê uma olhada, para ver se ficou bom.

– Não, Thaí, não é preciso.

– Ah, vô, dê uma olhada. É até bom, pois vou aproveitar o texto em meu livro, no qual pretendo misturar prosa e poesia.

"Os tambores do amor rufam dentro do nosso peito, ensinando-nos que aquele que ama com sinceridade não mata nem morre por amor, pois é este sentimento uma energia construtiva, água viva de compreensão e perdão, que não pára de jorrar.

Aprendemos com o tempo que o amor nunca é achado, ele é fruto do que semeamos ao longo de nossos caminhos: é uma espécie de ninho que tecemos nos olhos, onde abrigaremos a ave que prenderemos com o visgo de um flerte.

É o amor um conjunto de todas as forças, porque tudo a ele está ligado ou relacionado; é um feixe inseparável, em que o afeto acaricia o desejo sexual e aquece as pequenas eternidades que experimentamos nesta vida através da convivência com os bons amigos, dos gestos de fraternidade e consciência plena da desigualdade social que nos rodeia, materializando a nossa falta de amor ao próximo, nossa indiferença diante das diferenças econômicas estabelecidas por um regime baseado na excludência, que não passa de uma maneira engendrada pelas elites dirigentes, que trabalham contra uma divisão mais adequada dos recursos acumulados pelo trabalho de todos.

A realidade anda passando-nos a lição de que não há como manter a sublimação da ternura entre os casais, como se os que se amam pudessem ser um oásis cercado de violência, sangue e morte por todos os lados. O amor exige ambiente favorável que vai muito além da cama macia e da indispensável atração entre dois seres humanos; cobra ela a existência de

luz lá fora, exige estrelas maiores, que não são exatamente aquelas comuns que se acham fixadas no céu pelo Criador, mas astros gerados pelo calor sinérgico refletido pela mente dos apaixonados, lastreando de esperança a caminhada rumo a uma conjuntura socioeconômica menos injusta, em que os casais possam colocar filhos no mundo sem o sentimento de medo nem culpa, por estar dando à luz novos seres em um planeta predisposto a se autodependurar nas paredes do universo como exemplo supremo de natureza morta.

Não se plantam arrozais no deserto: tudo requer tempero e sabor, um meio-termo, chuva e sol, o que explica o porquê de os amores não resistirem hoje ao contato cotidiano com a perversidade, que, como ferrugem, os contamina e os empobrece, conduzindo-os a ideais desprovidos de nobreza, nos quais impera a quantidade em vez de qualidade, quebrando as flechas libertadoras do amor, em que o respeito é tudo, situado acima da própria fidelidade carnal, pois é núcleo da alma, que, de forma alguma, pode ser desvirginado pelos que, mais que corpo, entregaram seu espírito aos cuidados de outro ser, no qual vislumbraram um mar de luz, onde se banham para preservar a claridade e o brilho no olhar, em contraposição aos ímpios que dominam a face da Terra, os antigos senhores de engenho, ouro, canaviais e prostíbulos, e que jogaram o coração no *freezer* da insensibilidade e da falta de romantismo, mas que nem por isso se eximem de mandar flores no Dia dos Namorados, deixando aos que se amam de verdade – aqueles que, no infortúnio do desenlace, carregam marcas e lembranças eternas – a incumbência de descobrir os buquês do 'amor-quase-perfeito' em meio aos molhos de falsidades, que, numa última instância, se tornam desnudos sob a magia dos lençóis".

– Que maravilha, Thaí. Qual será o título que você dará à página do livro?

– O título será 'todos mandam flores'.

– Belo título. E você é exemplo bem nítido de como a leitura é capaz de auxiliar o ser humano.

– Graças a Deus e à sua insistência, avô querido.

Frederico ficou realmente surpreso com o texto. Todavia, muito mais que a beleza do texto, debuxava a olhos vistos um certo clima de insatisfação e até temor nas entrelinhas. Lembrou-se de quando Thaí dizia que seu anjo da guarda lhe recomendava que se afastasse de Mancini. Passou-lhe um calafrio pelo corpo, e o sopro da lembrança trouxe-lhe aos ouvidos a voz de Thaí: "Vô, é premonição, sexto sentido de mulher". E, assim, preocupado, se retirou.

Trabalho e tempo correram velozes. Thaí se tornou o carro-chefe da comunidade devido ao atendimento que prestava no posto de saúde, colocando em prática o curso de enfermagem que conseguiu concluir graças ao estímulo do avô e à ajuda de Rosa Maria, que fez questão de cuidar de Francisco para que ela não abandonasse os estudos. Por causa de sua experiência no tocante à gravidez precoce, Thaí era constantemente procurada por meninas entre 14 e 16 anos. E ela não apenas aconselhava, como as acompanhava até as escolas, aonde chegava com discurso na ponta da língua:

– Olha, cara diretora, a exclusão é fenômeno comum nos dias de hoje. Mesmo pessoas bem-intencionadas, imbuídas de sentimento cristão e desejosas de fazer caridade, aconselham as meninas grávidas a irem para casa, darem um tempo e ficarem tão-somente disponíveis para dar à luz e, depois, tomarem conta de seus bebês. Tal discurso nada mais é que um ato de exclusão.

Dessa forma, diante de tantos casos de gravidez precoce, a associação comunitária houve por bem criar, dentro da creche, um espaço reservado às grávidas precoces e seus filhos, disponibilizando-lhes assistência médica e psicológica. O envolvimento de Thaí com esse projeto era tão grande que o espaço ficou conhecido como "meninas de Thaí", pois, quando alguém se dirigia ao local, sempre dizia: vou ao meninas de Thaí.

Num espocar de sucessos, as realizações prosseguiram: os CDs do maestro Manoel, num estojo com quatro volumes, sob o título de Maestro do Céu, se esgotaram rapidamente, exigindo nova tiragem, o mesmo se repetindo no caso do livro de prosa e poesia de Thaí e do romance editado por Frederico, que se mostrava extasiado com o desempenho das atividades comunitárias, que conseguiram transformar o Bairro Céu Azul em centro produtor de arte cultural consumida pelas escolas locais, com reflexo imediato no interesse dos alunos, principalmente em relação à literatura, pois as crianças e jovens tinham como primeiras leituras autores aos quais obtinham fácil acesso e que tanto falavam sua linguagem quanto descreviam paisagens por eles conhecidas.

Embora o projeto bem-sucedido representasse o ônus de agravamento do estado de saúde de Frederico, que no exercício de liderança comunitária não controlava a emoção cotidiana diante dos dramas sociais com os quais era obrigado a lidar, afetando-lhe o tratamento de seu mal coronário – ao passo que se registrava o patente crescimento do prestígio de Thaí junto à comunidade, que a convocava para todos os eventos, exigindo e implorando sua presença –, o imbróglgio insuperável residia no fato de que, sob toda a aura luminosa

que rodeava os aplausos aos trabalhos sociais desenvolvidos, a intensa participação de Tahi ia jogando o seu casamento na vala abissal do ciúme doentio de Mancini.

O Bairro Céu Azul se tornou um ponto vivo da organização social; padre Cesinha era um entusiasta do trabalho comunitário, tomando-o como oração que mais agrada ao Criador.

– É, Frederico, na crise e distorção de valores por que passa a humanidade, tem muita gente perdida em si mesma, eremita social que gravita sua fé e visão de mundo em torno de seu próprio umbigo.

– Infelizmente, é verdade, padre Cesinha. Tem muita gente que ama mais a cruz, que é sinal de castigo e morte, do que a palavra de Cristo, que é fonte de esperança e vida.

Estavam compenetrados nesse diálogo quando chegou Artur, afirmando que ouviu na rádio Voz do Céu que já estava marcada a data de julgamento de Frederico. Seria dentro de noventa dias.

– Você tem certeza, Artur?

– Claro que sim, Frederico. Eu ouvi no ponto de táxi, dentro do meu carro, à espera de passageiro.

– Fazer o quê?! Todos sabíamos que a data acabaria sendo marcada. – Conformou-se padre Cesinha.

Frederico desconversou. Porém, podia-se notar a sua palidez, pois em sua mente todos os acontecimentos voltaram à tona e, indisfarçavelmente atormentado, ele se despediu.

– Nossa, padre Cesinha, dei um fora. Não devia ter-lhe contado!

– Não se torture, Artur. Você não fez nada demais e, de qualquer forma, alguém teria mesmo que lhe contar.

Frederico foi ao encontro de Tháí, que já sabia da

notícia por meio de Mancini, que havia recebido telefonema dos advogados.

– Será que os jornais do Gagá recomeçarão toda aquela campanha sórdida novamente?

– Não. É claro que darão um grande espaço em seu noticiário, porém eles não têm mais como tratá-lo como facínora. – Ponderou Mancini.

– Além do mais, vô Frede, todo o trabalho desenvolvido pela nossa associação comunitária fossilizou a sua imagem...

– Quer dizer que agora eu sou um fóssil, minha neta?

– É no sentido metafórico; eu estou apenas tentando dimensionar o enorme e excelente conceito que o senhor detém junto à população.

– Isso é verdade. E se não servir para me livrar da cadeia, pelo menos me garante uma enorme lista de visitantes. Jamais estarei só!

Abraçados, os três riram muito. Mancini logo saiu para resolver problemas na chácara, deixando Thai e o avô a sós.

– Você está triste, vô Frede, posso ver em seu olhar. Aliás, já faz tempo que nuvens de chuva frequentam o seu olhar. Mesmo quando o senhor está com Francisco, sua pedra preciosa, nos braços eu o sinto divagar.

– É uma realidade, minha neta. Com o meu bisneto nos braços, eu tento adivinhar-lhe o futuro, pois não estarei aqui, em carne e osso, para protegê-lo. E tomara que ele descubra rápido que não aprendemos com os primeiros passos: o aprendizado é fruto da caminhada que amadurece, substituindo passadas por bater de asas.

– Ah, vô, ele descobrirá tudo isso. Afinal, isso é herança de família.

– Não sei, Thaí. O mundo está destruindo e menosprezando a poesia e a sensibilidade. As crianças e jovens são mais a imagem e semelhança da indústria de comunicação e informação do que reflexo da educação dada pelos pais.

– Confie em mim, vô Frede.

– Eu confio plenamente em você, mas temo as circunstâncias, fenômeno que a tudo modifica e transforma. Quem diria, por exemplo, que eu alegre e sorridente tocador de tambor, iria padecer de transtorno bipolar, misturando felicidade com abrir de chagas incessantemente, a ponto de ampliar os meus problemas cardíacos.

– Mas o senhor não me disse que havia melhorado?

– De certa forma, sim. Os dias na prisão e, depois, a intensificação de minha participação nas atividades comunitárias deram-me uma visão mais clara da sociedade.

– Ah, vô Frede, o senhor deveria estar feliz com o trabalho importante que realiza!

– É isso que me incomoda. Um trabalho modesto como o nosso se tornar tão importante é prova indubitável de que vivemos um tremendo vazio de amor ao próximo e justiça social. Visualizo todos os dias eu, você e todo o nosso grupo de trabalho dentro do mesmo cenário lúgubre.

– Que imaginação tétrica é essa, meu avô?

– Debruçados sobre o berço da solidão, trocamos a fralda de nossa tristeza. – Esclareceu Frederico, enquanto se retirava.

Thaí não ousou retrucar, pois aquela era uma imagem irretorquível do trabalho social em país onde o mar de carência é escasso de canoas solidárias. As classes bafejadas pela sorte material e os governos, que para elas administram, não querem saber de dobrar o cabo das tormentas e levar alguma

esperança de vida mais digna para os pobres.

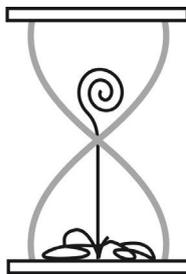
Thái se perde em pensamentos: "Enfim, nós que realizamos obras de cunho comunitário apenas podemos trocar as fraldas dos males da miséria e raramente podemos extirpar os fatores que as emporcalham ou as fazem necessárias. É por isso que toda a comunidade festeja o sucesso do espaço cultural: a educação fertiliza a mente do ser humano e, como se ela fosse um canteiro, a prepara para receber a semente da oportunidade de ascensão social".

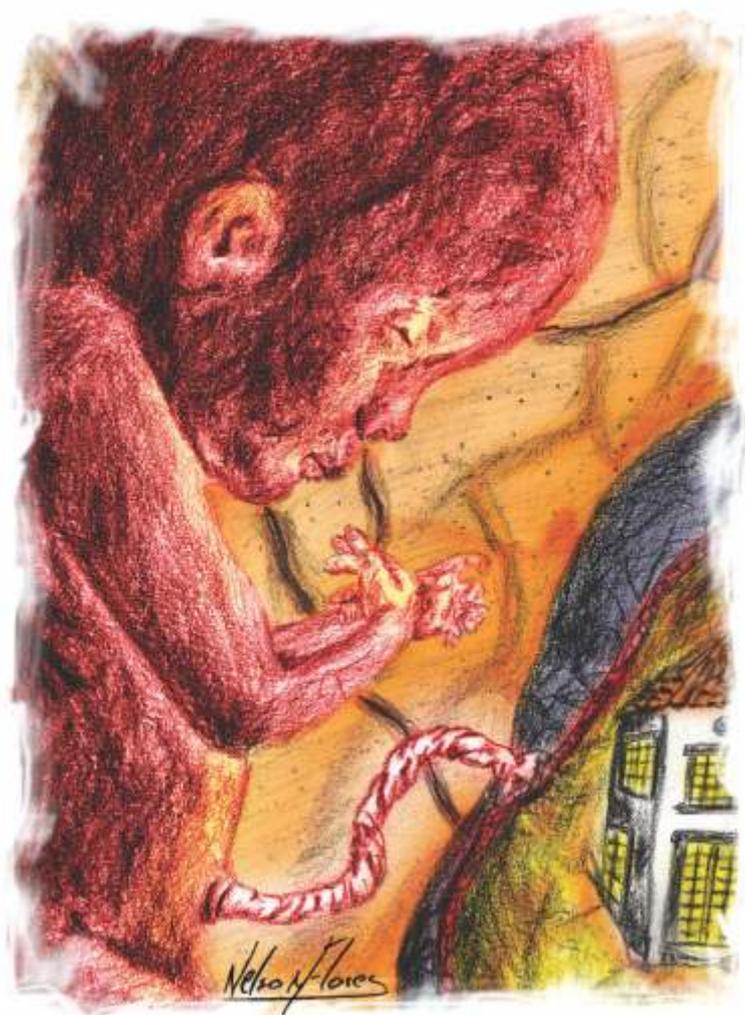
Nisso, tem os pensamentos interrompidos. Ouve um barulho proveniente do salão de teatro e apresentação musical. Corre com o coração nas mãos, não querendo acreditar no que lhe avisava o espírito. Só podia ser o vô Frede.

No imenso auditório, bem no centro do palco, funcionários e alguns usuários dos serviços comunitários oferecidos pela Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel cercavam um corpo tombado, como se encenassem o fim de uma peça em que morre o protagonista.

Capítulo XI

169





AUTOCONSTRUÇÃO

**Como pano de fundo da existência
No lar se apreende o mundo
A casa é o chão do ser humano
Sagrado é o direito ao teto
Concreto armado desarmando discórdia
Moradia é feito asas para o cidadão
Que nela encontra parapeito de sonhos
Entre quatro paredes, a liberdade
Nas ruas, a sede de passos em prisão
E a falta de espaço para a autoconstrução**

171

Carlos Lúcio Gontijo

**O segredo de se ir embora sem dor desta vida é saber
deixar-se materializado em obras e amizades.**

As ladeiras do Bairro Céu Azul e vizinhança desceram em romaria para homenagear o benfeitor Frederico. A comunidade se uniu à dor da família dentro da ótica da eternidade, que flui com naturalidade na vida dos que se dedicam a trabalho de ordem social. Em todas as pessoas que velaram o corpo de Frederico havia a percepção de que, quando viramos desobjeto, os amigos que ficam nos guardam na memória; sentem o aroma de nossa presença; ouvem nossa voz no silêncio das paredes. Essa precária eternidade é real – existe de fato.

– É, lá se vai nosso Frederico. – Disse padre Cesinha à chorosa Thai.

– Pois é, padre Cesinha, se a Igreja Católica tem mais de dois mil anos de história alicerçados na felicidade de ter o melhor logotipo, a cruz; o melhor outdoor, as torres das igrejas; e, como apelo e grande produto, a salvação eterna, a associação comunitária tem a seu favor a espiritualidade, o senso social da família do maestro Manoel.

– Você tem razão, o trabalho de conscientização realizado desde o maestro Manoel teve um efeito evangelizador.

– No bom sentido, né padre Cesinha. Pois, a meu ver, a evangelização, com propósito religioso, fincou os pilares do preconceito e da discriminação, uma vez que se iniciou sob o

destempero de civilizações que se consideravam portadoras de cultura e conhecimento superiores ao de outros povos. Vem daí a teoria da supremacia de raças e a intolerância diante da diversidade de que se compõe a sociedade humana. Cristo permanece vivo porque, acima de tudo, pregou regras de convivência moral, respeito e amor ao próximo, que são práticas que devem ser obedecidas tanto pelos que professam alguma fé, quanto por aqueles que em nada creem.

– E, diga-se de passagem, não ter fé não deixa de ser uma espécie de crença, assim como se dizer apolítico é uma tomada de posição política. – Aparteou Mancini que, atento, ouvia o diálogo.

De repente entra Alemão, acompanhado de uma meia dúzia de companheiros:

– Thaí, a turma que fazia o samba semanal no quintal de sua casa quer, como prometeu a seu avô, acompanhar o velório tocando os sambas de que ele mais gostava. Você tem alguma objeção?

– Mas é claro que não. Aliás, eu e o padre Cesinha estávamos falando exatamente sobre o respeito e a boa convivência com todas as manifestações. – Respondeu Thaí.

– É isso mesmo. Lembro-lhes, na oportunidade, versos de música composta pelo maestro Manoel: "Reza por poeta morto é um samba lento em forma de oração".

– Nós conhecemos essa canção e ela está no repertório, com o qual demonstraremos o nosso pesar, mas também nossa compreensão com os desígnios e mistérios da vida. – Pontuou Alemão.

E assim, como o segredo de se ir embora sem dor desta vida é saber deixar-se materializado em obras e amizades, a lembrança de Frederico impunha a todos os que o ama-

vam e admiravam a necessidade de manter viva a sua presença por meio da continuidade e crescimento do trabalho social desenvolvido pela associação comunitária do bairro.

Thaí entrou em ação logo depois de o corpo de seu avô baixar ao túmulo. Foi imediatamente falar com Rosa Maria.

– Olha, quero que você vá morar na casa que pertencia a meu avô Frederico. E tem mais: vou passá-la em nome de Francisco, mas com usufruto seu. Ou seja, enquanto você for viva, a casa é sua.

– Mas Thaí, o Mancini não vai gostar disso. Fica parecendo que você não confia nele.

– E é para confiar? Não se faça de sonsa, é claro que você já percebeu que lá em casa, na chácara, as coisas não vão bem.

– Ah, Thaí, mas isso passa!

– Não sei, Rosa Maria. Porém, pelo sim, pelo não, prefiro me precaver. Afinal, como todos sabemos, quem está vivo pode morrer.

– Mas para quando a senhora quer que isso aconteça?

– Nesta semana mesmo, quero você morando na casa em que nasci. Acredito, como meu bisavô Manoel e o vô Frede, que as paredes têm vida, preservam o calor humano, as agonias e as alegrias de seus moradores. E como você faz parte da família, nada melhor do que ter você tomando conta de minhas invisíveis heranças quânticas; aliás, nossas paredes.

– Vou fazer tudo para honrar aqueles dizeres que o maestro Manoel escreveu no muro do terreiro onde se realizam as rodas de samba: "Meu rincão, meu quintal, é maior que o mundo, nele eu degusto o sabor de chão, enquanto ouço a música de meus passos".

– Que bonito, você memorizou! – Exclamou Thaí, envolvendo Rosa Maria num abraço de filha postiça.

– Para evitar qualquer sinalização de medida tomada às escondidas, Thaí cuidou de logo revelar a Mancini a sua decisão sobre a casa em que morava Frederico.

– Quer dizer então que você está protegendo a casa para o Francisco, como se eu algum dia fosse tomá-la.

– Não se trata disso, Mancini.

– Trata-se, então, de quê? E como se não bastasse ainda não quer se engravidar. É, eu não sirvo para nada mesmo. Você arrumou um amante contra o qual eu não tenho como lutar.

– Que amante, Mancini!

– A associação comunitária e, agora, os seus livros de poesia. – Respondeu Mancini, dirigindo-se para o interior da chácara, fulo de raiva.

Todavia, o mesmo trabalho que os desunia era, na maior parte das vezes, fator que lhes possibilitava a aproximação como marido e mulher. Numa dessas idas e vindas a instituições de caridade e filantropia, encontrou na porta de um hospital uma senhora chorando desesperada.

– Que foi, minha senhora?

– Estou desesperada, vim fazer uma consulta e não sei como voltar para casa.

– Fique calma, daremos um jeito. Qual é o seu nome?

– Meu nome é Júlia. Eu vim há algum tempo do interior, mas não me adaptei à cidade grande. Só sei assinar o meu nome e é a minha filha que sempre me traz ao médico. Porém, hoje, ela não conseguiu que a patroa a liberasse.

– E o que a sua filha faz?

– Ela é empregada doméstica.

– Então venha comigo. Vamos descobrir onde você mora!

Ligou para Mancini, que anotou os dados e correu até a rádio *Voz do Céu*. Em poucas horas, a questão foi resolvida e, de posse do endereço, Mancini e Thaí foram levar Júlia até sua casa. Lá os aguardava Murilo, um agricultor que virou pedreiro ao migrar para a metrópole. Dessa forma, como Mancini era ligado ao verde por causa da chácara e à construção civil devido à Associação Mutirão do Céu, que passou a ser uma espécie de departamento ligado à associação do bairro, logo nasceu uma grande amizade, que floresceu espontaneamente, diante da resposta que o ex-lavrador Murilo deu a Mancini ao ser perguntado de onde vinha:

"Vim de longe. Vim do mato, da grotta. Sou groteiro e cansei de ser. No campo é só trabalho e bicho. Não tem gente nem escola pros meninos. Aquela soleira brava e a gente abandonada do mundo. Um dia tem que ser dia. Peguei tudo e vim. Peguei mulher e filhos. Comprei esta casinha aqui com as economias da vida. Não tem água nem luz a fio, mas tem parede e rebuçado. Tá bom pra nós. Aqui na rua o menino ajuda e a menina pode ganhar de empregada doméstica. Na roça era só eu e Júlia no batente. Aqui né ruim não. No começo estranhei. Mas voltar, nem pensei. Vim e vim mesmo. Virei pedreiro e só de ver os meninos na escola já é uma alegria. Vão ser melhores que eu e Júlia. Só tenho saudade dos amigos que deixei e da natureza. Aqui tudo é de pedra. Tem muita doença. Não dá nem pra criar galinha no pelado de redor da casa, pois os bichinhos adoecem e morrem. Aprendi que os homens aqui só pensam no dinheiro. Pobre aqui sofre humilhação muita. Na roça é tudo igual, é companheirada. Aqui, é só descer o morro pra ver. Pobre no meio de rico é mesmo

que nada. Eles não veem a gente. Passam por cima. Esse negócio de divertimento aqui é coisa que nós não podemos. Pescar, nem peixe dá por aqui. E nos rios não tem nada. O lixo que jogam mata os peixes. Aqui não dá pra isso. Tem muita coisa aí na verdade, mas pobre não paga nem luz. Até pra ir à rua, só pra andar lá, tem que pagar o lotação. O nosso ganhame não dá pras necessidades. Nós não pensamos muito nos divertimentos. É pensar no que não pode. As autoridades não fazem nada pro povo divertir de graça. O povo só faz é andar a pé sem rumo nos dias de folga. Parece que eles não querem o povo de folga. Até diminuem os ônibus coletivos nos domingos e feriados, assim quem sai enfrenta desconforto e fila. Povo é pra trabalhar. Aqui tudo é no dinheiro mesmo. E isso, o povo não tem. Porém, compensa os meninos na escola e pensar que, se ainda não der pra eles, os filhos deles terão uma vidinha melhor que a nossa, que viemos da grota da roça para a grota da cidade".

180

Mancini e Thai ouviram em êxtase a explanação de Murilo, que encarnava, em perfeita síntese, toda a filosofia em que se fundamentavam as ações sociais da associação comunitária do Bairro Céu Azul. E, sem pestanejar, Mancini propôs:

– Olha, Murilo, eu tenho uma chácara e lidero um trabalho de mutirão que constrói, amplia e reforma a moradia de pessoas pobres que habitam a região em que moro. E gostaria que você trabalhasse comigo.

– Mas é longe e aqui eu tenho a minha casinha.

– Acontece que na minha chácara tem uma casa muito boa para caseiro e ela está desocupada. – Explicou Mancini.

– Se é assim eu vou. Mas tenho que alugar ou vender a minha casa. Se eu deixar fechada, sem ninguém pra vigiar, é invasão na certa.

– Não se preocupe, senhor Murilo, nós vamos fazer o seguinte: vamos lhe comprar a casa, restituindo-lhe o dinheiro que investiu para adquiri-la. – Propôs Thai.

– Que é isso, minha filha, o que vocês vão fazer com uma tapera dessa?

– É o seguinte: o senhor nos vende o barraco e, em seguida, escolhe uma pessoa da redondeza que, realmente, necessite de uma ajuda.

– Isso é coisa que não falta por aqui. Gente necessitada é um mundaréu. Porém, tenho muito dó da Ernestina, uma viúva que mora de aluguel. Até um mês atrás, ela vivia com o filho, que se envolveu com droga e acabou morrendo.

– Isso é muito triste, seu Murilo, mas está ficando cada vez mais comum os pais sepultarem os seus filhos. – Condoeu-se Thai.

– Cena triste ver pai e mãe enterrando filho. Ernestina, agora, não tem mais como pagar aluguel; é uma mulher doente e vive com o dinheiro que recebe de pensão deixada pelo marido. Coisa pouca. Um salário mínimo. – Declarou Murilo.

– Pois então vá dar a boa-nova à sua amiga Ernestina e prepare a mudança para o final da semana. – Programou Mancini.

A tarde já caía, mas ainda deu tempo para que Mancini e Thai conhecessem Jorge, que trabalhava como engraxate, e Amália, que era empregada doméstica. Ambos estudavam à noite e chegaram apressados para tomar um banho frio, pois a casa não tinha energia elétrica e iriam para a escola, que tinham como salvação da lavoura de suas vidas, uma vez que o trabalho no campo só lhes rendeu colheita de esperanças perdidas.

No fim de semana, Thaí fez questão de acompanhar a mudança do casal que logo à primeira vista a cativou. Chamaram atenção de Thaí os poucos pertences de quem havia labutado por toda a vida e, também, o especial cuidado de Júlia com três vasilhinhos de planta, que ela dizia ser alecrim. E, assim, a mudança foi feita. O ato de caridade se realizou em tal plenitude que Murilo, Júlia, Jorge e Amália se integraram à comunidade como se sempre tivessem pertencido a ela. Murilo juntou o útil ao agradável, pois tinha o trabalho na chácara e a oportunidade de exercer o ofício de pedreiro, ajudando as pessoas pobres de que tanto se compadecia.

– Maria Rosa, você tem algumas folhas de alecrim para me dar? – Clamou Júlia, certa feita.

– Que satisfação você vir me procurar. Aqui é uma extensão da chácara, pois a casa é de Thaí.

182

– Eu sei, o menino Francisco fica mais aqui do que na chácara. – Confirmou Júlia.

– Talvez sejam os chamamentos do espírito, pois a casa guarda a história da família. – Justificou Rosa Maria.

– Pois é, eu vim aqui para pedir algumas folhas de alecrim, pois o seu Mancini, ao fazer uma capina, arrancou as plantas que havia tirado dos vasilhinhos e passado para a terra, a fim de que melhor prosperassem.

– Espera só um pouquinho que eu vou apanhar para a senhora no quintal.

Rosa Maria retornou com as folhas e Júlia saiu feliz e agradecida. No outro dia, lá estava ela de novo, pedindo mais folhas de alecrim.

– Ô Rosa Maria, vim pegar mais folhas de alecrim.

– Ué, Júlia, o chá não funcionou?

– Acho que esse seu alecrim não é dos bons.

– Ah, Júlia, alecrim é tudo um só.

– Pode ser. Mas o seu não está fazendo efeito algum.

O meu era tiro e queda. Eu logo ficava calma.

E assim foi por uns três, quatro dias, até que Júlia teve uma crise de nervos e foi parar no posto médico da associação. Sem entender os sintomas relatados por Júlia, o médico resolveu chamar a filha, que era quem acompanhava as idas da mãe em busca de atendimento em hospital público.

– Olha, doutor, eu levava minha mãe, a receita era aviada, mas nós não tínhamos como comprar os calmantes e antidepressivos indicados. Assim, um amigo da favela me deu umas folhas para que eu fizesse um chá para minha mãe. O remédio funcionou e, por várias vezes, eu recorri a ele, até que um dia ele me deu algumas mudas de presente. Plantei num vaso e depois outras mudas em mais dois.

– E que planta milagrosa é essa?

– O senhor é o primeiro a quem revelo o segredo. É maconha!

– Minha nossa! – Esconjurou o médico.

– Fiquei num beco sem saída, pois quando eu soube que se tratava de erva proibida, minha mãe já tinha se acostumado. E eu menti para ela, dizendo-lhe que a planta era uma espécie de alecrim.

– Está bem. Porém, agora, fale com ela que o organismo dela assimilou o alecrim e ele deixou de lhe fazer bem. De agora em diante, eu lhe passo a receita e você vai à farmácia da associação buscar o remédio.

O tempo, que é de caminhar, caminhou. Francisco já estava com 12 anos. Mancini e Thaí formam um casal cada vez mais distante um do outro. Dormiam em camas separadas a princípio e depois em quartos separados. Raramente se viam

dentro da enorme casa da chácara, seu relacionamento se restringia aos encontros e reuniões comunitários. Por causa disso, Thaí liberava Francisco, quase que constantemente, para passar os fins de semana sob os cuidados de Rosa Maria. Era uma maneira de evitar que ele assistisse às brigas cada vez mais frequentes.

– Rosa Maria, na minha falta, se notar qualquer indício de maus-tratos contra Francisco, procure o escritório de advocacia que cuidou do caso do vô Frede, pois lá está toda uma documentação para que, legalmente, você tome a guarda de Francisco.

– Que é isso, minha menina?

– Eu já lhe falei disso em outra ocasião e estou repetindo. Você é de minha absoluta confiança e eu quero viver tranquila e sem temores em relação ao futuro de Francisco.

184

Estavam nessa conversa em tom segredado, quando a campainha tocou. Era um entregador de flores.

– Nossa, que lindo buquê! – Exclamou Thaí.

– Quem lhe enviou?

– É coisa de Mancini! – Abreviou Thaí.

– Veja, tem um estojo no meio das flores. – Observou Rosa Maria.

– É mesmo. Vejamos o que é. – Festejou Thaí.

– Que lindo anel, amiga! – Disse Rosa Maria.

– E é de diamante! – Garantiu Thaí.

– Veja só, nem tudo está perdido, Thaí.

– É, Rosa Maria, pode ser. Mas, como escrevi em meu livro, todos mandam flores, até os que não amam de verdade.

Depois disso, Thaí viveu um período harmonioso com Mancini. Desenvolveram trabalho importante dentro da temática de pessoas desaparecidas e doentes abandonados em hos-

pitais e casas de assistência. Padre Cesinha, já sob os rigores da idade avançada, participava com entusiasmo.

– A insensibilidade e a indiferença em relação às diferenças sociais, aliadas à falta da prática de amor ao próximo, são fenômenos que crescem em consonância com o predomínio do materialismo e da onda consumista em que a humanidade navega. – Pontificou padre Cesinha.

– Prova de que estamos diante de um mundo extremamente individualista reside no fato de os hospitais públicos conviverem constantemente com o drama de pessoas acidentadas em via pública ou atingidas pela violência urbana e que não recebem visitas durante o tratamento e, não raro, permanecem abandonadas pelos familiares em abrigos. – Explanou Mancini.

– Foi mais ou menos assim que se deu o desaparecimento seguido de morte de minha avó Teresa. As pessoas atingidas por algum acidente ou incidente em via pública não são tratadas com a devida atenção. – Interveio Thaí.

– Incrivelmente, muitos são os doentes que, além de esquecidos pela família e pelos amigos, não sabem o próprio nome nem se lembram de onde vieram. As assistentes sociais e terapeutas se desdobram para cobrir o imenso vazio de amor e ternura que toma conta da mente desses pacientes esquecidos, que, mais que despesas para os cofres públicos, são alerta para a sociedade, que, ao que parece, perdeu a sensibilidade na medida em que se deu o avanço generalizado da violência. – Apontou Artur que, como taxista, sabia ou ouvia falar de inúmeros casos.

– Já pensaram o que poderia ocorrer se eu não tivesse me interessado pelo problema da dona Júlia, que estava perdida na porta de um hospital? – Lembrou Thaí.

– Exemplo de descaso, da fuga e do distanciamento que as pessoas desejam manter de tudo que lhes possa representar trabalho e custo financeiro é o caso noticiado esta semana pelo *Céu Jornal*, sobre um paciente de nome João de Assis, de 50 anos, que percorre os corredores de um hospital da cidade auxiliado por um andador. João foi atropelado e se lembra de que vendia doces e bolo de mandioca em Bezerros, lá em Pernambuco, sabe de cor o endereço de onde morava, recorda que tem dois filhos. Contudo, essas referências não serviram para que o hospital o enviasse de volta à sua terra e aos seus familiares, que, definitivamente, não desejam o seu retorno. – Relatou padre Cesinha, com os olhos marejados.

– É, amigos, o drama exponencial das equipes médicas que se envolvem no tratamento de pessoas como esse João de Assis é ter consciência de que a dificuldade em encontrar parentes está na triste realidade de que eles não querem ser encontrados. Ou seja, todos os laços de amor e fraternidade foram desfeitos ou, ainda pior, talvez jamais tenham existido.

– Complementou Thaí.

– Indubitavelmente, a existência de pacientes esquecidos e abandonados nos leva ao sentimento de que a nação brasileira, que se propaga como a terra de Deus, não comprova a sua fé cristã por meio de gestos de afeto, caridade e amor ao próximo. – Sentenciou padre Cesinha.

A harmonia do relacionamento entre Thaí e Mancini, pelo menos aparentemente, saltava aos olhos. Ele a cobria de atenção, era extremamente amoroso com Francisco, tratando-o como filho verdadeiro. Todavia, mesmo assim, Thaí se mantinha com o pé atrás, lembrando de alerta do seu avô, que costumava dizer que as piores tempestades são aquelas que vêm no meio do dia claro e pelas quais ninguém espera.

– Querida, vamos reformar a casa?

– Como assim, o casarão está lindo. – Respondeu Thai.

– Que nada. As camas estão atacadas por cupins. E eu quero sanar de vez o problema.

– Vai fazer o quê, Mancini?

– Vou construir camas definitivas de alvenaria e revestidas de bela cerâmica.

– Mas isso aqui vai virar uma bagunça. – Previu Thai.

– Já pensei em tudo. O Francisco entra em férias escolares, e como o padre Cesinha vai levar os meninos do orfanato para excursão de uma semana no Rio de Janeiro, ele irá com a meninada.

– Francisco é ainda uma criança, Mancini.

– Que nada, ele já tem 12 anos. Vai poder ver o mar e, além do mais, vai estar aos cuidados de padre Cesinha e das assistentes sociais, que viajarão com ele para ajudá-lo.

– Acho que está é todo mundo doido. O padre Cesinha, com toda a idade que tem, não deveria inventar tais loucuras.

– Eu até conversei com ele a respeito, mas ele me deu uma resposta filosófica, da qual jamais esquecerei.

– E que resposta foi essa, Mancini?

– Padre Cesinha disse que, se um dia os meninos do orfanato se esquecerem dele, eles jamais se esquecerão do mar. E ele, de onde estiver, se contentará em ser o autor da apresentação.

– Então que assim seja, mas bem que o Francisco poderia simplesmente ficar aqui ao lado, na casa em que nasci, sob os cuidados de Rosa Maria.

Francisco viajou. Mancini marcou o início dos serviços para o dia seguinte, mas começou a reforma programada

em seu próprio quarto de dormir, enquanto Thaí foi, já à tardinha, buscar o resultado de um exame médico.

– Alô, é o Mancini?

– Sim, amor, sou eu.

– Vou chegar um pouquinho mais tarde, pois vou passar no médico para mostrar uns exames.

– Pois não, eu a espero. Hoje, vamos dormir no quarto de visitas.

– Mas por quê?

– Eu já comecei a fazer a cama de alvenaria. Desarmeí a cama de madeira e a coloquei do lado de fora.

– Mas você não combinou de começar o serviço amanhã pela manhã?

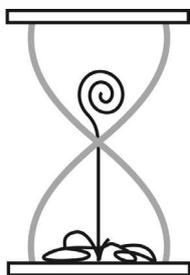
– Sim, Thaí, mas eu quero fazer uma surpresa para o Murilo. Quando ele chegar, nosso quarto estará pronto e ele verá como sou bom assentador de tijolos e cerâmica.

– Então tá, cada louco com sua loucura! – Ironizou Thaí.

– Isso mesmo, amor. E cada doce, como você, com a sua doçura – Replicou Mancini, com a ligação se encerrando sob a risada dos dois.

Capítulo XII

189





PLATEIA

**As mãos que me tocavam onde estão?
Agigantam-se as montanhas a procurar
Na amplidão dos céus de além-mar
Perdem o som as cordas do violão
Tudo ao meu redor silencia
Como se já soubesse o vazio
Que em minh'alma principia
Por meu riso indaga o rio
Você se foi para lugar distante
De agora em diante somos dois a sofrer
Eu por não ter a panaceia de sua aurora
E você por raiar sem a plateia dos meus olhos!**

191

Carlos Lúcio Gontijo

**Escrever é compor e desengavetar o silêncio
das palavras, para que elas ganhem som
e voz por meio dos leitores.**

– **U**é, patrão, o senhor começou o serviço sem me esperar? – Disse Murilo ao encontrar Mancini todo animado e já com o quarto em que dormia com Thaí prontinho e brilhando de limpo.

– Não sou de perder tempo. Quando tenho que fazer uma coisa eu faço logo. – Respondeu Mancini.

– E cadê Thaí?

– Ela se arrumou cedo e foi à cidade fazer umas compras. Você sabe como é mulher quando vê casa sendo reformada. Thaí não é diferente; foi ver se encontra novos objetos de decoração.

– A cama em alvenaria ficou mesmo uma beleza. Porém, a acho muito grande. – Observou Murilo.

– Foi desejo de Thaí. Vamos ter de encomendar um colchão com medida especial. Talvez, Thaí tenha ido olhar isso na cidade ou por aqui mesmo no bairro, onde existe uma fábrica. – Explicou Mancini.

O dia inteiro o telefone tocou com gente procurando por Thaí. O pessoal da associação comunitária estava desesperado atrás dela, pois eram muitas as atividades que se desenvolviam sob a sua supervisão. No outro dia, a manhã surgiu com a comunidade em polvorosa, pois os moradores mais antigos logo se lembraram do desaparecimento de

Teresa, a avó de Thaí, que infelicitou de maneira tão dilacerante a vida do inesquecível Frederico, que deu prosseguimento ao trabalho social iniciado pelo pai, o maestro Manoel, mas dentro de um apostolado todo próprio.

Coincidentemente, o estranho sumiço de Thaí se deu no dia em que o jornal *Trama Diária* e a revista *Mais/É* comemoravam o aniversário de nascimento do ex-diretor morto, o doutor Gagá. O homem continuava sendo pintado de santo, mas não se referiam à forma pela qual ele foi morto, pois isso terminaria trazendo à tona o homem namorador e conquistador de garotas pobres ou sonhadoras da periferia. Em página inteira, os veículos lhe enalteciam as virtudes democráticas e patrióticas.

– Alemão, é natural que os jornais pincem tão-somente frases favoráveis a ex-líder do setor de informação. Todavia, não é educativa a lengalenga de loas destinadas a um figurão tão controvertido. – Protestou padre Cesinha.

– É, padre Cesinha, os grandes jornais se tornaram o quarto poder pelo fato de representarem os anseios da sociedade. Porém, hoje, eles têm os seus próprios interesses. – Prosseguiu Alemão.

– Vocês dois estão cobertos de razão. Os grandes veículos de comunicação sempre têm optado por determinado candidato político à Presidência da República, passando a protegê-lo em sua cobertura diária. E, depois, se o candidato por eles escolhido perde as eleições, os jornalões passam a combater o presidente eleito pelo povo, não aceitando o resultado das urnas. – Interveio Artur, agora ex-taxista, mas com enorme conhecimento sobre a opinião da população, que não se via representada pelos jornais.

– Infelizmente, prezado Artur, você está coberto de

razão. Talvez, tenhamos a pior imprensa do mundo. Ela engana muita gente com o seu falso ecletismo e sua aparente pluralidade. Na maioria dos casos, serve a poderes ditatoriais e autoritários.- Emendou, padre Cesinha.

– Muitas são as denúncias de que a pujança hoje ostentada por alguns órgãos de comunicação é originária de benesses recebidas pela prestação de serviços que fogem à prática do bom jornalismo. – Argumentou Alemão.

– Assim sendo, meus irmãos, como acreditar numa imprensa investigativa, quando os indícios que todos nós observamos nas hostes das elites dirigentes só viram manchetes a partir do momento em que chafurdar o vespeiro é de bom alvitre aos planos comerciais dos meios de comunicação – quase sempre alojados em patamar bem acima da fictícia linha editorial. – Concluiu padre Cesinha, que se despediu dos amigos a fim de ir ao encontro de Afonso Celso, proprietário do *Céu Jornal*.

– O que faremos diante do desaparecimento de Thaí? Estava numa excursão com os meninos e retornei às pressas. Como tinha muita gente para tomar conta da meninada, eu optei por interromper o passeio e, além do mais, pensei no pequeno Francisco, que ainda é uma criança.

– Bem pensado padre Cesinha. Seria muito danoso para ele assistir a todo o infausto que se abate novamente sobre sua família.

– Pois é, Afonso Celso, e ainda dizem que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar!

– O jornal vai sair amanhã com a notícia do desaparecimento. Vamos publicar uma longa matéria sobre a benfeitora Thaí, que faz jus ao legado deixado por sua família. Pretendo aproveitar o ensejo e apresentar ao público um pro-

jeto que envolve o *Céu Jornal*, a rádio *Voz do Céu* e a associação comunitária, e que foi desenvolvido filosoficamente por Thaí.

– E que projeto é esse?

– Trata-se de uma campanha de caráter sensibilizador das relações entre patrões e empregados, abrangendo também a família. O tema é "Seja responsável social. Comece por sua empresa e por sua família".

– Gostei. Fala-me mais, Afonso Celso.

– A preocupação de Thaí é de fazer com que as empresas cuidem fundamentalmente de produzir sem poluir o meio ambiente e pagar bons salários a seus funcionários, além de reinvestir basicamente no aumento da produção e, assim, atingir seu objetivo social precípua de ampliar a abertura de postos de trabalho, fator determinante para a garantia de meio de sobrevivência e sustento de elevado número de pais de família.

– Dessa idéia de Thaí eu já sabia. Uma vez ela discutiu com um empresário que queria fazer uma doação à associação comunitária e uma semana antes havia demitido mais de 100 empregados. – Entusiasmou-se padre Cesinha.

– Veja só que contrassenso. A principal e verdadeira caridade que devia ser feita era a manutenção do emprego de seus funcionários. À sociedade isso seria (e é) muito mais importante que a filantropia a que se propunha o tal empresário – Explicou Afonso Celso.

– Ah, então eu já sei como a família entra nessa história. Lembro-me de Frederico e Thaí se aborrecerem com voluntários da associação comunitária que deixavam a família ao deus-dará em suas casas. Muitas vezes mandavam colaboradores de volta para casa dizendo-lhes que não se desveste um santo para cobrir o outro, nem se deve usar o trabalho

social e o amor ao próximo como meio de se alcançar a redenção de males e pecados cometidos continuamente. Enfim, quem dos seus não cuida não se acha apto para zelar de outras pessoas.

– Em resumo, padre Cesinha, nós pretendemos manter essa campanha até o reaparecimento de Thaí. E não importa quanto demore, pois o tema é intemporal.

– E como é, Afonso Celso! As pessoas se esquecem da necessidade de cuidar de suas casas e de seus negócios, como se não soubessem que o combustível do discurso construtivo é o exemplo.

A tarde caía quando padre Cesinha deixou a redação do *Céu Jornal*. A essa altura, o desespero tomava conta de todos. Thaí desapareceu feito orvalho em flor pela manhã: evaporou-se. Mancini, que tantas discussões tinha com a esposa, era a encarnação do desatino, pois o remorso lhe arrebatou a alma quando ele soube, pelo médico da família, que Thaí estava grávida.

– Rosa Maria, são agora dois desaparecidos: Thaí e o filho que eu tanto desejava para completar nossa união. Meu Deus, quantas vezes eu a maltratei por causa de minha obsessão por esse filho.

– Não se desespere, Mancini, ela vai aparecer. Não é possível que isso aconteça. O que será de Francisco?

– O Francisco tem a mim e a você, que é como se fosse uma segunda mãe. Mas eu ficarei absolutamente só: estarei sem mulher e sem o meu filho, que deixa de ser realidade para virar um sufocante talvez, transformando-me em um funâmbulo, um equilibrista sobre o fino corte da navalha das vicissitudes que rondam o grande circo da vida, onde minha tristeza me impede de representar o papel de alegre e feliz palhaço.

Com a alma chorosa, todos foram assistir à missa das 20 horas: Mancini, Rosa Maria, Murilo, Júlia, Alemão, Artur e a comunidade em peso se ajoelharam diante do altar, não da igreja, mas do universo, implorando pelo retorno de Thaí. A homilia foi cuidadosamente preparada por padre Cesinha, que estava com a alma conturbada, mas tinha o dever de acalmar os seus amigos e paroquianos.

"Por que houve pai, mãe, família, amigos, escola, terra, sol, chuva, pés descalços moldando o barro, nossa Thaí se tornou poeta. Sua casa, seu lar, sempre foi moradia de portas e janelas abertas para receber qualquer morador de nossa comunidade. Em síntese, todos os que residem no Céu Azul têm certeza de ser considerados extensão da família de Thaí. Há uma semana, encontrei Thaí bastante chateada, por ter sido procurada por senhor atormentado, um avô de origem humilde que se declarou muito preocupado com o futuro de seus netos. E sua preocupação não era no tocante ao sucesso material; dizia respeito ao campo moral. Contou ele que havia recebido a visita dos netos e, à mesa, enquanto o almoço era servido, resolveu lhes perguntar o que queriam ser quando crescessem. O menino de 14 anos desejava ser médico; a menina de 9 almejava ser professora (sim, ainda tem gente querendo ser professor!); e a menorzinha, de 6 anos, para o espanto de todos, respondeu: Vovô, eu quero ser prostituta".

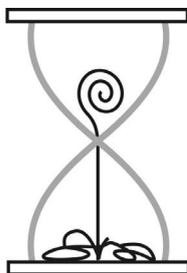
"Foi aquele escarcéu, um espanto geral. O pai ficou nervoso, a mãe se pôs a chorar. E o avô, pensativo diante da cena, descobriu a razão de a inocente criança manifestar tal desejo: 'Gente, esse comportamento é reflexo imediato daquela novela que apresenta, aos desavisados e despreparados telespectadores, uma garota de programa bonita, endeusada, amada pelos homens – enfim, o protótipo da mulher bem-

sucedida! E quem não quer ser assim neste mundo?"

"Thaí sempre lutou por uma sociedade melhor, que começa na família; o canteiro-viveiro insubstituível na arte de transformar sementes e mudas de seres humanos em gente. Na vida não cabe revolta, a mesma barca que traz é a que leva. O fim proporciona o recomeço – é no terço abandonado que a oração nova se inicia. A poesia e o trabalho social implementado por Thaí jamais desaparecerão. Hoje, folheei o seu novo livro, ainda inédito e que é aberto com um pensamento tão filosófico e poético que, num só correr de olhos, eu o guardei na memória: 'Escrever é compor e desengavetar o silêncio das palavras, para que elas ganhem som e voz por meio dos leitores'. Cabe-nos, então, independentemente do que nos reserva o futuro, ser representantes da poesia e da ação comunitária desse nome grafado em nossa mente: Thaí".

Capítulo XIII

203





RENASCENÇA

**Juntar o natural e o artifício
É o meu ofício de poeta
Numa discreta renascença real
Sob a crença da harmonia
Entre a metáfora e a agonia material**

Carlos Lúcio Gontijo

**Na existência eterna, a luz percebe toda claridade
sem a necessidade de escuridão para a descoberta de
estrelas e pontos brilhantes.**

Mancini não mediu esforços nem economizou recursos para o objetivo de encontrar sinais do paradeiro de Thaí. Todos os amigos se preocuparam com ele, que teve de passar por terapia e até internação em hospital psiquiátrico, uma vez que o vazio que se lhe apresentou o levou de volta ao passado quando tentou suicídio. A rama que o livrou do abismo chamava-se Francisco, pelo qual ele se via como responsável, sentindo-se um verdadeiro pai. Às vezes, tinha lapsos de memória, nada que lhe prejudicasse a rotina e, além do mais, Francisco tinha o carinho de Rosa Maria, Júlia, Murilo e do padre Cesinha, que, mesmo sob o peso da idade, não deixava de dar toda atenção ao mesmo.

– Graças a Deus encontrei um bom e jovem padre para me substituir na paróquia. Estou tranquilo, pois a ligação entre a igreja e a associação – fraterna, mas independente – será mantida. – Comemorou padre Cesinha.

– Tem toda a razão. Padre Gregório está se nos revelando um religioso preparado para nos dizer das coisas do céu e, principalmente, da Terra, onde devemos exercitar o Deus vivo e aprimorar o nosso espírito. – Interveio Rosa Maria, que preparava Francisco para ir à escola.

– É isso mesmo Rosa Maria, acabei de estar com Mancini e conversava com ele sobre as coincidências que se

nos revelam, mais tarde, como um preparo. Veja quanto Murilo é importante na chácara e no comando da Associação Mutirão do Céu. Olha você, que se tornou uma segunda mãe para Francisco. Todos os encontros têm alguma razão, um sentido. Precisamos mesmo melhorar o nosso espírito, pois somos falhos e incompetentes tanto para elogiar quanto para fazer justiça.

– Mas é claro, padre, se não somos perfeitos, terminamos por projetar nossa imperfeição em tudo que fazemos.

– Frederico teve a sorte de partir sem que a justiça dos homens o julgasse pela morte do tal jornalista, e nossa Thaí desapareceu sem que lhe agradecêssemos pelo que foi capaz de realizar por nossa comunidade, apesar de ser ainda tão jovem.

210 – É, padre Cesinha, pessoas assim, iguais a esses dois, não precisam de nosso julgamento nem do nosso reconhecimento. Thaí, por exemplo, desapareceu, mas todos os que com ela conviveram sentem a sua presença. – Reiterou Rosa Maria.

– Com ela aprendemos que saudade é uma lágrima correndo descalço no coração da gente! – Completou padre Cesinha, com os olhos banhados pelo pranto que insistia em lhe brotar no horizonte da retina.

A locomotiva do tempo seguiu encarreirando dias sobre os trilhos do cotidiano. Gerações iniciando a vida enquanto outras da vida se despediam. Padre Cesinha, Alemão, Artur e tantos outros já haviam partido depois de cumprir o seu papel como ser humano, trocando a vida em carne e osso pela existência eterna, onde a luz percebe toda claridade sem a necessidade de escuridão para a descoberta de estrelas e pontos brilhantes. Ou seja, não há, na dimensão superior, a necessidade de haver o mal para a extração ou o

(re)conhecimento do bem – isso é coisa dos homens!

Francisco cresceu, estudou nos melhores colégios, aprendeu línguas e formou-se em jornalismo e sociologia, pois desde pequeno tinha como vocação e meta dar continuidade ao trabalho social realizado pela família, o que já era uma tradição no Bairro Céu Azul.

– Meu filho, você é muito novo para se casar. Apenas 25 anos. – Dizia Rosa Maria, de cabelos totalmente brancos, a Francisco.

– Mamãe, com 15, já me esperava. – Respondeu resolutamente Francisco.

– Mas sua namorada tem 35 anos. Essa diferença vai pesar mais tarde.

– Fazer o quê? A Sandra está grávida de quadrigêmeos.

– Nossa, dessa eu não sabia. Que problemão, começar a vida com essa penca de filhos. E pensar que a Sandra é médica, além de balzaquiana experiente.

– Muito me admira a senhora, que não tem preconceito contra nada, ficar agora de picuinha contra a Sandra. – Protestou Francisco.

– Não é só isso, meu filho. Você conheceu essa mulher em festa da alta sociedade, ela não vai nem querer saber de morar no nosso bairro. Como você dará continuidade aos trabalhos na associação comunitária e na Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel?

– É, acredito mesmo que ela não virá para a nossa comunidade. Porém, eu sempre estarei por aqui.

– Quero só ver, Francisco! Está para sair seu emprego no jornal TD e você já dá aulas na universidade. Como arrumará tempo para tomar as rédeas da associação?

– Eu já cuido de todo o planejamento. Meu bisavô

Manoel, meu avô Frederico, minha mãe Thaí e o padre Cesinha deixaram uma máquina bem montada, qualquer um pode dirigir os trabalhos.

– Qualquer um não, mocinho. Lá não basta competência: é preciso ter honestidade, idealismo e compromisso com a comunidade. E você há de convir comigo que tais predicados não são fáceis de ser encontrados em uma só pessoa.

– Vociferou Rosa Maria, agindo como mãe e em memória da amiga Thaí.

– Desculpe-me Rosa Maria, expressei-me sem pensar.
– Aquiesceu Francisco.

– Então pense bem. A Amália, filha da Júlia e do Murilo, tem agido como verdadeira guardiã de nossos ideais na associação, pois eu estou muito velha para tomar a frente das coisas. Padre Gregório atua como fiscal rigoroso das finanças, contudo a associação envolve hoje uma grande soma de recursos e muitos interesses, é preciso uma pessoa como você no leme das ações.

– Pode deixar comigo. Eu serei o timoneiro, eu honrarei a tradição familiar, não deixarei perecer todos os esforços envidados por minha mãe.

– Uma vez que não tem jeito mesmo, pois você tem que se casar com a sirigaita que espera uma ninhada de "thaí-fredericos", eu espero que você não se esqueça de seus deveres, que só tendem a crescer. Eu estou idosa e o Mancini nem anda falando coisa com coisa; se não fossem a Júlia e o Murilo e, principalmente, o Jorge, que toma conta de tudo na chácara, as coisas estariam em ruínas.

– Ô de casa, estou entrando e peguei o final da conversa! O Mancini está nos assustando. – Interveio Arturzinho, que herdou a profissão do pai. Ou seja, era taxista durante o

dia. À noite dava aulas de educação física.

– Do que se trata, Arturzinho? – Indagou Francisco.

– Há muito tempo, como todos sabem, o Mancini passa no bar do Alemão Filho, como já era seu hábito, desde quando o velho Alemão era vivo. Toma uma cerveja e se despede dizendo: Agora vou dormir com minha Thaí.

– Nada demais, ele diz isso desde que ela desapareceu. – Entrecortou Rosa Maria.

– Só que tem que, agora, ele acrescentou um fantasmagórico final.

– Que final, Arturzinho? – Inquiriu Francisco.

– E, um dia, vocês descobrirão que sempre falei a verdade!

– Ah, isso é coisa de homem aturdido pelo infortúnio do destino. A idade dele até que não é muita, mas, depois do desaparecimento de Thaí e, é claro, do filho que ela esperava, Mancini nunca mais foi o mesmo. – Ponderou Rosa Maria.

– E, além do mais, a depressão o levou a sofrer de problemas de mente e memória. – Acrescentou Francisco.

– Pode até ser e eu compreendo as razões, porém não me tiro o direito e a impressão de que ele sabe ou esconde algo que desconhecemos ou sequer passa por nossa cabeça. – Concluiu Arturzinho, que tinha uma corrida com hora marcada: levar Mancini ao médico.

Logo a seguir Francisco se foi. E Rosa Maria se pôs a encilhar a mente com os pensamentos arrojados em torno das preocupações de Thaí sobre o comportamento celerado de Mancini.

"Coisa estranha e lúgubre. Porém, confesso que fiquei sempre à espreita e nada de muito estranho ou comprometedor observei. Todavia, minha única preocupação era em rela-

ção a Francisco e, quanto a isso, ele agiu de forma irrepreensível – foi um verdadeiro pai, talvez levado pelo anúncio do médico de que Thaí estava grávida quando desapareceu. Enfim, a realidade é que Mancini acompanhou o desprendimento material de Thaí e foi passando seus bens para Francisco, ficando só com o usufruto. Até a chácara já tem testamento que a doa para a associação comunitária e impõe determinadas regras como preservação da mata e das minas d'água, além da plena conservação da frente do casarão, uma das primeiras construções do bairro. Se alguma loucura há na vida de Mancini, esta demência é bem lúcida e esperta para se manter escondida de todos."

À noite ela e Francisco foram visitar Mancini, para saber o resultado da ida ao médico.

214

– E aí, velho Mancini, como vai a saúde? – Indagou Francisco.

– Vai indo mais ou menos. Mais pra menos, a essa altura do campeonato.

– Mas o que disse o médico? – Preocupou-se Rosa Maria.

– Ah, o de sempre. A pressão está alta, o colesterol está alto. Em baixa, só a saúde.

– O senhor precisa tomar cuidado. – Aconselhou Francisco.

– Que nada, meu filho! Chega um tempo em que fazer regime e cortar prazeres mais nos soam como morrer em vida. Temos que tomar consciência de que nada é eterno em se tratando de ser vivo. Eu nada valho. Ultimamente, me esforço ainda mais para esclarecer nossa comunidade sobre a necessidade de preservar a chácara, que é um imenso oásis em meio a tanto concreto e poluição generalizada do meio ambiente.

– Você tem razão Mancini, se não preservarmos a natureza, não haverá meio de sobrevivência para as gerações futuras.

– É por isso que estou passando a missão de conservação da chácara para as mãos da associação comunitária, que possui um ordenamento montado em princípios sólidos desde o seu estatuto. É um admirável trabalho feito por sua família, Francisco.

– Nossa família! – Aparteou o jovem.

– Não vai ser fácil manter a chácara intocada, pois o poder econômico crescerá o olho sobre área tão grande e valorizada. Os coronéis de ontem são hoje as poderosas multinacionais ou grandes grupos financeiros. Para lutar contra essa gente, é preciso lançar mão de uma organização altruísta e independente como a nossa associação comunitária. É um trabalho duro e aparentemente inglório, mas que é indispensável para que tenhamos pelo menos a esperança de construção de um mundo mais humano.

– É isso mesmo Mancini. Se não há luz no fim do túnel, que levemos nossas lanternas, velas e lamparinas e, principalmente, a chama da esperança, que pessoas como minha mãe nos ensinaram a carregar no olhar.

– Vamos, gente, fazer uma visitinha ao Murilo e à Júlia. – Desconversou Rosa Maria, ao notar lágrimas nos olhos de Mancini.

– E aí, como vai, Júlia? – Perguntou Francisco.

– Tudo bem! – Respondeu Júlia, já gritando: – Ô Murilo, veja só quem está aqui!

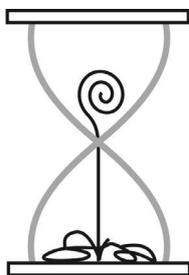
Murilo chegou acompanhado do filho Jorge e abriu o baú de casos ocorridos e outros certamente inventados, mas nem por isso menos engraçados e pitorescos. O bate-papo

Jardim de Corpos

rolou até tarde na cozinha, ao pé do fogão, cafezinho e pão de queijo, muita amizade e tudo, tudo o mais que vida tecida em verdade, boa conversa e vizinhança são capazes de fiar.

Capítulo XIV

217





COBERTOR DE ORELHAS

Vaso de porcelana era nosso amor
Muita flor deu antes do fim
Hoje somos vasos quebrados
Síntese de jardins ressecados
E não adianta juntar os cacos
Nem visitar o velho guarda-roupa
Os casacos do passado perderam a textura
E além do mais é outra a temperatura
Total é o descomprometimento amoroso
O aquecimento é global
Frio só na alma e no coração
Neogélidas por absoluta vocação
Resolutas, as pessoas preferem "ficar"
Desamor é a moderna revolução
A regra é muito sexo antes de amar
Em dissonante concerto de cama
Cada um faz o que lhe dá na telha
Sem calor nem chama
Todos se aquecem sem cobertor de orelhas

219

Carlos Lúcio Gontijo

**No agito da cidade, carrego o meu jeito arruado e o
esquecimento de meus passos.**

– **O**lha, Murilo, na minha falta, você não precisa se preocupar, pois cuidei de garantir em testamento o direito de sua família continuar residindo na chácara.

– Deixa de bobagem, Mancini, você ainda vai viver muito tempo.

– Não vou não, caro amigo. E não é só pelos problemas de saúde. Chega uma época em que vamos nos distanciando das coisas, como se os mistérios do mundo invisível estivessem nos preparando para a imaterialidade. Tudo ao nosso redor vai se transformando em um vácuo sem dor, no qual convivemos apenas com o nosso aprendizado e com o calor do espírito que nos habita.

– Vamos parar com esse assunto tenebroso e cuidar de semear vida. Que tal você me acompanhar no plantio de mudas de árvores lá no morro do capão? – Encerrou Murilo a tumular conversa.

Mancini colocou um chapelão na cabeça e saiu a cantar canções em italiano que aprendeu com o pai, enquanto Murilo e o filho Jorge levavam as mudas e as ferramentas.

– Eta vida, estamos nós a arborizar o capão, enquanto o Francisco se prepara para receber o resultado da semeadura na carne. – Disse Mancini.

– Que é isso patrão, do que o senhor fala? – Interpelou Jorge.

– Refiro-me aos quadrigêmeos que a namorada e, agora, noiva de Francisco espera. – Respondeu Mancini.

– Realmente, é uma floresta de gente! – Brincou Murilo.

O sol já caía em arrebol quando terminaram a empreitada da plantação. Mancini resolveu ficar por ali, sob o frescor da copa de um grande e velho carvalho.

– Podem ir. Vou ficar aqui apreciando a beleza do entardecer.

– Desça com a gente, patrão. O senhor ainda verá muito cair de tarde. – Observou Jorge.

– Você ainda é jovem. Um dia descobrirá que somos aves de arribação. Nosso espírito pertence a outras paragens; está aqui só de passagem.

224

– Jorge, deixe o Mancini em paz. Ele sabe o que faz.

E assim rumaram de volta à sede da chácara. A noite chegou e Júlia, como de costume, depois de servir a janta para sua família, dava uma passada na casa de Mancini para ver se ele precisava de alguma coisa. A porta dos fundos do casario estava aberta e as luzes apagadas.

– Seu Mancini, seu Mancini, cadê o senhor?

Nenhuma resposta. Acendeu as luzes, percorreu todos os compartimentos da casa e nada. Apavorada, retornou aos gritos para casa, chamando pelo marido.

– Que foi, Júlia, viu assombração? – Perguntou Murilo.

– O Mancini não está em casa. – Disse Júlia.

– Jorge, venha comigo. Vamos ao morro do capão onde deixamos Mancini.

Quando iluminaram com a lanterna o carvalho, avistaram Mancini sentado no chão e recostado no tronco da árvore.

– Ele está lá, pai! – Comemorou Jorge.

– Não sou cego. Estou vendo. Pare de gritar e desligue a lanterna, pois a lua cheia está clareando tudo.

Aproximaram e se entregaram a uma insopitável consternação: Mancini estava morto.

O sepultamento, ou melhor, a cremação foi superconcorrida, uma vez que a Associação Mutirão do Céu havia realizado o sonho da casa própria para centenas de pessoas, que muito choraram a morte do benfeitor Mancini. Os admiradores se acotovelaram tanto no ato de cremação, quanto na cerimônia em que as cinzas de Mancini, em conformidade com o desejo expressado por escrito pelo falecido, foram jogadas na mata da chácara, retornando ao pó e ao barro mais um corpo que se fez carne habitada por espírito.

– Se havia algum segredo, este foi cremado e virou cinza junto com Mancini. – Professou Arturzinho no ouvido de Rosa Maria.

– Filho, o sumiço de Thaí talvez se revele depois da morte de Mancini.

– Rosa Maria, você está falando de quê?

– Ah, Arturzinho, quem sabe não floresça agora alguma pista?

– Quer dizer então que a senhora sempre desconfiou de Mancini? – Conjeturou Arturzinho.

– Não se trata disso. É que sempre tive um pé atrás e convivi com ele não tratando nem destrutando. E vamos encerrar a questão, pois já falei mais do que devia.

Os dias se passaram. Francisco já começou a enfrentar as diferenças culturais desde o dia do casamento, que foi

realizado em bairro nobre e com recepção em local só frequentado pela elite da região metropolitana. Entretanto, a responsabilidade de futuro pai de quatro crianças o prendia. Tudo corria, infelizmente, como preconizou Rosa Maria, que morreu antes de assistir à separação do casal.

– E, agora, o que faço? Estou sem Rosa Maria para me ajudar. A quem revelar o motivo de minha separação, a não ser a você, padre Gregório?

– O que o aflige tanto, Francisco?

– Padre, como todos sabem, Sandra é mais velha que eu. Eu tinha 25 anos quando me casei com ela, que já estava com 35.

– Mas isso não é motivo para separação. – Interrompeu-lhe padre Gregório.

– E não é mesmo. O motivo todo é que somos culturalmente diferentes. Sandra não está nem aí para o trabalho social e exerce a medicina sem qualquer compromisso ou idealismo. O que conta para ela é o faturamento. Porém, tudo isso seria superável se não fosse o consumo de drogas.

– Francisco, que lástima!

– E ponha lástima nisso, padre Gregório. Sandra, que tem o sobrenome de Sarapata, era e é chamada pelos amigos mais íntimos de Sandra Sapata, ou Sapatinha. E eu, apaixonado, nunca dei pela coisa, achando que aquilo não passasse de uma troça entre pessoas que se davam bem. Ou seja, para mim, tudo era uma brincadeira.

– Não estou entendendo. Explique-se melhor. – Solicitou padre Gregório.

– Trocando em miúdos, só descortinei a realidade quando deparei com ela contracenando com Matilde – que batizou um de meus filhos –, no palco do meu quarto, nua,

bem em cima da cama, aos beijos e afagos libidinosos.

– Meu Deus, que esposa! Nossa Senhora, que madrinha!

– Pois é, padre, rogue a todos os santos e não alcançará a minha vergonha interior, a minha decepção.

– Mas você nunca notou nada?

– Notar como, padre? Apaixonado e com incontida alegria pelo nascimento dos quadrigêmeos, não havia espaço em minha mente para discernimento que me levasse à análise de indícios ou alguma percepção de perversão dessa magnitude. Assim não fosse, quando eu cheguei com a certidão de nascimento dos filhos, oportunidade que aproveitei para prestar uma homenagem a minha mãe Thai, dando a meus filhos nomes iniciados com as letras th, eu teria juntado dois mais dois, diante de tamanha indiferença.

– Ué, o nome das crianças não foi de comum acordo?

– Não, padre Gregório. Como ela me afirmou que jamais teria qualquer compromisso com o trabalho social realizado por minha família ao longo dos anos, eu cuidei de dar aos meninos o primeiro laço e elo de ligação com o passado.

– Como é mesmo o nome das crianças?

– As duas meninas se chamam Thainá e Thainara, e os meninos se chamam Thaiguara e Thaiastro.

– Muito bonito e original. – Elogiou o padre.

– O resultado disso é que os meninos já estão chegando à adolescência e eu estou superpreocupado com a influência negativa da mãe sobre eles. E lhe afirmo que não é propriamente por sua opção sexual, mas por ver a casa habitada por meus filhos sob o domínio da atmosfera de segregação e intransigência da sociedade, que tanto discrimina quanto empurra os segmentos fora dos padrões inscritos na cartilha moral aceita como legal pela maioria, para a marginalidade ou

para as drogas. Estranhamente, a sociedade que não consegue lidar nem com a diversidade humana, luta pela proteção à biodiversidade da natureza, à qual insiste em depredar e poluir. Apesar dos senões, considero Sandra uma boa mãe, mas não há como ela proteger os filhos contra as idiosincrasias de nossa cultura eivada de toda a espécie de preconceitos e falsos discursos moralistas marcados pelo oportunismo de toda ordem. Quanto mais vivo, mais acredito que, independentemente do estágio das civilizações, o mal e a intolerância sempre estarão presentes e agindo para infelicitar as pessoas.

– Não se avexe tanto, pois a guarda é compartilhada e você tem que tirar o máximo proveito quando estiver com os meninos. Aqui nós somos todos seus amigos e vamos ajudá-lo a atrair os garotos para a vocação que acompanha a sua família há tanto tempo. Não é possível que nenhum deles vá atender aos apelos de uma obra social e espiritualmente tão radiante e imanente.

– Tomara, padre, que as sinergias dos benfeitores que povoam nossa comunidade sejam capazes de atrair os meus meninos. Vou até passar no jazigo da família e acender umas velas pedindo a intercessão dos espíritos das "mães" Thai e Rosa Maria, do bisavô Frederico, da bisavó Teresa e do maestro Manoel junto ao Criador.

– Faça isso, Francisco. Orar é uma boa iniciativa.

– É a única que me resta, pois não há como entrar na Justiça para afastar os meninos de Sandra, sob a alegação de que ela é lésbica ou homossexual. Seria um escândalo inconveniente, que marcaria para sempre a vida dos meus filhos. – Proferiu Francisco, estancando a conversa e saindo para seus afazeres.

Francisco seguiu para o escritório de Afonso Celso,

que desejava que ele aproveitasse a sua passagem como funcionário do jornal TD para observar os aspectos negativos e montar linha editorial e normas de conduta que livrassem o Céu Jornal da saga de se acreditar maior que a notícia e bem superior à opinião pública ou aos anseios da população.

– Que semblante triste é esse, Francisco?

– Não é nada não, Afonso Celso. Hoje é um daqueles dias em que, no agito da cidade, carrego o meu jeito arruado e o esquecimento de meus passos.

– Mas isso, ao certo, não nos impedirá de falar sobre o destino que queremos traçar para o *Céu Jornal*.

– Claro que não, Afonso Celso. É para isso que estou aqui.

– Pois é, Francisco, estou há muito tempo colocando meu filho Gilberto na linha de frente, que, diga-se, está indo muito bem!

– Também pudera, ele cresceu respirando jornal. – Positivou Francisco.

– E como você vai no departamento de revisão do TD?

– Vou indo tão bem que estou prestes a assumir a supervisão. Logo de início, eu me surpreendi com as papeletas publicitárias relativas a propagandas dos governos municipal e estadual, que não vêm com os preços fixados.

– Como assim?

– Os valores das propagandas institucionais, pelo que pude apurar, são colocados depois; dentro das necessidades da empresa para quitar, no final do mês, a folha de pagamento dos funcionários.

– Que absurdo! Que hipocrisia para quem vive pregando e cobrando moralidade. – Esconjurou Afonso Celso.

– E tem mais: a campanha que você faz aqui no *Céu*

Jornal e que é acompanhada pela rádio *Voz do Céu* deve ser mantida e incrementada.

– Que campanha, Francisco?

– A que difunde a filosofia de que toda empresa deve ser socialmente responsável com seus empregados e com a manutenção de procedimentos industriais que não prejudiquem o meio ambiente. Ou seja, nada de jogar para a platéia, na base do por fora bela carcaça e por dentro pão bolorento.

– Do que fala, homem?– Interrogou Afonso Celso.

– Eles, como é de seu conhecimento, passaram da composição a quente, a do chumbo derretido, para a moderna composição a frio.

– Mas isso foi uma medida necessária e elogiável; é um avanço tecnológico! – Exclamou Afonso Celso.

– É claro que é. Todavia, os funcionários que trabalhavam em torno da caldeira de derretimento de chumbo para a impressão, dentro de galpão insalubre, fechado e sem a mínima ventilação, foram quase todos contaminados. A imensa maioria morreu vitimada por câncer no baço. O pessoal operava sem proteção alguma e os empresários consideravam que sua responsabilidade estava salvaguardada com o fornecimento de um leitinho para os peões do chumbo.

– Vejo emoção e lágrimas em seus olhos, Francisco.

– Não faz tanto tempo que estou lá e já tenho história triste para contar. Tornei-me muito amigo de um desses remanescentes da composição a quente. Ele foi aproveitado na seção de fotolitos, que também está com os dias contados. Saíamos de vez em quando para tomar uma cervejinha. Ultimamente, ele era só alegria, pois ia se aposentar, regressar para a sua terra e ajudar a filha na criação de sua única neta.

– E qual é o nome do trabalhador? – Indagou Afonso Celso.

– Só sei o apelido pelo qual todos o chamavam. Aliás, foi assim que ele se me apresentou: Cata-vento.

– E daí?

– Daí, Afonso Celso, depois de uns seis meses do seu afastamento, o telefone toca no jornal. Cata-vento foi levado deste mundo pelo furacão entumecedor de um câncer no baço.

– Está vendo, é por essas e outras que eu quero deixar todo um ordenamento industrial, administrativo e jornalístico a ser seguido. Não quero que o nosso *Céu Jornal* seja leniente ou conivente com coisas desse tipo. Já temos uma Justiça repleta de brechas e fóruns privilegiados para livrar a cara de gente graúda. Não é possível nem admissível que tenhamos uma imprensa que disponibilize espaços especiais para a fertilização da impunidade e da cultura de convivência com a injustiça social, como se ela fosse uma determinação do destino e não fruto da indiferença dos seres humanos. – Discursou Afonso Celso.

– O que você fará a respeito?– Interrompeu Francisco.

– Para início de conversa, jornalista algum será contratado sem antes passar por aulas administradas pelos conselheiros editoriais. Não pretendo cair no engodo do jornalismo de cores, fotos e texto-legenda. Isso é jornal para quem não lê. Meu desejo é manter conteúdo denso e interativo. Está todo mundo cansado do texto enxuto e sem emoção. É o sangue, pelo sangue. Todos os dias as pessoas adquirem nas bancas um banco de sangue em forma de papel.

– E nem por isso assistimos ao aumento de doadores!
– Brincou Francisco.

– É isso. Notícia por notícia não agrega informação

nem valor. Não passa de colcha de retalho sem qualquer conotação cultural.

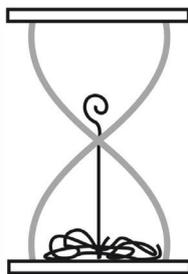
– Eu também penso assim, Afonso Celso. Quando se noticia um atropelamento, não basta a foto do morto estendido no chão. É preciso falar das implicações disso para a sociedade, além da falta que a pessoa fará para a família. Um jornal não pode simplesmente reproduzir violência nem agir da mesma forma que os bandidos: liga a metralhadora, mata um punhado de gente e vai embora. Há um dever social a ser cumprido, pois a mancha de sangue estampada nas manchetes não entranha apenas no papel – aninha e perpetua-se na mente dos leitores, fossilizando a violência como componente natural dos estratos sociais. – Complementou Francisco.

232

– E tem mais: as tevês estão acompanhando o rádio, a exemplo das emissoras que transmitem notícia 24 horas por dia; há rádios que só produzem noticiário e, enquanto isso, os jornais cometem o equívoco de se distanciar do povo, tornando-se frios e amorfos. É por isso que, quando o país enfrenta qualquer golpe prolongado no estado de direito, os pequenos jornais surgem como porta-vozes do cidadão, ao passo que a maioria dos chamados jornalões se silencia ou adere aos usurpadores dos poderes legalmente constituídos. – Disse Afonso Celso, fechando o verão da calorosa exposição de ideias.

Capítulo XV

233





GRAFIA

**A civilização é escritural
Falta de alfabetização exclui
E compõe um grande mal
Em que tudo se esfacela e rui
Desenho de caverna já era
Compreensão eviterna está no fonema
Foi-se o tempo do simbolismo
Na imagem, o cinismo aos molhos
Mera satisfação imediata dos olhos
Não somos o que vemos
Mas o que lemos...
Sem grafia a vida porfia
A palavra revigorou a memória
Que saiu da tradição oral
E fez o bisão virar história
Pastar livre em nossa mente
Como semente viva de ontem**

235

Carlos Lúcio Gontijo

**Na falta de abraços e mãos se encontrando,
nós digitamos e liberamos nosso riso em gozo virtual:
eis aí o "homem ponto com".**

O celular veio unir-se à cultura da imagem na transformação do relacionamento humano numa espécie de *fast food*. As pessoas, hoje, pouco se veem e se tocam – as mãos não acariciam nem afagam corpos, apenas digitam e teclam. Infelizmente, essa tendência chegou aos jornais, e Francisco, como supervisor de turno de revisão do jornal *Trama Diária* e da revista *Mais/É*, pôde sentir na carne o desapareço generalizado pela língua, que, no caso de um veículo de comunicação impressa, deveria ser vista como a principal ferramenta. Mas assim não ocorria, tanto que os diretores do *Trama* e da *MÉ* optaram por extinguir o departamento de revisão.

– Mas, doutor Galdino Constantino Jr., como a empresa pode abrir mão de revisão de texto?! O produto final perderá a qualidade e, muitas vezes, um erro grave de grafia compromete e joga no descrédito todo o conteúdo.

– Não interessa, Francisco. O jornal não é propagador de cultura linguística. – Respondeu, curta e secamente, o Gagá Jr., que capitaneava a reengenharia industrial do popular jornal *Trama* e da revista *Mais/É*, a conhecida *MÉ*.

Naquele dia Francisco compreendeu que o que lhe restava, como supervisor de revisão, era lutar para que seus companheiros fossem remanejados para a redação, porém,

num segundo encontro com o poderoso Gagá Jr., percebeu que tinha que recorrer ao auxílio do escalão superior da empresa, uma vez que observou *in loco* que não podia contar nem confiar nas promessas daquele que comandava a extinção do departamento.

Francisco ainda foi convocado para uma nova reunião com Gagá Jr. Ao chegar, mal iniciado o diálogo, o telefone tocou. Gagá atendeu.

– Alô, quem é?

O fulano do outro lado da linha responde.

– Do que se trata?

Era um funcionário que se sentia ameaçado pelo chefe e pedia para não ser mandado embora; falava em voz alta e desesperada, que Francisco ouvia sua fala em tom de socorro: "Minha mulher acaba de dar à luz e eu não estou preparado para perder o emprego neste momento. Dê-me, pelo menos, uns seis meses e depois me dispensem".

– Você pode ficar tranquilo. Vou recomendar para que você não seja dispensado – Prometeu, enfaticamente, Gagá Jr.

Encerrado o telefonema, Gagá pede licença e faz uma rápida ligação que bem denunciava o tipo de caráter da pessoa com quem Francisco tratava a possibilidade de reaproveitamento e remanejamento dos revisores.

– Alô, que bom que foi você mesmo quem atendeu. Sabe aquele caso, pode demitir hoje mesmo!

A partir daquele dia, Francisco não mais procurou nem atendeu às convocações feitas por Gagá Jr., pois sua tática de buscar solução em escalões superiores surtiu o esperado efeito.

Francisco tinha um enorme respeito pela língua, pela comunicação escrita. Apreciava ler informações sobre a evo-

lução da escrita. Sabia ele que a escrita mais antiga que se conhece surgiu em tabuletas achadas no santuário de Eanna, na longínqua cidade suméria de Erech (hoje Warka, ao norte do Iraque). Data, aproximadamente, de 3.100 a.C. Os sumérios, povo de civilização mais antiga que se conhece, viveram ao sul da Mesopotâmia, a oeste da foz do Rio Eufrates. Falavam uma língua monossilábica, que favoreceu o aparecimento de silabogramas. A figura de u'a mão representava não apenas o órgão, mas também a sílaba su (mão), com muitos outros sentidos no contexto.

Semelhantes aos sumérios, temos os anasazis, que desenvolveram um sistema de escrita também singular, com a diferença que o dos anasazis se inspirou nitidamente em caracteres infantis. Em 1889, chegaram ao México, na região de Yucatán, alguns índios da tribo anasazi (que significa antigos), que despertaram curiosidade por seu lado exótico: escreviam à maneira de crianças. Tinham vindo do deserto Powell, ao sudeste do Texas (EUA). Eram em número reduzido porque uma epidemia assolara quase toda a tribo. Tomaram a direção do México, onde vieram morrer, conforme constataram alguns antropólogos. Em 1912, o último remanescente dos anasazis era o velho xamã Anapi, que não falava mais, estava cego, mas junto a ele foram encontrados poemas e curiosidades sobre sua gente.

– Minha passagem pelo *Trama* e pela *MÉ* está prestes a terminar. Não dá para trabalhar numa empresa jornalística que despreza a língua, que pensa que design gráfico sobrepõe ao conteúdo, que a foto, por si só, explica a notícia e informa ao leitor. Eles estão retornando, regressando aos anasazis, que criaram figuras leves, ágeis, pequenas e de pouca cor que, com o tempo, foram se reduzindo a traços e linhas muito sim-

ples, mas que conseguiam comunicar algo para quem as via. Dessas figuras surgiu, então, a escrita pictográfico-infantil, que consistia em representar seres e ideias através de desenhos. Ou seja, o jornal *Trama* e a revista *ME* optaram por infantilizar a sua linha editorial.

– Gostei do discurso, mas qual a razão de tanta ferverença condenatória? – Interrompeu Afonso Celso.

– É a gota d'água! Vou deixar o jornalão e vou me dedicar à elaboração do aperfeiçoamento editorial do *Céu Jornal*. Heráclito, Sócrates, Lao-Tsé, Pitágoras, Sófocles, Archimedes, Protágoras, Aristides, São Tomás de Aquino, Padre Antônio Vieira etc. nada valem e sucumbem diante da filosofia e das alavancas que hoje movem o mundo. Na falta de abraços e mãos se encontrando, nós digitamos e liberamos nosso riso em gozo virtual: eis aí o "homem ponto com" – Concluiu Francisco.

– Sinto por você deixar o *Trama Diária* assim tão decepcionado, mas, como já lhe disse, estou velho e quero entregar ao meu filho Gilberto um jornal completamente estruturado no tocante à linha editorial.

– Pode deixar comigo. Vai ser jogo rápido, pois agora, com as madrugadas livres, terei mais tempo de me debruçar sobre o projeto. Como sabe, eu saía muito tarde do jornal.

Francisco deixou Afonso Celso e se dirigiu à chácara. No caminho, a lembrança da mãe desaparecida no mundo lhe comprovava mais uma vez: "saudade é uma lágrima correndo descalço no coração da gente".

– Como vai, Murilo?

– Vou indo conforme Deus deseja, diante dos dias que me restam.

– Que tristeza é essa?

– Não é tristeza não. É apenas uma constatação. Sou um homem feliz. Aqui vivo a paisagem rural e tenho a cidade ao meu redor. Sou um privilegiado, graças à sua mãe Thai e ao Mancini. – Explanou Murilo, calmamente.

– Pois é, eles eram exemplos de pessoas boas e solidárias. – Interveio Júlia.

– É verdade. Mancini se foi desta vida e minha mãe só Deus sabe que destino levou. – Acrescentou Francisco.

– O mundo seria muito melhor se as pessoas praticassem o amor ao próximo. Mas não é assim que as coisas funcionam dentro do materialismo em que vivemos. – Entrou na conversa Amália, que estava à procura de Francisco.

– Olha Francisco, a associação comunitária deseja instalar no casarão da chácara um laboratório de análise clínica e, também, uma sala para a apresentação de filmes e documentários que tenham como tema preservação e conservação do meio ambiente.

– É uma boa ideia, Amália. Dessa forma, as crianças, além de ter contato direto com a natureza, podem tomar lições e receber informação sobre a necessidade de se respeitar o ecossistema natural. – Disse Francisco.

– Aqui está a documentação deixada por Mancini. Nela está escrito que não se pode mexer na fachada, mas não fala nada sobre reforma ou modificação no interior da casa.

– Então, Amália, é colocar em votação e mandar brasa nas reformas. Não vai ser fácil desmanchar tantas camas feitas de alvenaria! – Expôs Francisco, concordando com a ideia.

– Isso será muito bom. É preciso dar uma finalidade para a casa, que fica aí sem utilidade prática. – Acrescentou Murilo.

– A gente abre todos os dias para que o sol entre. Mas

essa providência não substitui o trato do uso, de pessoas circulando dentro dos cômodos da casa. – Acrescentou Júlia, que a tudo ouvia atentamente.

– É uma pena, Francisco. Entretanto, toda vez que grupos ou pessoas avançam no tocante a ganho material, as palavras compartilhar, dividir e ser solidário são jogadas nos muitos lixões construídos pelo apocalíptico egoísmo humano. – Proferiu Amália, em elogio ao tradicional comportamento do núcleo familiar de Francisco.

– Graças a Deus, a minha família é símbolo de despreendimento material. Mancini gostava de me lembrar uma história que meu bisavô Frederico lhe contou num fim de tarde, à sombra de uma árvore do quintal de nossa casa, no terreiro onde até hoje fazemos a nossa tradicional roda de samba.

244

– Vamos, conte logo, pois eu sou um apreciador de histórias. Foi as ouvindo que eu me eduquei. – Disse Murilo.

– Ao sudeste da África, a população tem por tradição o uso de uma velha armadilha para caçar macacos. A armadilha consiste numa abóbora com um buraco e um engodo ou, melhor dizendo, um alimento usado como isca, no seu interior. O macaco, atraído pelo petisco, enfia a mão na abóbora, porém não consegue retirá-la. Nesse momento, o caçador se aproxima e lança-lhe a rede. Ao perceber o perigo, o macaco tenta fugir levando consigo a abóbora; todavia não consegue, pois ela se acha presa por uma corda. O primata, em vez de largar o engodo e fugir, mantém-se instintivamente obcecado no seu objetivo, tornando-se vítima de sua gula.

– Essa história nos remete ao adágio popular que diz que o peixe morre pela boca. – Lembrou Amália.

Francisco saiu dali e foi ao encontro de padre

Gregório. Amante e defensor da família, sofria muito com a separação. Três de seus filhos ousaram contrariar a possessividade da mãe e vieram morar no Bairro Céu Azul. Thainá, Thainara e Thaiguara se formaram em medicina e, por espontânea decisão, prestavam grande trabalho ao posto médico da comunidade. E, para aumentar a alegria de Francisco, eles eram bons músicos, fazendo questão de se apresentarem na roda de samba que era sempre realizada no mesmo antigo e velho quintal. Eram especializados em cantar as composições do maestro Manoel e colocaram música – por gosto e prazer – em muitas das poesias deixadas pela avó Thaí.

Contudo não saía da cabeça de Francisco o desatino do filho Thaiastro, que abandonou o curso de medicina no meio do caminho e, quando não estava entorpecido pelo consumo de drogas, demonstrava sua virtuosidade musical tocando piano em algumas boates da cidade.

– O que faço, padre Gregório?

– Você já tentou de tudo. Infelizmente, ele vive sob a influência da mãe e, certamente, sua entrega ao vício vem dessa intensa ligação, na qual ele obtém condescendência em relação ao seu descaminho e, assim, não se esforça e nem consegue livrar-se do grande mal e da perdição em que se meteu.

– Mas eu não aceito, é muito triste vê-lo caindo pelas sarjetas da vida.

– Dê-se por feliz, Francisco. De seus quatro filhos, apenas um é ovelha desgarrada. Olha que beleza de trabalho os outros três estão realizando! E que felicidade ter a Thainá casada e morando na casa da família! Pense nisso, Francisco, e se regozije. Não é possível ter tudo neste mundo e você tem muito e mais além, uma vez que até a garantia de continuidade da tradição de sua família na lida com trabalhos comunitá-

rios você já conquistou. – Descortinou padre Gregório, em licoroso opiáceo verbal que acalmou as aflições que atormentavam a alma de Francisco.

O tempo seguiu desnovelando dias, semanas, meses e anos. A questão da reforma e modificação do casarão da chácara se transformou em pendenga na Justiça, com autoridades ligadas ao patrimônio histórico e que nunca apareceram no bairro e nem sabiam da existência da chácara se intrometendo no assunto. A querela se estendeu. A demora foi tanta que, no período de luta da associação comunitária contra a intromissão de interesseiros em busca de criação de fato político – com o objetivo de ganhar acesso aos espaços da mídia –, ocorreram as mortes de Júlia e Murilo, que foram sepultados em túmulo ao lado da família do maestro Manoel, numa prova de carinho e afeto, que serviu de lenço ao pranto derramado pelos filhos Jorge e Amália.

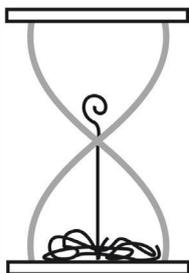
246

– Consolem-se meus amigos; vejam o meu drama: sou órfão do talvez. – Repetiu Francisco nas duas ocasiões, referindo-se ao inexplicável sumiço da mãe.

Logo depois da morte de Murilo, uma sentença definitiva veio iluminar a escuridão em que se metera a quizila da reforma do casarão da chácara, entronizado em meio ao verde cada vez mais exuberante e majestoso, graças aos cuidados despendidos por Jorge, que assim procedia como numa velada homenagem ao pai e seu incontido amor pela natureza.

Capítulo XVI

247





ABANO

**Se as libélulas tivessem seios
Gostaria de apertá-los contra o peito
Despertá-los em carne viva
E fazê-los revoar em esplendor
Num misto de sofrimento e dor
Aliviado pelo gozo do bater de asas**

249

Carlos Lúcio Gontijo

**O brilho do colar depende do horizonte
do pescoço de quem o usa!**

Era dia do aniversário dos gêmeos Thainá, Thainara, Thaiguara e Thaiastro, que certamente não compareceria à casa da família, onde haveria roda de samba no quintal, com gente de toda classe social, mas principalmente pessoas simples, de pele grelhada ao sol.

Thainá comunicou logo pela manhã ao pai Francisco:

– Olha pai, hoje fazemos aniversário e, para comemorar, vamos anunciar oficialmente a criação do trio H²OM.

– Mas, por que esse nome?

– Ué, se é verdade que a música bem ritmada, que agrada aos ouvidos e ao coração, modifica a molécula da água, que representa 70% do que somos, então não há nome mais apropriado para um trio formado por médicos. – Justificou Thainá.

– Já entendi. É água e música. – Concluiu Francisco.

– E não é só isso, pai. Nós aproveitaremos a ocasião para agradecer a oportunidade que o trabalho na associação comunitária nos deu de sensibilizar e humanizar nossa atividade médica. Hoje, sabemos que as camadas mais pobres toleram a falta de tudo e a indiferença de todos, mas não têm como lutar quando a doença lhes chega, pois precisam da saúde, da força de seus braços, para ganhar a ração diária com que sustentam suas famílias.

– É isso aí, minha filha. Todavia, os governantes não priorizam a área de saúde como deviam. – Acrescentou Francisco.

– Mas, voltando à festa, prepare-se para enfrentar a cantoria, que esperamos ser de total alegria e confraternização, madrugada adentro. – Enfatizou Thainá.

– É claro que assim será. Agora, vou falar com o Afonso Celso e lhe entregar as linhas gerais de conduta jornalística e a linha editorial do *Céu Jornal*. Deu-me muito trabalho, mas creio que deixaremos normas que sustentarão o jornal do nosso bairro diante das intempéries que atingem os meios de comunicação, que vêm insistindo em ser autores de necessidades comunitárias em vez de simples condutores e meros divulgadores dos anseios da sociedade.

– Então vá, meu pai, pois eu sei quanto o Afonso Celso está à espera disso.

254

No caminho até a redação do *Céu Jornal*, Francisco se pôs a pensar no tempo em que iniciou o namoro com Sandra, da flama de desejos que nele se manteve acesa por tanto tempo, como um candeeiro a iluminar a estrada sinuosa e empoeirada por que passa o carro de boi do amor, que não sede à modernidade e segue como sempre foi – um fenômeno natural.

Só de lembrar, doeu-lhe a alma. A separação contrariava a sua vocação para a união familiar, o convívio harmonioso entre pais e filhos. Pensou em Thaiastro com muita tristeza, pois via nele o estigma vivo dos danos provocados pela perda da identidade familiar, que parece estar se esvaecendo e cada vez mais sem força perante a propagação de conceitos que abalam o núcleo dos lares.

Lamentavelmente, os meios de comunicação e modernos pensadores propugnam uma filosofia fundamentada na

manutenção da sociedade em estado de choque permanente com o objetivo único de fazer valer a implantação do escândalo como sinônimo de liberdade e democracia, então mergulhadas em profundo e generalizado desregra.

Seguia tão distante e introspectivo que nem notou que já adentrava a sala de Afonso Celso.

– Que é isso Francisco, está no mundo da lua?

– Oh, desculpe-me, estava a pensar na vida.

– Sobre o quê? – Perguntou Afonso Celso.

– Sobre a desvalorização da instituição familiar. –

Respondeu Francisco.

– Você tem pouco a reclamar. O trabalho comunitário sempre manteve unida a sua família, tanto no passado quanto no presente.

– Mas tem o caso do Thaiastro. Eu não me consolo.

– Em vez de pensar nele, encaminhe a sua mente para os outros três filhos.

– É o que tenho feito. Mas que pastor aceita uma ovelha desgarrada? Ele sabe que o estouro da manada começa, muitas vezes, com o desvio de uma apenas! – Filosofou Francisco.

– Reafirmo que você não tem do que reclamar. Por enquanto, toda a sua história familiar, sua memória, sua organização e seu patrimônio cultural não se encontram relegados ao esquecimento. – Advertiu Afonso Celso.

– Nisso você tem certa razão. Em um mundo extraordinariamente novo e moderno, as tradições familiares, quando não são simplesmente esquecidas, são consideradas ultrapassadas, autoritárias e de paladar intragável para as mesas vazias e privadas de afeto familiar, cujos membros não se reúnem nem para almoçar, lancha ou jantar. – Apontou Francisco.

– Veja então que você tem muito a comemorar num tempo em que, mais do que o valor, o tradicional conceito de família perdeu o lugar. – Complementou Afonso Celso.

– A luta de minha família, desde o maestro Manoel, tem sido preservar a memória e a história de nosso núcleo familiar, sob a certeza de que, quando nossas tradições não forem transmitidas aos filhos, toda a matriz de identidade de nosso grupo se perderá no tempo.

– Sua família é exemplo e modelo não apenas para a nossa comunidade, mas para toda a sociedade, pois creio que a violência com a qual convivemos, cada vez mais intensamente, é fruto do surgimento de uma geração sem herança cultural, sem identidade familiar e com ascendência desconhecida. – Ponderou Afonso Celso.

256

– O papo está bom, mas eu vim aqui para lhe passar a nova, ou melhor, a reafirmação definitiva da linha e dos princípios editoriais do *Céu Jornal*.

– Que ótima notícia! Eu já estava pensando que morreria sem que tivesse em mãos essas normas que você me traz.

– A missão que você me passou foi de difícil cumprimento. Tive até que entrar no passado, para compreender melhor o jornal.

– Eu sei, caro amigo. Muitas vezes entrei na sala que você usou para fazê-lo e vislumbrei sobre a mesa exemplares antigos.

– Foi assim que descortinei todo o meu passado.

– Como assim? – Indagou Afonso Celso.

– Descobri quem era o meu pai.

– Ué, você não sabia?

– Eu não sabia Afonso Celso, nem procurei saber, pois meu bisavô Frederico e meu padraсто Mancini preencheram

bastante bem a lacuna paterna.

– E como você está emocionalmente? – Preocupou-se Afonso Celso.

– Eu estou bem. Tive contato com a cobertura exemplar que o *Céu Jornal* deu ao caso. Talvez, se não fosse o apoio dado ao meu bisavô Frederico pela comunidade, os abutres dos jornalões o teriam devorado. A reportagem que mais me tocou foi aquela em que o meu bisavô profetizou que o filho de Galdino Constantino, presente no carro no momento do assassinato, seria mais tarde um líder empresarial desprovido de sensibilidade e determinado a exercer uma administração pautada numa espécie de vingança doentia, conforme pude comprovar em minha passagem pelo jornal *Trama* e pela revista *MÉ*.

– Então, pelo que você me diz, Francisco, você não sabia que Gagá Jr. era seu irmão por parte de pai.

– Não, eu não sabia. Porém, meu meio-irmão não existe para mim. Ou seja, parentesco precisa de convivência, cumplicidade e, como a vida não nos deu esta etapa, ele é um "zero irmão". Foi graças à minha passagem pela empresa do Gagá que eu pude aprender como não fazer jornalismo e, ao mesmo tempo, apreender a importância de um veículo de comunicação como o *Céu Jornal* para a comunidade. Pode ter a certeza de que a linha editorial que ora lhe entrego reserva espaço para que o repórter exponha seu sentimento e dê vida emocional ao texto.

– Assim espero, Francisco, pois a ciência afirma que a intuição habita o coração, que sente primeiro que a razão, quando a pessoa se acha diante de algum perigo e tem que tomar decisão importante. O sexto sentido – sensação ou intuição – funciona como resultado de um processo mental realizado abai-

xo do nível da consciência, colocando o coração como um agente emissor que desacelera seis segundos antes da tomada de uma decisão. É meu desejo que os repórteres do *Céu Jornal* reproduzam suas sensações diante dos fatos. Ninguém suporta a descrição fria de notícias informando sobre desastres e mortes. A narrativa robotizada e mecânica contrasta com as fotos encharcadas de sangue. – Concluiu Afonso Celso.

– Então fique tranquilo, pois é exatamente isso que a linha editorial traçada em nosso trabalho procura garantir.

O telefone toca, Francisco despede-se rapidamente. Tinha que comparecer a uma delegacia, onde Thaiastro estava detido por ter-se envolvido em briga dentro de uma boate. Dirigiu-se ao encontro do filho com advogado a tiracolo, pois a última coisa que queria era que ele passasse o dia do aniversário na cadeia. Não encontrou dificuldades para levar o filho para casa, onde, como costuma acontecer em tais ocasiões, o clima fica ruim, ainda mais em se tratando de lar desfeito, devido à separação do casal. Sandra não estava nem aí. Coube-lhe a dura tarefa de repreender Thaiastro, entrar em seu quarto e pegar a droga que ele mantinha guardada na gaveta de uma estante de livros. Deixou a casa com a alma em pandarecos. Ao sair, reparou o colar de brilhantes que deu de presente à namorada Sandra, que se tornaria sua mulher, e pensou consigo mesmo: "o brilho do colar depende do horizonte do pescoço de quem o usa".

A discussão familiar sempre lhe fazia mal. Voltou para falar com Afonso Celso, mas recebeu a informação de que ele não estava se sentindo muito bem e tinha ido ao médico. Resolveu, então, ir à sede da associação comunitária, onde se encontrou com o filho Thaguara, ao qual expôs o ocorrido.

– Ah, pai, fazer o quê? O senhor fez o que pôde para resgatá-lo.

– Todavia, como ser humano, fico contrariado e me culpando; enfim, me autocondenando como pai.

– Por que o senhor não volta seu olhar para o todo. Veja o seu sucesso como chefe de família. Seus outros três filhos são médicos e praticam uma medicina essencialmente hipocrática graças à sua ligação com trabalhos e atividades comunitárias. Aprendemos a colocar os medicamentos, enfermagem, laboratórios, hospitais, escolas médicas e, em especial, o nosso conhecimento médico em benefício dos pacientes. No dia-a-dia do posto médico da associação comunitária observamos o porquê de Hipócrates ter avaliado que as melhores qualidades de um filósofo deveriam residir na figura do médico. Ou seja, a formação humana e psicológica dos que exercem a atividade médica deveria ter como sustimento o desinteresse monetário, a modéstia, dignidade e a extrema preocupação com o bem-estar do doente. Seus filhos médicos têm a absoluta certeza de que, quando os princípios hipocráticos são obedecidos, emergem as descobertas científicas e os procedimentos médicos favorecem, radicalmente, os doentes.

– Oh, Thaguara, que belo e consolador discurso.

– Consolador que nada, meu pai. O senhor nos ensinou que, mais que as doenças e as catástrofes naturais, o próprio homem representa o maior perigo para a humanidade, que não dispõe de mecanismos preventivos, nem vacinas ou antídotos, contra as anomalias psíquicas e epidemias filosóficas devastadoras que pregam o individualismo e o egoísmo, que são mais venenosos e mortíferos que a fome, os micróbios, o câncer, a aids ou qualquer outra moléstia.

– A salvação está na honestidade, na solidariedade, no respeito e no amor ao próximo. Contudo, ao que nos parece, tais mandamentos não chegaram às hostes políticas. Outro dia

mesmo, como prova do ponto a que chegamos, um edital licitatório de Câmara Municipal, com a finalidade de aquisição de papel higiênico, especificava de forma explícita, em órgão de comunicação oficial: "papel higiênico de primeira qualidade, interfolhado, macio, dupla face, hidrossolúvel, alta resistência ao estado úmido, na cor branco-neve, alta alvura, 100% celulose de fibras virgens, sem a utilização de transgênicos, não reciclado, neutro, pré-cortado, tipo caicai etc."

– Pai Francisco, quanta demonstração de superioridade. Eles se julgam reis. É como se a eleição democrática ungis-se políticos ditatoriais e tiranos.

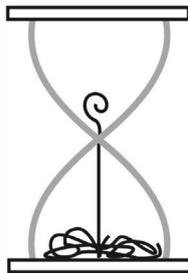
– Talvez, filho, o papel higiênico recomendado, para estar em pleno acordo com os serviços prestados pela classe política e com tanta frescura, devesse ser cor-de-rosa, reciclado e em folha única do tipo lixa.

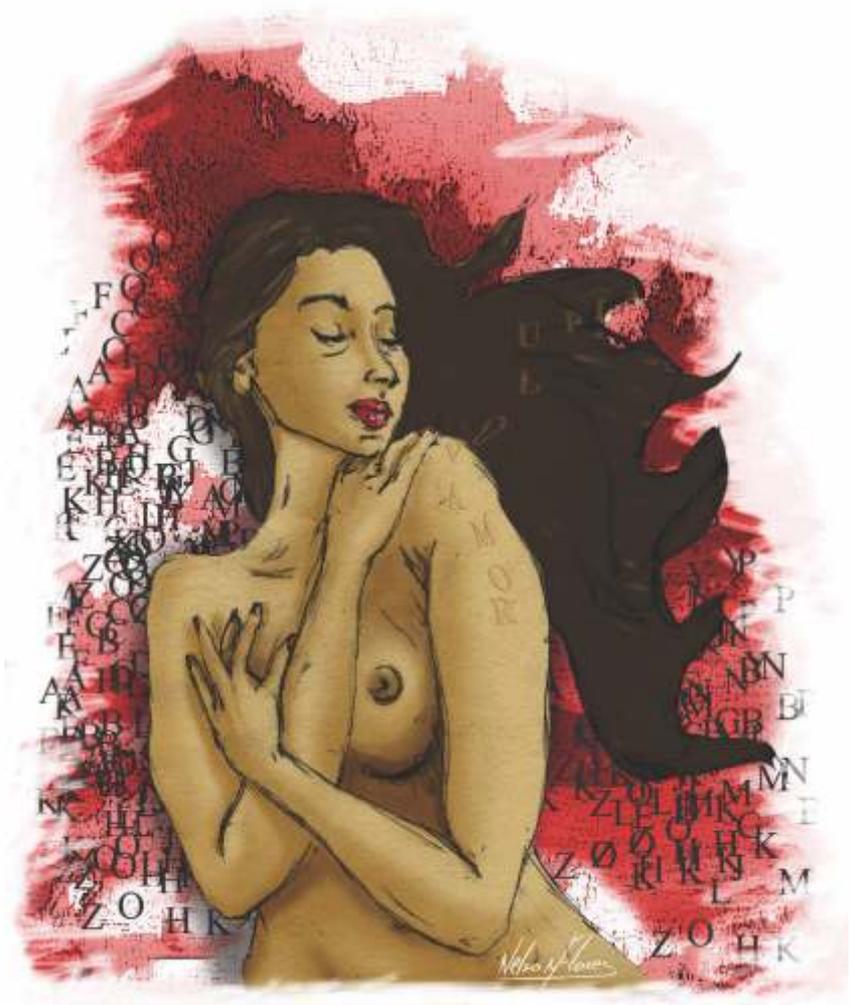
260

Abraçados, os dois riram, espantando as nuvens da incerteza, tão comuns no seio daquela família, regida pelo talvez desde o desaparecimento de Thaí e, também, deprimida pelo contato diário com uma sociedade constituída por pobres material e intelectualmente e uma classe média desunida, que briga e se contenta com as migalhas que lhe são deixadas ou atiradas, pelas elites dirigentes, do alto de seus palácios e mansões, num morde e sopra sem fim, onde ferir e abanar são, ao mesmo tempo, atitudes legítimas e atos revestidos de filantropia bem distante da prática da caridade cristã, na qual impera a vontade efetiva de ensinar o mendicante a pescar e viver à própria custa.

Capítulo XVII

261





PELEGRAFIA

**O amor é escrito em braile
Nele vale a linguagem de toques
Mãos tecendo tatos sem retoques
Coração na ponta dos dedos
Esfrega sem pudores nem medos
Escudada em pele, poros e pelos
Sob os apelos da libido derramada**

263

Carlos Lúcio Gontijo

Temos o dever de fazer render os talentos e os dons que Deus nos concedeu. Não os podemos deixar ociosos ou desperdiçá-los em vão.

Em qualquer tempo, na alegria ou na dor, o aprendizado do espírito é ininterrupto. Muitas vezes, somos levados a semear sombras na escuridão, sob a esperança de colher alguma claridade. A verdade insofismável é que as prioridades que elegemos são colocadas à prova pelas circunstâncias. Iniciamos nossas vidas sonhando com castelos deslumbrantes e terminamos, na maioria das vezes, digladiando por simples barracos aconchegantes.

267

Francisco ia pensando dessa forma ao rumar para a chácara, onde seriam iniciadas as reformas do casarão. O veredicto do juiz foi baseado no próprio texto de doação elaborado por Mancini e seus advogados, no qual se dizia que a fachada da antiga construção não podia sofrer qualquer intervenção ou modificação. Dessa forma, a associação encomendou projeto de engenharia civil que preservasse a fachada, mas que desse maior funcionalidade à casa, que não mais seria uma simples residência erguida na entrada de uma enorme área verde, mas uma edificação a serviço de causas e afazeres comunitários.

Francisco recolhia algumas fotos e objetos que compunham o acervo memorial de sua família, quando Amália chegou às pressas na chácara, gritando por ele.

– Senhor Francisco, senhor Francisco!

– Que foi, Amália, estou aqui no quarto de Mancini e minha mãe.

– Olha, o jornalista Afonso Celso acabou de morrer.

– Meu Deus, que notícia triste. Ainda bem que lhe passei às mãos a linha editorial do jornal, que ele mandou editar e distribuir a todos os funcionários, dizendo que, independentemente da função, todos deveriam tomar conhecimento. – Consolou-se Francisco.

– Estou sabendo disso; até as faxineiras receberam um exemplar. – Acrescentou Amália.

– Dizia ele que se, em vez de jornal, fosse proprietário de uma fábrica de sabonete, todos os empregados deveriam reconhecer o cheiro do produto produzido.

– Pois é, ele, ao que parece, estava só esperando ver suas ideias sobre a edição de um jornal ficarem grafadas em papel para morrer. – Disse Amália.

– É isso mesmo. Apesar de toda confiança que depositava no filho, o Gilberto, ele queria documentar a linha editorial e filosófica do *Céu Jornal*. Não queria ele que o veículo de comunicação que fundou sob propósitos comunitários viesse se transformar em produto impresso ditando os anseios do cidadão comum, metendo-se a evangelizar, desrespeitar a cultura da maioria e ousando participar de processos inquisitórios contra grupos que pensam diferente no campo político, religioso ou sexual.

– Sei disso, Francisco. Outro dia mesmo, em palestra na Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel, ele disse que todos devemos pensar duas vezes antes de tirar qualquer pessoa de seu *habitat*, pois o que, aos nossos olhos e costumes, é bom para nós pode não sê-lo para o outro. Defendia Afonso Celso que apenas o acesso à informação democratiza-

da é capaz de dar ao indivíduo a oportunidade de mudança pelo convencimento propiciado e legitimado pela escolha baseada em dados, análises e opinião sincera e sem o vício da imposição praticada pelos que se julgam donos da verdade. – Dissertou Amália.

– Infelizmente, tem muita gente que não leva em conta o tamanho do pé do próximo e quer aviar 38 para quem calça 40, ou vice-versa. – Concluiu Francisco.

– O Gilberto me telefonou. – Atropelou o diálogo padre Gregório.

– Já sei da morte do Afonso Celso. – Disse Francisco.

– Não é sobre isso. Ele telefonou para solicitar que o velório do pai seja no Espaço Cultural.

– Mas é claro que pode. Aliás, eu já lhe ia telefonar para fazer essa sugestão ao Gilberto. Afinal, Afonso Celso lutou muito para que a associação comunitária do nosso bairro se tornasse o exemplo de organização popular bem-sucedida a que hoje assistimos.

– E como vai ser a festa dos meninos? Será que a morte do Afonso Celso não comprometerá a comemoração do aniversário de seus filhos, Francisco?

– Creio que, se meus filhos deixassem de comemorar a data de seu nascimento, eles contrariariam até o falecido Afonso Celso, que é padrinho de batismo de Thainara. E certamente ele estará, em espírito, em nosso quintal, ajudando-nos a entoar os sambas do maestro Manoel e do meu bisavô Frederico.

– Eu estou de acordo. Nada de adiar o aniversário dos meninos. Nós, bem como o espírito de Afonso Celso, vamos nos revezar entre o velório e a festa no terreiro. Afinal, o Espaço Cultural e a casa da família do maestro Manoel ficam

bem perto. E o que é a vida senão uma combinação de amor, desamor, alegria e dor?

– Muito bem, Amália. A superação pela perda do amigo Afonso Celso começa hoje mesmo. Sua eternização entre nós está garantida, tanto por seu envolvimento com os trabalhos e ações comunitárias, quanto pelas edições diárias do *Céu Jornal*. – Pontuou padre Gregório, que, crente em Deus, não podia mesmo declarar-se entregue à total tristeza, quando sua fé o incita a comemorar a alegria da vida eterna, em que adentrava o amigo Afonso Celso.

Naquele dia, o balé da vida descortinou à comunidade do Bairro Céu Azul as coxias do palco da existência, onde tristezas e alegrias convivem em harmonia, distantes dos nossos olhos de seres humanos, que apenas enxergam (sem ver) os rizomas da natureza que nos circunda. Percebem as maravilhas com que Deus contemplou o planeta Terra apenas no encanto de seu desabrochar, não têm sensibilidade para vislumbrar a raiz, a luta das sementes para germinar, os grãos perdidos, as escuridões que permeiam as sombras e as luzes. Sentir o jardim da vida tão-somente no momento de seu reflorescer é fechar os olhos para todo o ciclo de crescimento e formação de todos os seres vivos, onde o florir e o florescer são o início do fim. Ou seja, valorizamos a vida a que tanto prezamos quando ela está prestes a perecer, sucumbir-se: a roseira do jardim só é vista quando nos oferece rosas; e o próximo só é valorizado quando bem-sucedido e pode atender nossos interesses materiais ou de prestígio junto à sociedade a que nos encontramos inseridos.

A missa de corpo presente foi celebrada no próprio salão em que se realizava o velório, às 20 horas, a pedido de Gilberto, que não queria atrapalhar nem quebrar a alegria pela

comemoração do aniversário dos quadrigêmeos, filhos de Francisco.

– Pode fazer a festa com todo o contentamento, pois não me sentirei ofendido. Sou grato a Deus por meu pai ter vivido 99 anos, – disse Gilberto.

– Eu sei que sua fala é sincera. A comemoração de aniversário dos meus filhos será feita dentro do previsto, a partir das 22 horas. – Respondeu Francisco.

Às 20 horas, padre Gregório celebrou a missa de corpo presente e aproveitou para, diante da comemoração de aniversário e do sepultamento de Afonso Celso, fazer uma homilia sobre o tema da tolerância:

"A tolerância foi a marca deixada pelo jornalista Afonso Celso. Na direção do *Céu Jornal*, jamais participou de denúncias na forma de campanhas. Seu comportamento nos remete a Jesus Cristo, que não excomungou nem esconjurou a fé da mulher fenícia ou a crença do centurião. Lembremos sempre que Jesus Cristo não levou sua piedade, solidariedade e cura apenas aos que aderiram à sua pregação. A humanidade precisa encontrar o caminho do amor ao próximo e pôr um ponto final à indiferença alicerçada no regime capitalista da acumulação de riquezas. Não é mais possível defender uma civilização, que se propaga racional, onde dois terços da população não têm acesso aos bens produzidos pelos modernos meios fabris. Construimos o mais obscuro politeísmo de que a história humana tem notícia, em que misturamos a veneração a um Deus que nos reserva a vida eterna após a morte, com a exaltação a centenas de semideuses, aos quais, enquanto vivos, louvamos com extrema reverência e devoção: o dinheiro, o sexo, o poder e o consumismo. Por isso, antes que alguns detectem desrespeito na confirmação da festa de

comemoração do aniversário dos filhos de Francisco – apesar da morte de Afonso Celso –, lembrem-se de que a vida é isso mesmo, repleta de nascimento e partida. Ademais, com toda a certeza, o espírito de Afonso Celso estará presente na cantoria da casa da família do maestro Manoel e jamais comparecerá ou perfilará ao lado dos que contribuem para o avanço das iniquidades sociais".

Francisco, como todos os demais convidados para a comemoração do aniversário de seus filhos, passou a noite entre as orações do velório e a cantoria no quintal. E, numa dessas idas e vindas, já com o dia raiando, ele se encontra com Thaiastro no meio do caminho.

– Oi pai, está lá comemorando o aniversário de seus filhinhos queridos?

– Deles e seu também, pois eu o amo da mesma forma que a seus irmãos.

– Que nada, pai. Como o senhor pôde revirar todas as minhas gavetas daquela forma e jogar fora o que era meu?

– Filho, não joguei coisa alguma que lhe pertencesse fora. Na realidade, eu tentava livrá-lo do lixo da droga sintética.

– De nada adiantou. Estou vindo de uma festa "rave", onde comemorei meu aniversário e consumi droga à vontade.

– Nem precisa falar, filho, dá para notar todo o seu delírio pela sua deplorável aparência física.

– Pois é, você foi lá em casa para me livrar das drogas e eu estou aqui para me livrar de você...

Sacou um revólver e atirou contra o pai, que ainda, num gesto de puro reflexo, conseguiu segurar-lhe a mão. Dessa forma, o tiro foi desviado para baixo, acertando-lhe a coxa, quase lhe atingindo a virilha, o que poderia representar um ferimento fatal.

– Francisco, Francisco! Dizia Alemão Filho, que correu em socorro, junto com outros amigos e populares.

Já no hospital, Francisco recebeu a visita de padre Gregório e dos outros três filhos.

– Gente, não há motivo para alvoroço. Que notícias têm de Thaiastro?

– Há motivo para preocupação sim, meu pai. O senhor poderia ter morrido. – Ponderou Thainara.

– É isso mesmo, pai, o senhor correu um grande risco!
– acrescentou Thaiguara.

– Não se vanglorie tanto, meu pai, e pense que foi uma intervenção divina. – Interveio Thainá.

– Ah, Thainá, só porque mora na casa que foi de sua avó, não precisa ficar me falando como se tivesse assumido a sua sabedoria! Além do mais, precisamos ir ao socorro de seu irmão. Coitado, a essas alturas deve estar arrependido e apavorado.

Os três irmãos saíram para saber do irmão e só o padre permaneceu.

– Pois é, padre Gregório, aqui estou eu. Acabei de receber a visita de três filhos médicos, ao passo que o outro filho, igualmente querido, tenta me tirar a vida.

– Não há de ser nada, quem sabe, com esse ato de loucura, Thaiastro retome o bom caminho. – Augurou padre Gregório.

– Não perco as esperanças. Thaiastro é uma pessoa talentosa, ostenta grande virtuosidade musical. – Elogiou Francisco.

– Como você deve saber, talento era, na Grécia e nos países da área mediterrânea, um peso e um valor monetário. Correspondia ao valor de seis mil diárias de um trabalhador.

Por causa da parábola de Jesus que lemos no capítulo XXV de São Mateus, a expressão talento passou a significar alguma qualidade especial de que uma pessoa é dotada: predicados como inteligência, criatividade, pendoros artísticos, habilidade para negócios ou para pesquisas científicas.

– É por isso, padre Gregório, que os pais ficam felizes quando um filho se manifesta talentoso.

– Mais que ficar felizes, Francisco, temos o dever de fazer render os talentos e os dons que Deus nos concedeu. Não os podemos deixar ociosos ou desperdiçá-los em vão.

– Desde o maestro Manoel que minha família entende e protege os talentos. Foi por isso que a comunidade tanto batalhou pela criação de um espaço cultural, pois ali abrigamos os que tecem a lã, os que desenham, pintam, escrevem, cantam, dançam, representam, declamam ou executam algum instrumento musical. A arte é mesmo um sinal de Deus, que abre as mãos para o pobre e estende os braços ao indigente.

– Creio, amigo Francisco, que os talentos são como sementes que Deus planta no solo de nossa vida, para que as cultivemos. Necessitamos desenvolver a inteligência na procura de efetiva mudança da humanidade no campo espiritual, que é explicitamente ligado à inteligência emocional.

– Sem sombra de dúvidas, temos que usar de todas as nossas potencialidades para construir um mundo edificado sob o império do bem! – Conclamou, padre Gregório.

– Defendo a tese de que muita coisa vai mal no mundo porque há muita gente que abandona os dons com que Deus a premiou. É enorme a multidão de omissos. Não nego a minha tristeza pelo ato de meu filho, mas ainda vejo nele o brilho do talento que não desejo que se perca em vão. Claro que corro risco, ao decidir não fazer nem registrar qualquer queixa poli-

cial, todavia sem risco não se caminha, não se progride, não se promove o bem.

– Sábias palavras, caro Francisco. Tomara que a luz que o ilumina nesta hora penetre a mente de seu filho Thaiastro.

Toca o telefone, era Jorge, que falava direto da chácara, ou melhor, do casarão onde se faziam as obras de melhoria para adequá-la às necessidades da associação comunitária.

– Corra aqui, padre Gregório. Não comente nada com Francisco. Estamos diante de uma revelação macabra, inaudita. O documento junto aos escombros não nos deixa a menor dúvida.

– Francisco, tenho que ir. Chamam-me com urgência.

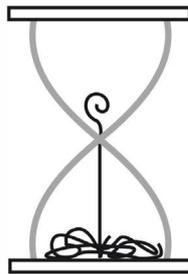
– Disse padre Gregório, tentando disfarçar a preocupação, a fim de não aturdir ainda mais o amigo que havia perdido Afonso Celso, um companheiro de lutas, e passado por grave desavença com o filho.

– Até amanhã. Acho que me darão alta amanhã mesmo, pois, nestes tempos de infecção hospitalar, hospital é só para doentes com enfermidade de alta complexidade.

– Então tiau, amigo. Fique com Deus. – Encerrou a conversa padre Gregório, partindo ao encontro de uma sessão cinematográfica de terror filmada pela realidade da vida, que tem como roteirista o destino, que escreve em braile e só se nos revela na escuridão, para que, Tateando e vagarosamente, desvendemos a nossa sina.

Capítulo XVIII

277





Nelson Flores

PERMANÊNCIA

**O amor não é isso
E muito menos aquilo
Não é preciso segui-lo
Retê-lo em nó de peito
Nem imaginar algum efeito especial
Ou ser tresloucado romântico
Aprisionando-o nas amarras do abraço
Pois o amor é fenômeno quântico
Não ocupa tempo nem espaço
É essência de corpo e alma
Eternizada no frasco da permanência**

279

Carlos Lúcio Gontijo

**Tudo é questão de vivência e hábito:
uns se perdem na luz;
outros se encontram na escuridão.**

Na porta do elevador, padre Gregório cruza com Sandra que chegava para visitar o ex-marido.

– E aí, Sandra, como vão as coisas?

– Estou muito chateada com o que ocorreu. Thaiastro cometeu um desatino e está tanto arrependido quanto envergonhado.

– Tomara que o incidente lhe sirva de lição e ele, definitivamente, caia nos eixos. – Ensejou o padre Gregório.

Sandra chegou para visitar Francisco com o coração nas mãos, pois, de uma forma ou de outra, ele era o homem de sua vida. A separação se deu exclusivamente pela força superior de sua opção sexual, contra a qual não tinha como lutar – estava acima da vontade e da razão.

– Lamento muito, Francisco, não tenho palavras. – Disse Sandra.

– Não se lamente por mim, mas por nosso filho, ao qual eu perdoo de coração, apesar de a atitude dele ultrapassar os limites de minha compreensão.

– Ainda bem que o amor paterno está acima da simples capacidade de nossa avaliação. Eu lhe agradeço por não ter sequer registrado queixa ou ocorrência.

– Eu não tinha como tomar medidas legais contra o meu filho. Isso seria como morrer em vida. – Enfatizou Francisco.

– E pode crer que Thaiastro se sente, espiritual e moralmente, condenado e, por isso, está se remoendo em profundo remorso. – Acrescentou Sandra.

– O que eu quero é que nosso filho retome o bom caminho e consiga livrar-se das drogas.

– Considero-me culpada por sua entrada no submundo do vício, pois o afastei de seu leito natural, que era a convivência com as raízes sociais que sua família implantou no Bairro Céu Azul. Hoje, depois de tudo o que ocorreu, eu o tenho incentivado na necessidade de ele sair de si mesmo e ir ao encontro do próximo. Não sei se você sabe, mas ele está ganhando um bom dinheiro dando aula de música e fazendo arranjos.

– É claro que sei. Tenho até uma cópia de poemas de minha mãe Thai que ele musicou lindamente. – Entrecortou Francisco.

– É disso que vem a minha esperança. Thaiastro tem participado de trabalhos voluntários numa casa de idosos que é mantida por duas senhoras com idades acima de 75 anos, o que lhe tem servido de terapia.

– Sei disso também. E só espero que as coisas ocorram da maneira esperada para que a associação comunitária possa dar uma ajuda efetiva às duas irmãs, que realizam um extraordinário trabalho social.

– Ué, você está ciente disso também, Francisco?

– É lógico, Sandra. Apesar do afastamento de Thaiastro, eu não deixei de acompanhá-lo. As energias protetoras de nossa família o trouxeram para dentro do Bairro Céu Azul e o introduziram numa bela obra de caridade e amor ao próximo. As irmãs Renata e Rejane são minhas velhas conhecidas. Elas são uma prova de que os que não se deixam levar

pela sanha da competição materialista mas direcionam suas energias para o trabalho de ajuda aos necessitados, praticando o amor ao próximo de forma espontânea e decisiva, têm vida longa.

– Explique-me melhor, Francisco.

– Uma das irmãs, a Rejane, é portadora de doenças cardíacas e renais tão incisivas que nem os médicos entendem como ela continua viva. Recentemente, essa mesma Rejane foi atingida por câncer de mama, a qual extirpou, passou por seguidas sessões de quimioterapia, radioterapia, enfim toda uma série de tratamento aniquilante. Contudo, lá está ela cuidando de mais de 100 idosos, 60 deles recolhidos na rua, onde viviam no mais completo e penoso abandono.

– Agora, estou me lembrando de que Thaiastro, ao me falar sobre as irmãs solteironas, chegou a relacionar, tal como você, longevidade com a entrega e o amor pelos semelhantes.

– E tem mais, Sandra, as duas senhoras realizam todo o trabalho de manutenção do abrigo de idosos sem qualquer apoio financeiro de órgãos governamentais, sobrevivendo à custa da solidariedade do povo. Indubitavelmente, existe ali o que podemos chamar de materialização da divina providência.

– Que nosso filho, com toda a sensibilidade musical que ostenta, ouça a orquestra do Criador e aprenda a viver a vida como uma doce melodia à espera da letra que escrevemos com os nossos atos. – Rogou aos céus uma chorosa Sandra.

– Creia e fique tranquila, pois nosso filho ouvirá a canção celestial e se espantará com o tempo perdido, perguntando a si próprio como foi capaz de se entregar a uma vida embebida em arroubos fúteis, indiferença pelo próximo, hedonismo e prazeres efêmeros – cheios de calor e vazios de

luz, feito discurso de político em período eleitoral.

Abraçaram-se longamente, derramando no peito um do outro o permanente aroma do amor, uma fragrância que entranha na pele dos amantes, eternizando libidos e cios.

Disfarçando as lágrimas e tentando apagar o fogo da emoção, Sandra diz:

– Encontrei o padre Gregório na porta do elevador.

– Ele é um grande amigo e eu o conheço muito bem; tanto que, ao sair, ele me deixou preocupado.

– Mas por quê, Francisco?

– É que, como diria meu bisavô Frederico, ele chegou aqui batendo latas e fazendo barulho como uma carroça vazia e saiu, depois de receber um telefonema, carregado, pesado, sem fazer ruído ao caminhar.

– Boa comparação, Francisco, mas acho que não tem nada não.

– Veremos, Sandra. Sou desconfiado e acredito nos adágios populares, principalmente naquele que vaticina que a má notícia e a desgraça nunca vêm desacompanhadas.

– Deixe de pessimismo, homem de Deus.

– Está bem, Sandra. Mas veremos!

– Ânimo, Francisco. Até outro dia. – Despediu-se Sandra.

Enquanto isso, padre Gregório tomava conhecimento e contato com a horrível cena de descoberta do corpo de Thai. Não havia dúvida, pois dentro do bolso do casaco azul que cobria a ossada estava o resultado positivo de uma gravidez que ela não teve tempo de anunciar ao marido cuja mente se sabia, agora, ser mais doentia do que se podia imaginar.

Padre Gregório reuniu os amigos mais próximos e a família para ver quem seria o mensageiro de tão medonha

notícia. Os filhos logo se eximiram da missão e apenas se colocaram à disposição para a necessidade de algum socorro médico, o que era bastante provável, dado o potencial destrutivo embutido no fato, um artefato do destino que derramaria pólvora suficiente para consumir em fogo a carne e a alma de Francisco, que sempre teve em Mancini um verdadeiro pai e que, de repente, ser-lhe-ia apresentado como um monstro especializado em macabra dissimulação.

– Meu Deus, aquela fala repetida, que ele dizia ao despedir dos amigos à noite, era a mais absoluta expressão da verdade. – Lembrou-se Alemão Filho.

– Eu me lembro disso. Estou até ouvindo a voz dele dizendo aos amigos de bar: "Agora eu vou dormir com Thaí" – Recordou Arturzinho.

– Rosa Maria é que estava certa. Ela sempre desconfiou de Mancini, baseada no sexto sentido de Thaí, que demorou a aceitar a ideia de se casar com ele. O homem era um doente mental descontrolado. Assassinou Thaí e ficou esparramando anúncio por todo lado como se ela tivesse desaparecido. – Indignou-se Alemão Filho.

– Não adianta chorar sobre o leite derramando. A monstruosidade aconteceu, provando-nos que muitas vezes convivemos, mas não conhecemos as pessoas ou não sabemos ler os sinais. O que nos resta é apoiar o amigo Francisco diante desse baque inimaginável. – Interveio padre Gregório.

– Realmente, pelo que sei do caso, que ouço desde que aqui cheguei, ainda adolescente, Mancini emitiu sinais de problemas emocionais ao disparar um tiro contra a própria cabeça e, mesmo assim, continuar colecionador e amante das armas. – Acrescentou Amália.

– Então, gente, como vamos dar a notícia? Vamos

esperar Francisco sair do hospital amanhã, ou damos a notícia lá mesmo?

– Da minha parte, acho melhor dar a notícia no próprio hospital, pois qualquer mal súbito que vier encontrará socorro imediato. Meu pai é pessoa espiritualizada, mas a notícia que receberá é uma verdadeira bomba atômica em matéria de decepção com o ser humano. – Propugnou Thainara, obtendo pleno apoio dos demais irmãos.

– Se os filhos médicos assim decidem, está bem. Falta agora decidir quem dará a notícia. – Disse padre Gregório, que ouviu um uníssonos:

– É você, nosso pastor!

– Então está bem. Eu entro e dou a notícia, mas, ao meu sinal, os filhos e amigos mais chegados devem entrar na sala como demonstração de que ele não está só.

288

– É isso mesmo, padre Gregório. Eu me sinto como um agente agravador da situação, pois tive a coragem estúpida e insensata de atirar em meu pai, que infelizmente recebeu novo e inesperado bombardeio. Devemos nos unir em torno de papai, pois li, recentemente, que até os elefantes e, certamente todos os animais, prestam homenagem e veneram seus entes queridos. Cientistas descobriram nos elefantes a capacidade de compaixão, comiseração e solidariedade. Se um integrante da manada cai, os demais paquidermes procuram levá-lo, demonstrando resposta instintiva e generalizada ao sofrimento e à morte. É hora de sermos grandes em solidariedade e amor ao próximo feito os elefantes. – Exortou, em sincero mea-culpa, Thaiastro.

– Se é assim, partamos em manada na direção do hospital, pois Francisco precisa de todo o calor humano que pudermos despender de nosso corpo, mente e espírito. Como

disse Thaiastro, precisamos ter força de elefante para enfrentar momento tão difícil. – Fechou padre Gregório, já tomando o sentido da porta de saída do casarão da chácara.

No hospital, Francisco havia acabado de tomar um banho. Os médicos que o tratavam, avisados do que estava prestes a ocorrer, aplicaram-lhe calmantes. E Francisco, bom observador, alertou um jovem médico:

– Olha, menino, desde ontem eu o vejo por aqui. Na certa, é seu plantão.

– Acertou em cheio, senhor Francisco.

– Tudo bem, meu jovem. Mas saiba que o trabalho é bom e indispensável, contudo não devemos elegê-lo companhia em substituição à convivência com a família e os amigos. Nem Deus dispensou o calor de um lar para abrigar seu filho. Por isso, tenha certeza: o olhar do Criador paira sobre as famílias e suas casas.

– Que bom ouvi-lo, senhor Francisco. Estudei em escolas do Bairro Céu Azul, cresci ouvindo as músicas do maestro Manoel e lendo os livros de prosa e poesia de sua mãe Thai e, também, de seu bisavô Frederico.

– Então eu estou é ensinando pai-nosso a vigário, pois esses autores são até repetitivos no sentido de deixar bem claro que casa que serve de horizonte aos olhos de Deus tem reunião fraterna e muita festa, pois transformar a água em vinho é uma necessidade cristã dos que creem.

– O senhor tem inteira razão nesse aspecto. Lembrome de uma passagem em que Thai escreve que "a cana é doce apesar do nó, apenas o ser humano perde a doçura diante dos nós da vida e procura transformar-se em pedra no caminho de seus semelhantes".

– É isso aí, moço. Minha mãe sabia mesmo das coi-

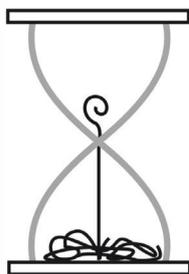
Jardim de Corpos

sas. Ela costumava dizer que, se houvesse eternidade na vida que levamos, reclamaríamos da inexistência da morte.

– Vejo que o senhor está meio sonolento e vou deixá-lo, mas antes lhe passo um aforismo de sua mãe do qual jamais me esqueci: – Tudo é questão de vivência e hábito: uns se perdem na luz; outros se encontram na escuridão. Enfim, muitas são as prisões: umas materializadas; outras invisíveis, onde o carcereiro é o nosso próprio espírito.

Capítulo XIX

291





CALO

**Em solidão, os mortos no cemitério
Solitários, os vivos na multidão
O rosário é vão na falta de fé
Cada qual com o seu calvário
Tudo é igual em desigualdade
Às vezes se vive sem vida
E atormentados pela ferida aberta
Perdemos a chance da descoberta
De que é a lágrima que irriga o caminho
Mais vida há no calo que aperta
Flor que mais prospera tem espinho
Conquista fácil perde a graça
Fruto bom é de árvore escassa
Pois o que vem sem esforço é breve
Nesta vida em que tudo passa!**

293

Carlos Lúcio Gontijo

**A eternidade é uma grande pedra no mar do universo
espiritual, onde depositamos o limo e o musgo que
acumulamos na vida.**

Padre Gregório aceitou a missão de revelar a Francisco o crime bizarro de que sua mãe foi vítima. Ao receber a notícia, Francisco se entregou amortalhado à narrativa de padre Gregório, sua alma se estirou na esteira de vime estendida sob o sol da lembrança e sombras do passado. Viu-se e sentiu-se como flor de lodo que sobreviveu graças à luz moral do núcleo familiar e do amor de sua mãe – uma ausência material que, espiritualmente, sempre esteve presente a seu lado.

– Meu Deus, como pôde ser tão dissimulado, tão frio!

– É, Francisco, ninguém poderia imaginar que, sob a figura altruísta, amante da natureza e benfeitor social, responsável pela construção de tantas moradias para as camadas mais pobres de nosso bairro, morasse um ser capaz de cometer tamanha barbaridade. – Ponderou padre Gregório.

– Vejo-o agora como a chama que tanto pode cozinhar o alimento que comemos quanto devorar a mata e tudo que nos rodeia com sua língua de fogo. – Disse Francisco.

– Mas é esta a vida que temos que viver. São muitas as pessoas com duas caras, com duas personalidades completamente antagônicas e distintas. Logicamente, no caso do Mancini, nós, você e sua mãe convivemos com a face nobre que ele nos ofereceu e deixou à mostra. – Explicou padre Gregório.

– Infelizmente, o mal também se une, arregimenta forças para agir e, na maioria das vezes, o bem demora a enfrentar os exércitos do desamor que se enfileiram e perpetraram mil e uma maldades contra a sociedade, que perde, por indolência e letargia, valores indispensáveis para a convivência e o progresso comunitário. – Enfatizou Francisco.

– Pelo menos, agora, você e sua família têm ciência do que aconteceu com Thaí, a qual davam como desaparecida. – Tentou consolar padre Gregório.

– Isso é verdade. Agora, não há mais talvez. Minha mãe não nos aparecerá numa esquina qualquer do mundo real, viva e cheia de histórias para contar sobre o seu desaparecimento. Contudo, passamos a tê-la em todas as esquinas da eternidade. – Balbuciou Francisco, clara e compreensivelmente em lágrimas.

298

– Chore mesmo, amigo Francisco. Não contenha a dor, coloque-a para fora. Não queira ser forte como o lago que reflete indiferente a paisagem que o circunda. Seja, neste instante, leito de rio em tempo de chuva, dê-se o direito de derrear e ser água corrente para lavar suas dores. – Emendou padre Gregório, acenando para os filhos entrarem, pois era hora do conforto de abraço familiar e amigo.

Francisco recebeu alta e foi para casa levado por Gilberto, para o qual telefonou e marcou uma conversa para traçar, ou melhor, colocar em prática um plano que bolou para enfrentar as agruras e, por que não dizer, o olhar de cobrança com o qual a sociedade passaria a vê-lo, uma vez que os mesmos amigos que aplaudem costumam acusar, culpar, responsabilizar.

– Precisamos marcar um encontro urgente. Logo após o traslado dos restos mortais de minha mãe para o jazigo da família. – Disse Francisco.

– Então não se acanhe, pois somos amigos e estou à sua disposição para o que der e vier. – Garantiu Gilberto.

– Se é assim, prepare-se. Você será a pilastra de sustentação de todo o meu plano. – Alertou Francisco.

– Não dá para me adiantar alguma coisa? Afinal, estamos a sós neste carro.

– Não, não dá, Gilberto. A estratégia é ultrassecreta e é melhor que você tome conhecimento de tudo em outra oportunidade.

– Está bem, eu espero. Porém, me confesso aflito e curioso. – Disse Gilberto.

Chegou o dia do sepultamento dos restos mortais de Thai, que, se era endeusada pela população, agora ganhava a condição de venerada, atingindo o patamar de santa diante do martírio de sua morte.

Diante dos olhos de Francisco, a poeira do tempo parada no facho do sol das dez da manhã, tremeluzindo sob as ondas de calor refletidas pelo mármore dos túmulos frios. Um providencial enxoval de cinzas lhe cobria o olhar, como se fosse escudo protetor ou antídoto contra os temporais da vida.

Francisco cumprimentava a todos mecanicamente e, absorto, mantinha seus olhos fixos nas formigas que transitavam entre os túmulos e os jardins do cemitério. Lembrou-se de um livro da mãe, no qual ela diz que até as formigas sabem o caminho, referindo-se às formigas do deserto do Saara que, segundo cientistas, usam uma espécie de pedômetro, ou contador de passos interno, para calcular com exatidão as distâncias que percorrem transportando alimentos no terreno arenoso e plano do deserto. Já sabiam os cientistas que as formigas do Saara se orientavam pelas dunas desérticas por meio de uma espécie de bússola interna, funcionando a partir da luz do

céu. No entanto, permanecia a dúvida sobre como os insetos se relacionavam com as distâncias. Concluíram os biólogos, após meticulosa pesquisa científica, que as formigas contam os passos da ida para medir a distância na volta.

– Que é isso, pai? Encantado com as formigas? – Perguntou Thainá, que dos filhos era a que mais conhecia o espírito e mais intimidade tinha com Francisco.

– Que nada, filha, eu estou é tentando aprender a contar os passos da procura para não me perder na volta.

– De onde o senhor tirou essa ideia?

– Coisas da literatura de sua avó Thaiá.

– Vamos embora, meu pai, a cerimônia já está quase se encerrando e, pelo que percebi, o senhor está com a mente e o coração mergulhados em aflição.

– É isso mesmo, Thainá. Vamos para casa, preciso me aquecer naquelas velhas paredes, sentir a música que ressoa de nosso quintal, onde espíritos amigos ainda vêm fazer batucada com seus tamborins, violas e violões fabricados com fios de luz em vez de madeira.

E, como tristeza não seca lágrima nem choro apaga o fogo da dor que nos queima o peito, houve um batuque no quintal, no velho terreiro do samba, que dessa feita contou com a presença dos quatro irmãos, pois o musicista Thaiastro resolveu se juntar ao ninho.

– Oh, Thaiastro, sei que você musicou um poema em que sua avó fala das formigas.

– Musiquei sim.

– Então, não se faça de rogado, cante-o para nós!

– O poema se chama "Medindo distâncias", meu pai.

E Thaiastro cantou para um pai curtido em dor explícita e repleta de planos secretos, que fariam (e faziam) daque-

la reunião a última de que participaria por muitos anos.

– É, padre Gregório, aqui estamos nós tentando virar a dor ao avesso. – Disse Francisco.

– E pelo jeito estamos conseguindo. – Comemorou o padre.

– É, padre, o misticismo e as práticas espirituais costumam ser fenômenos mais fortes e relevantes em países e regiões onde é grande a insegurança e a desigualdade socioeconômica, com as igrejas não encontrando as respostas de que seus fiéis necessitam.

– Você tem razão, Francisco. As igrejas – a católica inclusive – não conseguiram alinhar um discurso que vá ao encontro do clamor das pessoas. Dentro do catolicismo, o conceito de morte é o de aniquilamento. Ou seja, quando as pessoas morrem, vão para o inferno, para o purgatório ou para o céu e aí termina qualquer comunicação com os vivos. Todavia, no panorama estruturado pelo materialismo e, em consequência, a extrema valorização do corpo e da carne, a ideia – em contraposição – de que a morte é apenas um passo para outra dimensão, na qual é até possível a comunicação entre mortos e vivos, vai ganhando cada vez mais defensores e adeptos.

– Não gosto e procuro me afastar da discussão religiosa, mas creio profundamente na espiritualidade e defendo, a partir do exemplo de minha família, que a nossa principal maneira de agradar ao Criador é orando no terço do trabalho, do amor ao próximo, da entrega a ações de âmbito social e, quando necessário, agir para expulsar ou afastar os vendilhões, os que pregam no sentido de construir uma sociedade mórbida, improdutiva e à espera de que uma chuva de benesses e bálsamo lhe caia dos céus. Isso quando não nos depara-

mos com a atitude suicida dos que se entregam à inércia diante da iminência do apocalipse bíblico, como se o crescimento espiritual de cada um de nós dispensasse, por algum minuto que fosse, a busca do aprimoramento. – Filosofou Francisco.

– Vejo que você está no caminho certo. Acima das igrejas estão Deus e Jesus Cristo. A eternidade é uma grande pedra no mar do universo espiritual, onde depositamos o limo e o musgo que acumulamos na vida. – Acrescentou padre Gregório, diante da chegada de Gilberto.

– E aí, Gilberto, como vai o *Céu Jornal*? – Perguntou Francisco.

– Vai indo bem e dentro da linha editorial que você e meu pai traçaram.

– Eu nada fiz, apenas passei para o papel as normas que seu pai, o saudoso Afonso Celso, já seguia. – Interveio Francisco.

– Está bem. Mas no *Céu Jornal* a certeza máxima é que se a propagação do conhecimento pode, num primeiro momento, disseminar discórdia, a permanência do povo na ignorância a eterniza entre nós.

– Parabéns. É isso mesmo! Que tal marcarmos nossa conversa para amanhã mesmo? À tarde, no seu escritório. – Interpôs Francisco.

– Estou à sua disposição, aguardando sua ida com grande expectativa. – Aquiesceu Gilberto.

– Vamos, gente, chega de prosa e vamos dançar e cantar. – Conclamou Amália, arrastando-os para a roda de samba.

A festança varou madrugada adentro, repleta de homenagens, por meio de canções e declamações da grande obra musical e literária deixada por maestro Manoel, Frederico e Thaí, que, finalmente, encontrava descanso e paz

espiritual ao ter o corpo sepultado ao lado de seus familiares, no mesmo jazigo.

Com a mente ardendo sob o fogaréu de um plano imaginável e secreto, Francisco nem enfrentou ressaca pelo desregro a que a noitada, embalada por boa música e muita amizade, o levou. Assim, no dia seguinte e na hora marcada, adentrou o escritório de Gilberto, no *Céu Jornal*.

- Preciso de você, Gilberto, para me ajudar na produção de uma trama que me permita afastar de nosso Bairro Céu Azul por algum tempo.

– Mas por quê, Francisco?

– Passei por um baque duro e não há como vencê-lo sob os olhares de piedade ou, às vezes, de condenação das pessoas, com todos exigindo que eu pose de vítima. Preciso de espaço, distanciamento físico, ainda que minha alma permaneça por aqui.

– O que você tem em mente?

– Minha ideia, num primeiro momento, é viajar à Europa e, depois de algum tempo, retornar. Entretanto, fingirei que por lá permaneci, ao passo que, na realidade, estarei por aqui mesmo, nas redondezas, em uma outra região da cidade. Talvez na zona sul, onde meu rosto não é tão manjado e qualquer disfarce me fará incógnito.

– Então está fácil, pelo menos essa parte. – Proclamou Gilberto.

– Como assim?

– Estou com o anúncio de uma vaga de emprego para administrador de um cemitério. O dono é um amigo, meio-parente, ao qual meu pai ajudou a custear os estudos. É da mais absoluta confiança. Ele se chama Wilson e exige que o funcionário seja solteiro e durma no local de trabalho.

Jardim de Corpos

– Dormir no cemitério? – Espantou-se Francisco.

– Não propriamente. É que, ligado ao cemitério, existe um prédio, de três pavimentos, no qual funcionam dois estabelecimentos comerciais pertencentes ao Wilson: uma lanchonete – que serve aos que vão velar seus mortos – e uma funerária; além dos escritórios de administração e contabilidade, que ficam no segundo pavimento. No terceiro andar, está o belo e espaçoso apartamento em que você irá residir.

– É claro que topo, independentemente do salário.

– A remuneração, Francisco, é ótima. Posso lhe afirmar, ainda, que o apartamento é mesmo bastante confortável. O seu único inconveniente é ter algumas de suas janelas com vista panorâmica voltada para o cemitério e a ala reservada aos velórios.

– Isso não me incomoda, caro Gilberto. Afinal, estarei de frente para o que se pode chamar de jardim de corpos!

– O que quer dizer com isso, amigo Francisco?

– Deus não gosta de desperdiçar vida. Por isso, quando o homem retorna ao pó, o Criador o colhe, no campo santo, como se fosse um colhedor de frutas no pomar, ou flores no jardim.

– Que bela e metafórica imagem da morte! – Admirou-se Gilberto.

– Não há nada demais nessa visão poética. O mal do mundo é que a gente troca o produto pelo resultado: não são as borboletas que vêm, são as flores que chegam. – Poetizou Francisco.

– Mas como você vai se afastar da direção da associação comunitária, que hoje se encontra envolvida em muitas ações e lida com uma grande soma de dinheiro?

– Simples. Você assumirá a direção. Reunirei todos,

explicarei a necessidade de eu me afastar por uns tempos a fim de superar o caso Mancini.

– Puxa vida, mas logo eu! Por que não passa essa incumbência para o padre Gregório?

– De jeito nenhum. A participação e o apoio da Igreja são bem-vindos, mas não podemos misturar a associação comunitária com nenhuma seita ou religião. Isso em nada auxiliaria e, pelo contrário, restringiria o seu campo de ação, influenciando até mesmo na formação de quadros de apoio, que são baseados no voluntariado, que não tem cor, ideologia nem religião – o que nos importa é o amor ao próximo. Então se prepare, pois nós faremos a eleição nesta semana e eu aproveitarei a reinauguração da chácara, agora com o nome Espaço Verde-Amor Thaí.

– Gostei do nome. Sua mãe é merecedora da homenagem. – Manifestou-se Gilberto.

– E tem mais. Seu tio Marques Abelha, que é embaixador, deve ser convocado a nos ajudar.

– Ajudar como?

– Olha, como irei num primeiro momento para a Europa, mas lá não ficarei porcaria nenhuma, tenho que dar um jeito de me comunicar, com a família e a associação comunitária, como se lá estivesse. Assim, eu remeto uma carta para a embaixada em que seu tio estiver representando o país e ele a envia de volta para o Bairro Céu Azul.

– Meu Deus, quanta complicação, quanto engodo, que trama dos diabos. Ainda bem que você optou pelo meu envolvimento, pois se o padre Gregório fosse convocado (e aceitasse), teria que abandonar a batina, para não exercer o sacerdócio sob o signo do pecado maculando o pátio com que celebra missas.

– Deixe de tolices, Gilberto. Ligue depois para o Marques Abelha e vê se ele topa. Quando necessário, eu enviarei para ele uma carta já endereçada e fechada, dentro de um envelope maior, do qual ele retirará a correspondência a ser remetida para o nosso Bairro Céu Azul.

Assim se programou e assim se fez. No dia da reinauguração da chácara, Francisco pegou o microfone e anunciou a sua viagem, em longo, emocionado e aplaudido discurso.

"Aqui é a minha casa, mas por alguma razão, as asas do tempo me levam. Não sou criança, nem jovem, nem velho, mas carrego a minha própria história; nem maior nem menor que a história de todos vocês. Sinto que nasci com alguns anos a mais sobre os anos que tenho. Coisa de espírito, que vai e que vem: sou maestro Manoel, meu bisavô Frederico, minha mãe Thaí. Não temos tempo de vida, mas de memória. Tanto isso é verdade que conhecemos determinadas pessoas e ficamos a nos perguntar: mas de onde é mesmo que a conheço? Ninguém precisa me explicar os mistérios desta vida, pois eu acredito em todos eles. Desde discos voadores a espíritos e visões sobrenaturais; eu creio em tudo. Nada indago, nada persigo com obsessão. Talvez por isso, como se fosse uma proteção natural, apenas não abro mão da janela de uma boa amizade – feito vocês, meus amigos de bairro e de prática de amor ao próximo.

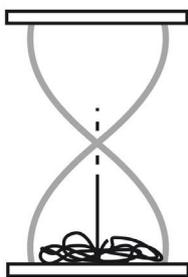
Invoco-lhes o predicado do perdão. Não tenham no coração a lembrança do Mancini que assassinou minha mãe Thaí, mas o cidadão que nos deixou essa reserva ambiental e que, por meio da Associação Mutirão do Céu, construiu e reformou casas para centenas de pessoas. Acredito, piamente, que não temos, enquanto espíritos, idade: o tempo está além do espelho. Se entre nós estivesse minha mãe, estaria fazendo

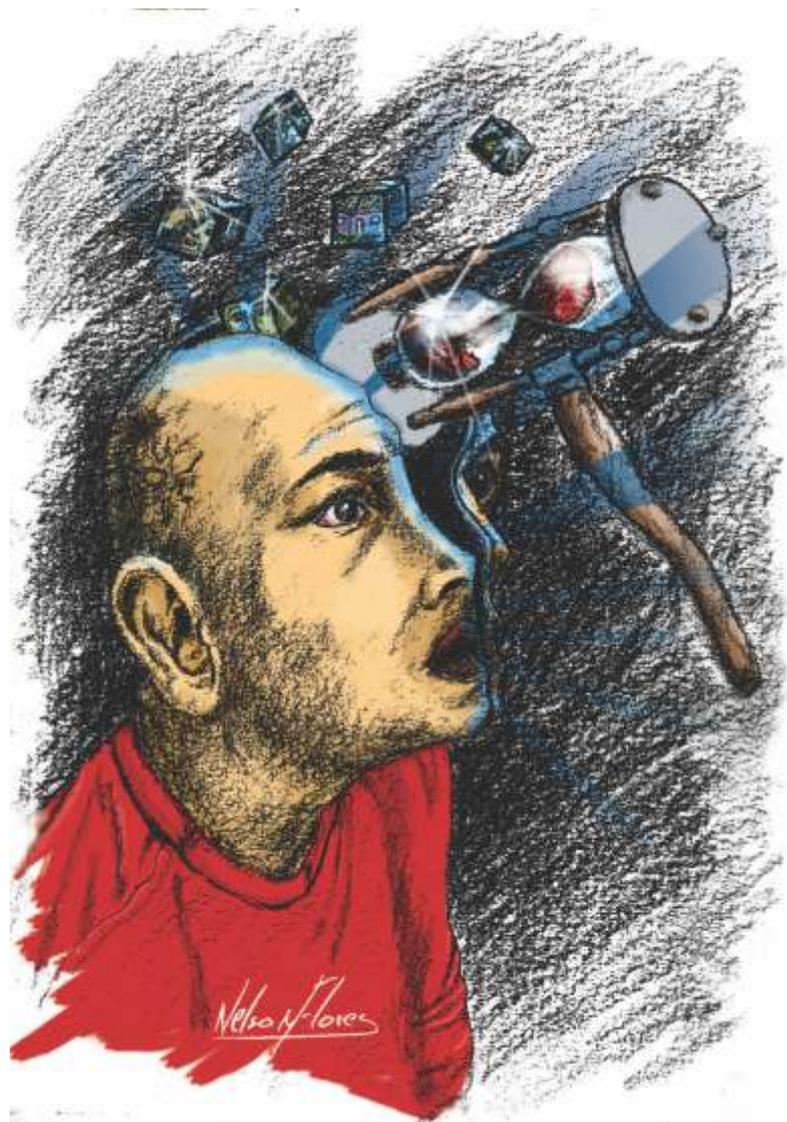
aniversário hoje, todavia a homenagem que ora a comunidade lhe presta a torna viva, vivíssima, detentora de todos os natais, de todos os anos, debuxando-nos a lição suprema de que a mais real das eternidades está na marca que deixamos na mente das pessoas por intermédio de nosso trabalho. Nesse sentido, minha mãe Thaí foi uma pessoa especial na estação Terra, onde o trem da vida sempre continua e segue, sob outra forma e noutra dimensão, para além das linhas de nossas mãos..."

E assim, encharcado de calor humano e afeto, Francisco partiu para a Europa provisoriamente e depois seguiu para o cemitério – não para ser semeado, mas na condição de semeador!

Capítulo XX

309





JARDIM DE CORPOS

No turbilhão da sorte de cada um
Os que eram conosco se vão sem passaporte
A morte é de levar – e leva!
O jardim de corpos é semeado
No mundo de tanta cobiça e pecado
Ninguém deseja "aquele" pedaço de chão
Onde aos olhos do divino jardineiro Criador
Gente em decomposição vira candeeiro de luz
Se não pelo milagre a que faz jus
Pela certeza de que tudo se transforma
E de alguma outra forma perdura
Sob a ótica religiosa e dos profetas
Ou sob a prodigiosa candura dos poetas

311

Carlos Lúcio Gontijo

Jesus Cristo se torna mais real e configurado quando o colocamos no meio de nós, em vez de aprisioná-lo egoisticamente dentro de nós.

**Só conseguimos executar a coreografia da vida quando
deixamos o amor nos treinar.**

Francisco aproveitou a deixa para ficar sessenta dias na Europa, preparando-se para enfrentar o anonimato, como administrador de cemitério, quando voltasse ao Brasil. Logo cuidou de projetar um novo visual: abandonou as roupas de estilo social e adotou calças jeans e camisas de estilo esportivo; um boné tipo boina francesa e tênis, além de estiloso óculos escuros. Fez uma visita ao embaixador Marques Abelha, que estava em Portugal, a fim de combinar detalhes do envio e reenvio das cartas que remeteria ao *Céu Jornal*, à associação comunitária, amigos e familiares.

317

Decidido, preparado e incógnito, Francisco regressou ao país e cuidou de assumir seu posto no Campo Santo da Paz, onde foi recebido por Fausta, que se lhe apresentou com simpatia e presteza. Ela tinha bem menos idade que ele, era formada em Economia e Administração de Empresa, exercendo o cargo de responsável pela contabilidade, tanto do cemitério quanto da funerária e da lanchonete pertencentes a Wilson, o qual só foi conhecer no dia seguinte, uma vez que estava fora da cidade tratando de negócios particulares.

– E aí, o que está achando? – Wilson foi logo perguntando.

– Tudo muito quieto, apesar do choro e lamento, que às vezes ouço na ala dos velórios. – Respondeu Francisco.

– Ele vai se acostumar com tudo, da mesma forma que se deu comigo. – Entrou Fausta na conversa, para logo os deixar a sós.

– Essa moça me causou boa impressão. – Declarou Francisco.

– E, certamente, o deixará ainda mais encantado com o passar do tempo. Você, que é adepto do trabalho social e do amor ao próximo, descobrirá nela uma parceira. – Acrescentou Wilson.

– Tomara, pois não será nada fácil me acostumar com esta função, onde tudo é novo para mim. Se bem que, no meu íntimo, sempre encarei a morte como um fenômeno natural e que, ambigualmente, faz parte da vida de todos nós.

– E pode acreditar que sua passagem por aqui lhe dará subsídios para o seu desempenho nas atividades sociais, onde muitas vezes encontramos pessoas sem qualquer senso de humildade e que agem como se fossem donas do tempo e tivessem domínio sobre todas as coisas, incluindo aí os seus semelhantes.

– Acredito no que me diz, Wilson, pois já encontrei muita gente achando-se eterna e que se liga ao mundo por meio da matéria. Quanto mais tem, mais quer. Nunca está satisfeita com nada e vive espiritualmente tão desatenta que jamais percebe os pequenos milagres que o Criador opera todos os dias.

– Pois é, prezado Francisco, agora você vivenciará tudo isso *in loco*. – Concluiu Wilson, se retirando.

Não havia decorrido nem uma semana de sua chegada e lá estava Gilberto, furtivamente, para uma visita ao amigo.

– E aí, Francisco, o que está achando?

– A adaptação está ocorrendo de forma ligeira. Apesar de ser um cemitério, pude observar que há muita vida por aqui.

Tenho observado que existem mortos que falam mais que os vivos, por meio de seus parentes e entes queridos.

– Você está falando de quê? – Indagou Gilberto.

– Ora, pois, é só entrar num velório para conversar e descobrir a importância do falecido. Em volta do caixão, todos estão a lhe dar voz!

– É, Francisco, você não deixa de ter uma certa razão.

– Aquiesceu Gilberto.

– A sensibilidade, herança maior de minha família, me faz crer que, depois de tantos anos de predomínio da razão e da matéria, poderemos assistir ao pronunciamento – constante e explícito – de palavras como Deus, eternidade, espírito e alma com o invisível imantando os objetos e dando aura ao toque, ao gozo pagão de acariciar a carne. Tarda o momento de a ciência ir à fonte do mito, da religião e da cultura, abrindo uma perspectiva absolutamente nova e capaz de reposicionar o bicho homem perante o mundo, que é fruto e produto tanto da consciência quanto da inconsciência coletiva, que se unem e nos dão sinais luzidios do que verdadeiramente somos, à medida que nos libertamos de nós mesmos.

– Puxa, Francisco, vejo que o seu contato diário com a morte poderá, ou melhor, vai conduzi-lo a uma visão social ainda mais apurada.

– Você tem razão. Estou diante de incomensurável oportunidade de aprendizado. Assim como os que velam os seus mortos terminam por configurar a sua presença, defendo a tese de que podemos materializar a existência de Deus na medida em que repetimos o seu nome intimamente e em coro.

– Seu pensamento vai ao encontro do que dizia o falecido padre Cesinha. Segundo ele, Jesus Cristo se torna mais real e configurado quando o colocamos no meio de nós, em vez

de aprisioná-lo egoisticamente dentro de nós.

– É esse o ponto, amigo Gilberto: assim como não basta olhar fixamente para o chão para se tornar conhecedor de raízes, o coveiro não entende de gente porque sepulta os mortos. No caso, chão e corpo simbolizam (e são) a matéria; apreendê-los completamente cobra-nos ter olhos para o invisível. – Enfatizou Francisco.

– Saindo um pouco do assunto, mas conservando a espiritualidade, estou aqui para lhe dar boas notícias. A associação comunitária é um sucesso, suas peças funcionam como que untadas no azeite purificado da alma de seus fundadores. Sua família está bem. Thaiastro, depois da impensada agressão, está recuperado. Mora com a mãe, mas desenvolve trabalhos comunitários no bairro e dá aulas de música na Biblioteca e Espaço Cultural Maestro Manoel.

320

– E Sandra? – Perguntou Francisco.

– Sua ex-esposa vai bem. Tenho notícias dela por meio de Thaiastro.

– E o *Céu Jornal*? – Apressou-se Francisco.

– Nosso jornal vai indo muito bem e dentro da linha editorial que você e meu pai traçaram. Não abrimos nossas portas para modismos. Há tempos o Gagá Jr. trouxe um jornalista, a peso de ouro, para administrar com carta branca a redação de seus veículos de comunicação.

– Eu o conheci. É o Ribamar de Espanha. Quando ele chegou, eu estava me desligando da empresa.

– É isso mesmo. O cara, ao que parece, vê o nosso estado mediterrâneo como um território provinciano e, levado por essa idiossincrasia preconceituosa, projetou uma linha editorial que desmerece, desdenha ou não cobre como deveria determinadas atividades produtivas e culturais, contentando-se ou jus-

tificando suas ações pelo recebimento de alguns prêmios Eça Peixe, que contempla grandes reportagens.

– Já notei isso. Claro que é importante ganhar um prêmio de amplitude nacional e que leva o nome de consagrado jornalista, mas são as matérias comuns do dia-a-dia, tratando de assuntos do interesse direto do cidadão, que asseguram vendagem em banca e prestígio junto à população, que necessita de ser informada. E, para isso, ela busca, em primeiro lugar, os temas que lhe são próximos. – Complementou Francisco.

– É como me disse outro dia uma jovem psicóloga: "mulher pelada fica melhor na cama e imagem visual é para tevê e não para jornal" – Conceituou Gilberto.

– É nisso que eu acredito e seu pai tanto defendeu. O importante para o jornal é o texto, o conteúdo, a análise. Se o veículo impresso estiver condenado a desaparecer que morra ostentando a palavra e não buscando salvação através da imagem, da fotografia, da ilustração.

– Bom-dia! Trouxe-lhe alguns documentos para assinatura. – Era Fausta adentrando a sala.

– Fausta, este aqui é o meu amigo Gilberto. – Disse Francisco.

– Muito prazer. Com licença, fique à vontade. – Expressou-se Fausta, que estava muito atarefada.

– Bela moça! – Admirou-se Gilberto.

– Bonita, inteligente e muito competente. – Enfatizou Francisco.

– Pelo jeito, apesar do disfarce, você está construindo uma paixão real no coração. E isso é bom, já era tempo. – Festejou Gilberto.

– Mas fale mais sobre o *Céu Jornal*. – Desconversou Francisco, mudando de assunto.

– Como eu ia lhe falando, os veículos do Gagá Jr. se afundam à medida que as prateleiras se enchem de prêmios Eça Peixe, ao passo que nós, sem troféus de âmbito nacional, recebemos o reconhecimento de nossa comunidade e continuamos avançando nas regiões vizinhas desde a morte de Galdino Constantino, o velho e conquistador Gagá, que certamente não cairia no conto vendido por Ribamar de Espanha, sem texto nem textura.

– Ademais, Gilberto, o fato real é que hegemonia malcuidada termina sempre em agonia ensandecida.

– Com essa, eu vou-me embora, mas lhe asseguro que o mantereí informado sobre tudo. E, quando escrever para a associação comunitária, não se esqueça de se referir sobre a necessidade de honestidade no trato com o dinheiro da entidade.

322

– Mas, por quê? – Interessou-se Francisco.

– É que está havendo coisas estranhas no setor de eventos e acredito que uma simples palavra sua poderá colocar os procedimentos no bom caminho.

– Pode ficar tranquilo. Enviar-lhe-ei uma mensagem nesse sentido. – Garantiu Francisco.

– E parabéns pelo disfarce: com esse boné, essa roupa esporte, esses óculos escuros e essa barba esbranquiçada, você está irreconhecível. – Elogiou Gilberto.

E assim os dias foram passando. Muitas eram as cartas enviadas para o Bairro Céu Azul. Os olhos de Francisco passaram a ser temidos e foi avançando a crença de que o espírito de Thaí revelava ao filho tudo o que se passava. O misticismo se alastrava e o túmulo de Thaí era alvo de romaria cada vez mais volumosa.

Enquanto isso, Fausta e Francisco ampliavam a admi-

ração um pelo outro e se desnudavam mentalmente por meio da troca de amabilidades, de afagos, das idas ao cinema e do sorvete tomado na esquina, para conter calores internos e externos.

– Fausta, toda ciência tem seu campo de trabalho e ação, mas também convive com limites aos quais deve reconhecer. Na sua atividade contábil, a excelência são os números, a coadunação de receitas e despesas. Dessa forma acontece na física, onde o expoente é o estudo da energia e da matéria. Enfim, toda ciência possui sua área de pesquisa objetiva, porém devemos levar em conta a existência de um universo não-material, um oceano invisível, ao qual as pessoas que morrem chegam como lagoas fechadas em si mesmas e se deixam misturar ao grande mar da existência universal, do qual tudo provém.

– Desde que vim trabalhar na contabilidade do cemitério e da funerária, eu lido com os mistérios da vida. O universo nos parece assustador às vezes. Também pudera, não é fácil pensar na imensidão do cosmo e visualizar um vazio sem fim, um labirinto que nos encaminha para o que chamamos de eternidade e que seria, grosso modo, a saída do fim do túnel. Contudo, a vastidão do universo que tanto nos aflige se torna compreensível, ou menos misteriosa, quando jogamos em sua imensidão os nossos feitos, não-feitos, predicados e defeitos e, assim, à medida que aprendemos a percorrer o espaço, levando em consideração o tempo, a eternidade vai se materializando em nossa mente e transformando-se na magia de estarmos em todo o espaço por todo o tempo, sem os buracos negros derivados de nosso esquecimento, de nossa endêmica falta de memória emocional. – Dissertou Fausta.

Estavam nesse cotejar intelectualizado quando apareceram familiares de gente falecida, para reclamar de um assalto no velório número 7.

– Meu Deus, assalto em velório! – Exclamou Francisco, apesar de toda a sua experiência.

– É isso mesmo que o senhor ouviu. Queremos providência! – Esconjurou um dos parentes do defunto.

– Olha, se acalmem. Nós vamos fazer uma ocorrência policial junto à delegacia mais próxima. – Passou Fausta à frente do problema, por estar há mais tempo na atividade.

– Mas boletim de ocorrência não vai devolver nossos pertences. – Resmungou outro familiar.

– O boletim de ocorrência é só para registrar e solicitar providências à polícia, mas vocês levantem o prejuízo que nós faremos a devida indenização. Afinal, nossa segurança falhou! – Avaliou Fausta, diante dos olhos atônitos de Francisco.

– Tudo bem, mas os ladrões levaram celulares, relógios, carteiras e nem o morto foi poupado. – Reclamou outro assaltado.

– Nem o morto?! - Surpreendeu-se Francisco.

– Isso mesmo. Roubaram-lhe os sapatos! – Responderam quase em coro os enlutados.

– Qual é o número do sapato do falecido? – Indagou Fausta.

– É 39. – Respondeu uma lacrimajante jovem, certamente filha do morto à espera de sepultamento.

– Pode deixar que vamos providenciar um par de sapatos novos. – Garantiu Fausta.

Destarte, o incidente pôs fim momentâneo ao diálogo entre Francisco e Fausta. O primeiro saiu para reunir de imediato os seguros e a outra foi em busca do imprescindível par de sapatos, pois afinal onde já se viu desencarnado sair caminhando descalço sobre o misterioso e desconhecido chão da eternidade? Vai que o lugar seja uma área íngreme, repleta

de arbustos espinhosos e pontiagudos cascalhos.

No dia seguinte, Francisco recebeu a visita de Gilberto, que ficou sabendo do assalto ao velório e se preocupou com a notícia, pois os veículos de comunicação do Gagá Jr. noticiariam o fato e isso poderia colocar em perigo todo seu plano de afastamento da comunidade do Bairro Céu Azul, que já estava próximo dos cinco anos.

– E aí, como você se livrou dessa? – Indagou Gilberto.

– Fausta, percebendo meus temores em relação à imprensa, tomou a frente de tudo. – Respondeu Francisco.

– Ainda bem, pois se o Gagá Jr. o descobre por aqui, você estaria frito. Contudo, acredito que o problema pelo qual você acaba de passar deve ser visto como um aviso.

– Está se referindo a quê?

– Olha, Francisco, o seu afastamento, as romarias ao túmulo de sua mãe, as suas cartas insinuando ou apontando deslizes estão fazendo eclodir o ovo da serpente da superstição e da credence em torno de assombração, espiritismo e religiosidade exacerbada e doentia, com as pessoas se esquecendo de que a principal oração é aquela feita com trabalho, na qual as contas do terço são formadas pelas gotas de suor que caem do rosto durante o esforço despendido na labuta.

– Mas isso é uma desvirtuação da filosofia que levou minha família à fundação da associação comunitária do Bairro Céu Azul! – Asseverou Francisco.

– É exatamente por isso que eu acho que está na hora de você retornar. Além do mais, padre Gregório já anda desconfiado e preocupado com a situação, uma vez que o misticismo empobrece a fé e enfraquece o espírito comunitário. Não demora muito e ele descobre toda a farsa que montamos.

– Vou pensar no assunto, Gilberto.

– É bom mesmo, pois estou indo à Europa a fim de adquirir novos equipamentos para o *Céu Jornal*. Será uma viagem de 20 dias e espero que, no meu retorno, você me dê uma resposta.

– É claro que lhe darei uma posição. Entretanto, o que ora me preocupa é ficar sem notícia sobre a associação durante a sua ausência.

– Está vendo, Francisco, como a situação é difícil? Apesar de a associação ficar, no caso, administrada por pessoas honestas, bem-intencionadas como seus filhos, Amália e tantos outros cidadãos, a verdade é que ela é, hoje, uma organização grande demais para ter na sua direção uma espécie de entidade humana fantasma.

– Não é bem assim, pois você é quem a preside, Gilberto.

326

– Em termos, meu caro Francisco. Desde a chegada de sua primeira carta, eu sou tido e respeitado como o seu porta-voz de confiança. Por isso, vê se dá um basta em tudo isso. Você já tem, neste espaço de tempo, neto que não o conhece pessoalmente.

– Está bem, deixa comigo que eu vou avaliar a questão sobre a minha volta, entre aspas, da Europa. Talvez, esteja mesmo na hora, pois, terminando nossa trama sem que ninguém a perceba, nós teremos um segredo eterno entre nós dois, o Wilson e o Marques Abelha.

– Mas entra aí uma quinta pessoa. – Observou Gilberto.

– Quem? – Inquiriu Francisco.

– Fausta, é lógico. Pois, se ela já não sabe, ficará sabendo ao fim da trama.

– Você tem razão. Mas antes que você se vá deixe eu lhe contar uma outra ocorrência inusitada à qual assisti no

cemitério. Um senhor que morreu do coração era velado aqui no Campo Santo da Paz quando a família recebeu uma visita inesperada e nada consternada de um agente funerário, que, aos berros, gritava não ter recebido a primeira das prestações contratadas na compra do caixão, pois o cheque não tinha fundo.

– Meu Deus, que situação! – Entrecortou Gilberto.

– Espera aí que a coisa é muito mais surpreendente. Não é que o agente arrancou o defunto da urna, colocando-a na cabeça aos berros de "ele está morto, eu estou vivo e dívida não morre".

– A que ponto chega o materialismo! E como a questão foi resolvida?

– Ué, o jeito foi a nossa funerária vender um novo caixão para a família, classe média empobrecida, sepultar seu ente querido.

– Veja, Francisco, esse caso é mais um alerta. De repente, diante de um problema desse tipo, você é descoberto. Não abuse da sorte, pense bem. Até a volta. – Despediu-se Gilberto.

A visita de Gilberto mexeu profundamente com Francisco. A realidade é que sua passagem como administrador de cemitério o colocou ainda mais próximo à realidade da vida. A tarde caía e ele se preparava para mais um serão de amor, com a lua refletindo sobre os túmulos não as sombras da morte, mas a seiva da luz da espiritualidade que permeia a carne e o mundo invisível. Abraçado, com a cabeça sobre os seios de Fausta, ele bebia, sugava, o leite do amor que abre clareiras e nos ensina que o nosso verdadeiro rumo na vida está no coração do outro; quem não encontra nem experimenta a alegria da entrega a um grande amor não pode dizer que vive e, se assim morrer, seguramente não viveu.

Em Fausta, Francisco descobriu que, mais que paisa-

gem e beleza, a mulher amada é caminho. Para ele, a mulher passou a ser uma tatuagem viva de Deus na Terra; um milagre ao alcance de suas mãos, braços, afagos e lábios. Sentir amor por ela é como tocar a lâmina afiada do tempo, onde tudo se desmancha para se transformar em luz!

– Em que pensa, meu amor? – Perguntou Fausta.

– Querida, depois de assistir a tantos mistérios e fenômenos inexplicáveis, cheguei à conclusão de que, feito a água que se evapora e retorna na forma de chuva, tudo vai e volta. Com gente, também é assim. – Respondeu Francisco.

– As pessoas se nos apresentam cada vez menos espiritualizadas. Quanto menos convivência, quanto mais entreveros com aquele que se vai desta vida, maior é o choro e o pranto. No cemitério, todos se sentem carpideiras natas e se fazem predestinados às lágrimas, como se esse comportamento fosse pagar ou diminuir espaços de ausência, incompreensão e falta de doação ao ente querido que, mortal como todos nós, morre. – Filosofou Fausta.

– Você tem razão. A morte é o afastamento definitivo. Não há como, depois de ela vir, convidar o falecido para ir ao cinema, assistir a um jogo de futebol, tomar sorvete, beber um chope. – Complementou Francisco.

– Muitas vezes, na lanchonete contígua ao cemitério, percebi amigos ou parentes de pessoas prestes a ser sepultadas riscando da agenda o número de telefone do amigo para o qual não teria mais como ligar.

– Está aí, Fausta, uma cena de triste e materializada solidão. Porém, apesar de tudo isso, mesmo perante tantos sinais, a humanidade ainda não aprendeu que ninguém vai longe com trinta dinheiros. A vida é vento; o tempo do homem na Terra, simples brisa passageira.

– Pois é, Francisco, do fundo do meu coração eu desejo que você jamais remoa silêncios nem lamente ausências. Aprenda com o infortúnio, porque é para frente que se anda e viver é a arte de estar sempre em processo de renovação. – Ensejou Fausta.

Francisco suspirou ao ouvir a fala de Fausta, que caiu feito luva na penca das aflições que lhe moviam a mente, como se o seu cérebro não passasse de um velho tacho de memórias carcomidas pelo tempo.

– Que suspiro foi esse, seguido de tamanho silêncio? – Perguntou Fausta.

– Não foi nada, meu amor. É que, por tudo que me foi dado a aprender nesta vida, a dor não passa de uma entrega transitória ao sofrimento, não fosse assim o Sol jamais retornaria após um dia nublado.

– Temos que compreender como fenômenos naturais a existência do bem e do mal. Tudo neste mundo está interligado e tem a sua razão de existir. A planície necessita dos olhos e da proteção das montanhas contra as intempéries; montanhas precisam da planície para experimentar cheiro de chão ao invés de constante aroma de céu. – Concluiu Francisco, que teve o palco de sua boca fechado pela cortina de um beijo liberado, escandalizado e sem censura.

E assim, nas coxias da messe do amor, eles se amaram sob calor tão intenso que quem passasse aos arredores do cemitério assistiria a um fogo fátuo exalando de todos os túmulos e teria, certamente, caso de assombração para contar pelo resto da existência.

Sopitando amor, Fausta e Francisco adormeceram. Às 5 da madrugada, Francisco acorda estupefato, de olhos esgazeados, põe-se de pé.

Jardim de Corpos

– Que foi, Francisco? – Indaga Fausta.

– Tive um sonho estranho, uma visão.

– Sonhou com o quê?

– Foi um aviso de minha mãe, um recado. Era, ou melhor, foi como se ela tivesse estado aqui no quarto. Pude até sentir o cheiro dela.

– Deite-se, por favor.

– Não, não vou conseguir dormir.

– Pelo menos me diga do que se trata.

– Não, amor, é um problema relativo ao meu passado.

Uma longa história que um dia lhe contarei.

– Então me diga agora. – Implorou Fausta.

– Esta não é a hora. Vou tomar um banho e sair, pois tenho que verificar uma coisa com urgência.

– Não vou discutir com você. Afinal, as coisas estão aqui e acolá e, às vezes, dormem dentro da gente à espera de nosso despertar. – Filosofou Fausta.

– Olha, o que posso lhe dizer é que acabei de ter um sonho tão real que a única coisa que me resta e compete é prospectar alguma realidade em suas águas profundas.

Francisco entrou para o banheiro com o celular em punho. Ligou para Gilberto, que estava na Espanha.

– Olha Gilberto, acabei de ter um sonho.

– Poxa, você me liga para contar que teve um sonho?

– Não é um sonho qualquer. Minha mãe veio até mim para dizer que eu vá ao jardim da clínica em que Sandra trabalha e apanhe uma rosa branca que lá está.

– E o que tem demais nisso?

– O impressionante, Gilberto, é que minha mãe Thai me disse que é para eu colher a flor, trazer para casa e conservar num jarro, pois hoje à tarde minha esposa Sandra vai preci-

sar da rosa, que deve ser colocada na sua mão.

– Nossa, que estranha mensagem! – Espantou-se Gilberto.

– Peço-lhe o favor de ligar para a casa de Sandra, para saber como estão as coisas.

– Mas ainda é cedo!

– Deixe dar 7 horas, que é a hora que ela se levanta para ir ao hospital. Enquanto isso, eu vou ao jardim da clínica ver se tem a tal rosa branca. – E assim encerraram a ligação.

Mulher tranquila, Fausta se levantou, fez um cafezinho para o companheiro, então travestido de vidente-sonhador. Francisco se mostrava afoito e ansioso – a passos trôpegos saiu para a rua. Tomou a direção de seu carro como se fosse um corredor de Fórmula-1. Na sua cabeça a exclusiva presença de uma rosa branca, que, para sua surpresa, balouçava à brisa da manhã, ainda molhada de orvalho. Não teve dúvidas nem pestanejou: colheu-a rapidamente e correu de volta ao carro. O celular toca:

– Liguei para a Sandra, quem me atendeu foi a companheira dela. Disse-me que ela estava no banho e que, em seguida, iria para a clínica.

– Que boa notícia, Gilberto! Graças a Deus apenas uma parte do sonho se concretizou!

– Homem de Deus, está a falar de quê? – Indagou Gilberto.

– A rosa branca realmente existia, ou melhor, existe. E como eu a colhi, vou levá-la para casa e colocá-la num jarro como minha mãe me pediu.

Francisco voltou para o apartamento levando a rosa branca com todo o carinho e cuidado. Para compensar a sua estranhíssima atitude, beijou Fausta e disse que a rosa era dela.

Todavia, cuidou ele mesmo de colocar a rosa no jarro; afinal era a flor de seus sonhos, uma leve e simbólica presença de sua mãe.

Sem que soubesse o porquê, Francisco passou o dia meio acabrunhado. Internamente, se sentia apreensivo, sufocado. Conversou com os amigos, lanchou com a amada Fausta, mas se sentia distante; seu espírito estava em viagem para lugar desconhecido e não sabido.

– Nossa, quanta gente morreu nesta sexta-feira! – Constatou Fausta.

– Acalme-se, ainda são 18 horas e a fila pode continuar a andar. – Brincou Francisco, tentando disfarçar a tristeza que o corroia.

Estavam na sala do escritório, quando, da seção de atendimento, ouviram a voz de um rapaz em prantos solicitando providências para o sepultamento da mãe. Francisco se estremeceu todo – moveu ossos, carne e alma. Era a voz de Thaiastro, o filho musicista. Pálido correu à porta e, diante da confirmação, voltou com olhos úmidos à sua mesa de trabalho. Fausta notou o momento de profunda aflição por que passava o companheiro.

– Que foi, meu amor?

- Não dá para explicar, estou sob o mais intenso redemoinho de minha vida. Só lhe peço que tome todas as providências para ajudar no sepultamento de Sandra. A família dela, os Sarapata, mantém jazigo aqui há mais de 50 anos.

– Pode deixar. Eu cuidarei de tudo. – Garantiu Fausta, que percebeu o laço afetivo, pois ninguém havia dito a Francisco o nome da falecida e ele logo soube, pois, certamente, conhecia o moço que tomou a responsabilidade de cuidar da parte burocrática do sepultamento.

– Como se chama? – Indagou Fausta.

– Meu nome é Thaiastro. Sou músico, professor universitário. Estou aqui para cuidar do sepultamento de minha mãe Sandra.

– Olha, vejo que você está sob intensa emoção. Peça-lhe que apenas me passe a documentação exigida e eu, pessoalmente, cuidarei de tudo.

– Qual é o seu nome?

– Fausta.

– Nosso Senhor é pai, você caiu do céu. Confesso-me sem condições emocionais nem paciência para mexer com a papelada.

– Para que hora a família quer o sepultamento?

– Para amanhã, às 17 horas.

– Sem querer contribuir para a sua tristeza, gostaria que você me dissesse a causa da morte.

– Mãe Sandra foi mais uma vítima da violência. Assaltada num sinal de trânsito, não acatou a ordem de parar do bandido, um jovem de 16 anos – sem oportunidade, escola nem escolha –, que disparou um tiro certeiro em sua cabeça. Assustado com sua própria violência, o assaltante saiu em alta velocidade numa moto, que havia roubado há pouco, e acabou atropelado e morto por um ônibus, ao avançar sinal vermelho.

De sua sala, Francisco ouviu toda a história. Depois, subiu até o apartamento, telefonou para o departamento que cuidaria da preparação do corpo e para lá se dirigiu, entre lágrimas, com uma rosa branca a tiracolo, que foi colocada nas mãos de Sandra, conforme o pedido de sua mãe.

Mesmo trajando roupa esporte e ostentando barba, bigode, cabelo mais volumoso e boné, Francisco optou por não marcar presença no velório de Sandra, afinal teve a oportunidade de estar bem próximo de seu corpo frio, quando orou por

sua alma, provavelmente já distante da carcaça que habitou. Consternado, assistiu, solitária e mentalmente, ao filme de sua convivência com aquela que mudava de plano e partia rumo aos mistérios da luz.

Ainda divagava sobre os bons momentos vividos com a ex-esposa quando o celular tocou. Era o amigo Gilberto, avisado por Amália, demonstrando espanto e preocupação.

– Poxa, Francisco, o sonho foi uma extraordinária premonição. E olha que sua mãe sequer conheceu Sandra.

– Você tem razão. Nós ainda somos espiritualmente pobres para compreender e entrar em contato com o mundo invisível, que imagino ser paralelo ao nosso. Todavia, aproveito para lhe pedir que não fale nada com ninguém a respeito, não quero contribuir para aumentar a romaria ao túmulo de minha mãe. O que pretendo é reforçar nas pessoas a ideia de que podemos realizar verdadeiros milagres e, ao mesmo tempo, rezar aos céus, por meio do amor ao próximo e do trabalho comunitário voluntário.

– Eu o entendo e acho que você tem inteira razão. Olhos de contemplação – feito amor platônico – veem, mas não alcançam o alvo almejado. A vida sempre cobra, além da fé límpida e sem acerbo, o passo. – Acrescentou Gilberto.

– É isso mesmo. Criança não se alimenta admirando os seios da mãe – é preciso a iniciativa de sugá-los, para que a vida ganhe a possibilidade e a esperança de prosperar. – Emendou Francisco.

– Pois é, estou aqui com um livro escrito por sua mãe, no qual ela diz que: "No lasso da aurora sinto Deus espreguiçando e tomando xícara de luz adoçada com gotas de orvalho. E penso nos que trocaram o sol pela lanterna que, em algum momento de suas vidas, os livrou da escuridão e me certifico de

que trocar o todo pela parte é um dos maiores equívocos dos seres humanos".

– Belo trecho literário de minha mãe Thai. Eu, por exemplo, aprendi a conviver com o todo de Mancini, um homem com grande espírito comunitário, e não me ative nem me restringi ao seu desvio psicológico doentio e assassino. Agora, estou absolutamente pronto para voltar ao nosso Bairro Céu Azul.

– Que boa notícia! E como você está emocionalmente, diante da morte de Sandra?

– Estou triste. Entretanto, a experiência de ter contato diário com a morte me tornou um homem resignado perante o inevitável fim da vida, pois, quando o vampiro da morte tem de vir buscar o eleito, não adianta réstia de alho na janela: ele entra, leva o cliente, come o alho e lambe os beiços!

Rindo, Gilberto desligou o telefone, afirmando que não daria para comparecer ao sepultamento.

Impossibilitado de se fazer presente ao lado dos familiares, Francisco ficou acompanhando tudo da janela de seu apartamento, que, como ele gostava de dizer, possuía uma linda vista panorâmica para o jardim de corpos. Depois de cuidar de tudo, Fausta decidiu fazer companhia ao colega de trabalho e amante. Em silêncio, os dois acompanhavam a movimentação, até que um garotinho de uns quatro anos, filho de Thainá, gritou para a mãe:

– Veja, mamãe, o vovô está naquela janela!

Thainá, sem dar atenção, repreendeu o filho.

– Não pode ser, deixe de bobagem. Ele está na Europa.

– É sim, mãe. É igualzinho ao retrato que está lá em casa, na parede. Só que de barba e boné.

– Pare com isso. Você está é afetado pelos ares do cemi-

tério e está vendo assombração. – Disse Thainá, arrastando o menino pelo braço.

Francisco ouviu o diálogo e comentou com Fausta:

– Quando viramos desobjeto, os amigos que ficam nos guardam na memória; sentem o cheiro de nossa presença, ouvem nossa voz no silêncio das paredes. Essa precária eternidade é real. Existe de fato.

– Desculpe-me. Mas eu ouvi a conversa do garoto com a mãe. Esse negócio de retrato na parede mexeu com você e, pelo tanto que o conheço, o garoto acertou na mosca, pois a distância é relativamente grande. De onde ele estava, seu rosto não passava de mosquitinho.

– Você tem razão, Fausta. Meu neto, que ainda não conheço, tem olhos de lince cruzado com águia...

336

E aí Francisco aproveitou a deixa para revelar toda a história, fechando a trama com um pedido de casamento. Naquela noite, enquanto na terra do jardim de corpos germinava mais um fio de luz para compor o tecido de que se reveste o cosmo, Francisco e Fausta semeavam na cama a festa dos sentidos, óvulos e espermatozóides, que, pouco mais tarde, serviriam na mesa da humanidade na condição de mais um ser humano. Em resumo, Francisco e Fausta se possuíram (e se consumiram), sob a crença de que só conseguimos executar a coreografia da vida quando deixamos o amor nos treinar.

Francisco retornou à sua comunidade e Fausta foi muito bem aceita por sua família, tornando-se braço-direito do marido na administração dos muitos negócios da associação que contava com vasto e rico patrimônio.

Após sua experiência no Campo Santo da Paz, Francisco passava todos os dias na galeria em que ficavam as fotos de alguns dos muitos cidadãos que ajudaram na constru-

ção da história da Associação Comunitária Céu Azul e, semanalmente, focava a vida de um dos companheiros benfeitores já falecidos em seu artigo, no *Céu Jornal*, sob a intenção de provar que os que participam de ações voluntárias no âmbito comunitário jamais são esquecidos.

– Gilberto, toda energia é frágil. Assim, independentemente de sua duração, um dia o fogo do Sol se esgotará, arrasando com ele o planeta e a discórdia dos homens em relação à posse das coisas materiais, a qual nunca se deixou iluminar. Poucos são os que descobrem a partitura da cantoria, da felicidade e da harmonia espiritual em meio aos cotidianos arroz com feijão e couve refogada desta vida.

– Como você anda profundo após sua passagem na administração de cemitério.

– Eu já era assim. Mas, depois de ver tantas covas abertas e fechadas, fiquei mais reflexivo e, às vezes, introspectivo – uma vez que a linguagem do silêncio é, na maioria das vezes, a que mais nos ensina. À luz da razão, carecemos de nos educar para a vida, cuja duração efêmera só se nos revela quando dobramos a esquina e, surpresos, não reconhecemos a paisagem. Estamos mortos. – Ponderou Francisco.

– A sua visão do cemitério como um jardim de corpos vem sendo aceita por todos os moradores do bairro. Até o padre tem embelezado suas homilias fúnebres com essa bela imagem.

– Ainda ontem, revirando a papelada de meu bisavô Frederico, encontrei um manuscrito em que ele revela a sua preocupação com a morte. Dizia ele: "Nada além para ser sonhado; nada aquém para ser lembrado. A morte, páramo em que navegam as embarcações invisíveis, depois da curva dos oceanos materiais alcançados por nossos olhos, é apenas a confirmação de que somos poeira espiritual proveniente do barro

cósmico-divino assentado, provisoriamente, na carne – o grilhão de nossa alma".

– E seu bisavô nem fez estágio no Campo Santo da Paz! – brincou Gilberto.

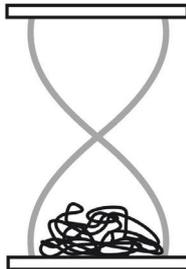
– Infelizmente, você, como bem-informado homem de imprensa, sabe, somos asfixiados pelo espartilho da opressão imposta por grupos hegemônicos de todos os tamanhos e tipos. Nossa sociedade tem pouco espaço para o florescimento de discussões espirituais que fujam e não se prendam a credices e radicalizações religiosas, fundamentalistas, geralmente praticadas por pessoas malconformadas intelectual e emocionalmente, que veem na Bíblia não a sublimação da vida, mas da morte. Sem perceberem se transformam em homens-bomba em potencial, pois não é preciso carregar artefatos explosivos na cintura para se tornar elemento portador de endemoninhada síndrome sociopata, agindo – como se xiita fosse – contra a construção de um convívio social harmônico, livre e sem a marca da discriminação ou do preconceito.

– Talvez, só diante de algum desastre, um cataclismo qualquer, a espiritualidade se transforme em fenômeno importante para a sociedade. – Interveio Gilberto.

– Na terra, berço das sementes, inclusive do gênero humano, dá-se o sepultamento nos cemitérios (jardim de corpos), onde pessoas retornam à argila e se abrem em buquês de luz que são colhidos pelo Criador. Tudo isso ocorre invisível e imperceptivelmente aos nossos sentidos, pois, no indevassável reino das sinergias imateriais superiores, todos têm o dom da clarividência poética, ensinando-nos que o bom poeta não conta passos – derrama caminhadas! E que o coveiro exímio não sepulta nem enterra – semeia gente no jardim de corpos, quando, finalmente, aprendemos o verdadeiro e espiritual gosto

da maçã, que é nada mais, nada menos, que o sabor da nossa própria alma, fixada no mistério da existência eterna como a lesma grudada no silêncio da pedra, balbuciando em versos intimistas e simplesmente soltos ao vento das terras do coração, ao feitio de tudo que é vida, pulsa e tem plena consciência do fim:

**Não quero o tempo que corre
Tudo o que escorre morre
O que goteja termina
A virgindade da menina
Esvai-se num abrir de pernas
Dias inúteis, horas eternas
Tudo se resume no modo de remar
Por maior que seja o rio
Seu destino é o mar...**



Apêndices

Biografia



343

Carlos Lúcio e a esposa Nina

CARLOS LÚCIO GONTIJO, filho de Betty e José Carlos Gontijo, casado com Nina – desde 5 de maio de 1979 –, pai de Amanda e Lucas, avô de Luara, nasceu a

27 de abril de 1952. Em Santo Antônio do Monte, município do Centro-Oeste de Minas Gerais, cursou o primário no Grupo Escolar Waldomiro de Magalhães Pinto. Fez o ginásio e parte do Curso de Contabilidade na Escola Senhora de Fátima (mais conhecida como Colégio da Dona Maria Angélica de Castro). Acompanha-lhe vida afóra o amor por Santo Antônio do Monte, onde diz que veio à luz intelectualmente, pois ali passou a infância, viveu a juventude e a alegria de vestir a camisa do Flamengo, o inefável rubro-negro local, formando um grandioso feixe de aprendizagem emocional, que lhe enraizou no peito o torrão montense, ao qual ele muitas vezes cantou (e canta) em seus artigos jornalísticos e em versos, como é o caso do poema *Sangue Montense*, que se encontra inserido, com declamação e paisagens do município, na página de abertura de seu espaço virtual na internet.

344

O AUTOR complementou o último ano de Contabilidade no Colégio Visconde de Cairu, na capital mineira. Em seguida, diplomou-se em Jornalismo pela FAFI-BH, hoje UNI-BH, no ano de 1976, passando então a atuar como jornalista – durante 30 anos –, no *Diário da Tarde*, veículo de comunicação impressa que circulou, ininterruptamente, de 14 de fevereiro de 1931 a 23 de julho de 2007, período em que se manteve como líder imbatível de venda em bancas na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

FOI REVISOR, supervisor de turno de revisão do *Diário da Tarde* (no IV turno, em horário que invadia madrugada adentro, experimentou a felicidade e o privilégio de ter como amigos e comandados os revisores/jornalistas Elias Maboub, Alexandre Vieira de Melo

Matos, Alexandre Antônio França, Harildo Norberto Ferreira, Carlos Gomes, Magnus Martins Pinheiro, João Zacarias de Miranda Filho, Clóvis Baltazar da Silveira, Neuber Lúcio Soares, Francisco José dos Santos, Pedro Rabelo Mesquita, Dílson Joaquim de Freitas, Sebastião Henriques, Sérgio Luiz da Silva, Aloízio Antônio Gonçalves, Paulo Eustáquio Chiari e Ricardo Curi), articulista, secretário de página, subeditor e, depois, editor de Opinião do *Diário da Tarde*.

TRABALHOU, também, nos jornais "PrOeste", do qual foi um dos fundadores e redator-chefe (1976); "Tribuna de Mariana" (1993), veículo impresso pertencente ao saudoso João Bosco F. F. Carneiro, onde foi editor; "Diário de Minas/Jornal de Minas" (1989), como revisor e articulista; e "Hoje em Dia" (1989), como revisor.

É PORTADOR de título de Honra ao Mérito da Prefeitura de Santo Antônio do Monte (1977), por indicação do então vereador José Magela Couto, diploma que lhe foi passado às mãos pelo ex-governador de Minas Gerais e ex-ministro de Estado, José de Magalhães Pinto; do "Troféu Magnum de Cultura", homenagem do Colégio Magnum Agostiniano, em comemoração aos 100 anos de Belo Horizonte (1997); Destaque Profissional Regional 2003/Conselheiro Lafaiete-MG; membro titular e correspondente da Academia Interamericana de Literatura e Jurisprudência e da Academia de Estudos Literários e Linguísticos (ambas de Anápolis/GO); dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC), em Santo Antônio do Monte (Biblioteca Poeta Carlos Lúcio Gontijo). É membro da Academia Santantoniense de Letras (ACAD-SAL) e ex-presidente da Associação Mineira de Imprensa –

AMI (2002/2005).

EM MARÇO do ano 2000, expôs alguns de seus poemas, emoldurados e acompanhados das respectivas ilustrações com que foram impressos em livro – trabalho batizado por ele de "Telaescrita" –, na galeria do ICBEU (Rua da Bahia, 1.723, em Belo Horizonte). A mostra, que deveria ficar aberta ao público por 15 dias, acabou estendida por 35 dias, devido à intensa receptividade obtida. Nos anos de 2005 e 2007, seu romance *Cabine 33* foi indicado e adotado no vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte – FASAM –, por deferência e espontâneo reconhecimento de Ronald Antônio Couto e Silva, um de seus fundadores.

346

CARLOS LÚCIO Gontijo mora na cidade de Contagem/ MG desde 1985, onde foi agraciado com o título de cidadão honorário, em Reunião Extraordinária do dia 7 de agosto de 2007, por meio do Projeto de Resolução nº 022/2007, de autoria do vereador Arnaldo de Oliveira.

O POETA e escritor é contemplado com mais de uma página de referência no site de busca "Google", conceituado arquivo mundial de informação, bastando digitar o seu nome para encontrá-lo presente em várias páginas virtuais, dentre elas o "cama-redonda/maria beatriz soares" (www2.uol.com.br/camaredonda/center/favoritos/poesias/poesias.htm – 89k –), ao lado de nomes consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, Pablo Neruda, Chico Buarque, Caetano Veloso, Carlos Lyra etc.

CARLOS LÚCIO Gontijo integra a entidade literária internacional *Movimento Poetas del Mundo*, com sede no

Chile, que editou, em abril de 2008, o livro "Poetas del Mundo em Poesias" (Volume I), no qual marca a sua presença poética às páginas 46 e 47.

O AUTOR é verbete do *Dicionário Biobibliográfico Regional do Brasil*, de Mário Ribeiro Martins, via internet, dentro de ENSAIO, no site www.usinadeletras.com.br. Aberto às inovações tecnológicas que lhe sirvam de ferramenta de divulgação, mantém no ar o site Flanelinha da Palavra (www.carlosluciogontijo.jor.br), no qual disponibiliza aos internautas toda a sua obra literária (13 livros), fotos, músicas, alguns artigos jornalísticos etc.



O autor é cidadão honorário do município contagense.

CONTAGEM

**Se antes contava por contar
Assim já não conto mais
No ponto exato para amar
A conta que hoje faço
Tem soma de abraços
Nada toma e cria laços
Contagem me ensinou a juntar
A apurar o garimpo da viagem
E perfilar a vida passada a limpo
Respirando apenas o bem e a aragem
Provenientes da beleza de Várzea das Flores
Dos andores sociais da Comunidade dos Arturos
Das praças lembrando quintais sem muros
Da criatividade fagueira da Casa dos Cacos
E tantos outros incontáveis marcos
De uma cidade forjada no aço operário
E no passo portuário de sua gente!**

349

Carlos Lúcio Gontijo

Agradecimento

NÃO SE constrói carreira alguma sem o apoio de muitas pessoas e, para viver a realidade, é preciso ter equilíbrio de nefelibata. Devo o que sou a vários bons amigos e principalmente ao meu pai, José Carlos Gontijo, que jamais mediu esforços nem me questionou sobre o dinheiro por ele destinado à publicação de meus (nossos) livros.

MICHELANGELO, o fabuloso escultor italiano, costumava dizer que "as estátuas estavam no mármore; só era preciso retirá-las". Assim ocorre com a literatura, pois as palavras estão no papel; com a poesia, que está no ar e no olhar das pessoas; com as histórias e os

romances, que estão na família, na sociedade, no mundo.

AGRADEÇO a meu pai por ter ousado enfrentar a indiferença e o distanciamento dos que me poderiam patrocinar, mas que, lamentavelmente, ao contrário de cidadãos como o engenheiro santo-antoniense Ronald Antônio Couto e Silva, que fez absoluta questão de me auxiliar no levantamento de recursos para a edição do romance *Jardim de Corpos*, encontram-se por demais voltados para o apoio a produtos culturais instantâneos, que dispensam a maturação na mente e no coração e que rendem, a suas mercadorias e marcas, fácil exposição perante os holofotes da mídia.

352 MINHA LUTA em prol da sensibilização do ser humano é uma trincheira que jamais me dará riquezas materiais; não poderei reivindicar indenização milionária pelo tempo despendido, ou alguma anistia remunerada por minha labuta em prol de um Brasil melhor, por meu idealismo voluntário, exercido sob as chibatadas invisíveis de detentores do poder, verdadeiros senhores de capital e engenhos, que agem na busca do agravamento da ignorância e do comportamento social desprovido de amor ao próximo.

O SUPORTE familiar é o alicerce de todas as decisões tomadas e ousadas cometidas. Lembro-me, entre tantas ocorrências no exercício do bom e honesto jornalismo, compromisso que muitas vezes me custou punição e perseguição (umas claras; outras, furtivas e veladas), de duas situações em especial. Uma vez, em 1998, passei pelo dissabor da suspensão de meu artigo semanal por

60 dias, devido ao fato de ter criticado, em 1º de outubro daquele ano, o governo Fernando Henrique Cardoso, em opinião assinada, sob o título de "O Príncipe Quiabão". Anteriormente, em 1996, estava eu na condição de subeditor, porém substituindo o editor de Opinião do jornal *Diário da Tarde*, quando me apareceu um companheiro de profissão, grande amigo e ex-comandado dos tempos em que veículo impresso possuía departamento de revisão, trazendo-me o problema da esposa, também jornalista, que padecia com uma grave necrose provocada pelo uso de conhecido analgésico/anti-inflamatório (proibido em todos os países desenvolvidos do planeta Terra), que lhe foi aplicado, por recomendação médica, via injeções intramusculares.

TRATAVA-SE (e trata-se) de produto fabricado por laboratório multinacional, destacado gigante da farmacologia mundial. Dessa forma, meu amigo não encontrava abrigo nem espaço em veículo de comunicação algum para divulgar o drama por que passava, mesmo ostentando todo um aparato de laudos técnicos e científicos, que transformam a agrura particular experimentada por sua esposa em fato jornalístico relevante, por meio do qual seria prestado um indispensável (e necessário) serviço à comunidade, que precisava ser alertada sobre os riscos que corria em relação tanto à saúde quanto à própria vida.

NÃO TITUBEEI e escrevi, no dia 21 de março daquele ano, um artigo contundente desde o título e que, assim, obteve repercussão nacional, seguida de republicações, em jornais do eixo Rio-São Paulo, que certamen-

te foram pagas por laboratórios concorrentes ao produto denunciado. Naquela ocasião, sofri diversas ameaças, mas não me incomodei com elas, porque tinha a mais absoluta certeza de que, se o pior acontecesse, a família, em especial o meu pai, estaria à minha espera, feito cais de porto e com o afago de mãe – foi assim que ele se colocou no tocante ao meu trabalho literário desde a morte de minha mãe Betty, uma mato-grossense que trazia nos olhos a poesia e o brilho dos alagados do Pantanal e, por isso, tinha o maior orgulho do filho poeta.

ENFIM, humilde e indistintamente, sou grato a todos que me estenderam a mão e, de alguma maneira, contribuíram ou ainda contribuem para a minha trajetória. Inclusive, deixo o meu agradecimento ao médico Dr. Wilmar Filho, que, no exercício de mandatos políticos como prefeito de Santo Antônio do Monte, sempre reconheceu a importância de minha (nossa) literatura, bem como a todos os que se fizeram presentes em pelo menos um dos lançamentos de meus livros ou que, hoje, me auxiliam na divulgação do site *Flanelinha da Palavra* (www.carloslucioogontijo.jor.br), que, desde a primeira hora (5/06/2005), contou – e conta – com a aposta e o apoio do CREDIMONTE, sob a ação favorável do amigo Luís Antônio Bolina junto a seus sensíveis pares, administradores e gestores da bem-sucedida entidade financeira, que é fruto do empreendedorismo da gente santo-antoniense.

DIANTE de toda esta minha exposição, uma coisa parece-me irrefutável: ser humano algum é melhor nem pode mais que algumas pessoas reunidas em torno de

um objetivo comum. Minha (nossa) literatura é o resultado dessa filosofia colocada em prática por mim e um grupo de bons amigos e amigas. Obrigado a todos.





Carlos Lúcio Gontijo (1959), primeiro ano, aluno da professora Clélia Souto, na Escola Estadual Waldomiro de Magalhães Pinto

A PROFESSORA

**Queria a rara mão protetora
Da inesquecível primeira professora
Sobre a minha ignara mão aprendiz
A vida é feliz e incerto bê-á-bá1
Sempre há algo de novo no horizonte
Um aprendizado que de nós se esconde
Fazendo-nos eternas crianças inocentes
Então, como simples e virtuais sementes
Imploramos novamente pela mão cultivadora
De alguma iluminada e gentil professora
Pois a existência material não passa de quinhão
Que só se transforma em riqueza espiritual
À medida que absorvemos a grandeza da lição**

357

Carlos Lúcio Gontijo

Homenagem especial

Benvinda do Couto Oliveira nasceu em Santo Antônio do Monte, em 1912 e faleceu no dia 19 de setembro de 2008. Sob a certeza de que sua chama não se apagava, mas apenas se juntava a outras estrelas, disse sem lamentação ao se afastar do nosso plano material, como quem vislumbrasse outro caminho: "Tia, estou indo!"

Por ocasião de seus 87 anos, em nome da família, fiz para ela, minha estimada sogra, um poema, que agora cuido de deixar neste livro, como uma homenagem a quem mantinha sempre alguns exemplares de livros meus guardados em uma gaveta, para repassá-los a quem ela julgasse ser leitor em potencial, num gesto de valorização do meu trabalho espontâneo e sincero, implementado por uma mulher que sempre esteve à frente de seu tempo.



BENVINDA

Em 1º de abril de 1912

**A vida ganhava mil tons de verdade
Na felicidade da menina bem-vinda
Que BENVINDA seria chamada
Predestinada a amar e ser amada
Enchendo de claridade todo horizonte
Fez história na localidade de Santo Antônio do Monte
Casou-se com o honesto e honrado José Rodrigues
Dono de terra, caráter e gado
Fisgando luz com o anzol do suor sagrado
Trabalhou de sol a sol
Para ajudar no sustento e garantir o brilho
Nos olhos dos dez filhos queridos
Que pelos disígnios secretos de Deus
Multiplicaram-se em 29 netos
E nos 40 bisnetos que alumiam mais ainda
Os olhos-lareira de BENVINDA
Em eterna fogueira, feito santo farol
Apontando o branco lençol sempre estendido
Na ilha de seu abraço amigo
Onde a família encontra abrigo
E se refaz de todo o passo perdido**

ORAÇÃO DOS CASAIS

**Meu bem, sei que Deus protege os casais
Semeia trigais de ternura na pele
Para que o amor sele as marcas da procura
Então, na hora em que a gente for dormir
Façamos jus aos cuidados do Senhor
Por favor, acenda-me quando apagar a luz**

363

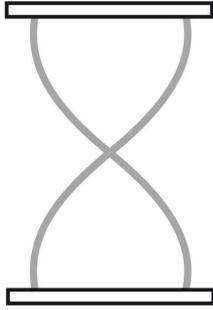
Carlos Lúcio Gontijo

Observação: O poema "Oração dos Casais", publicado no livro *Pelas Partes Femininas (poesia e prosa)*, editado em 1996, se encontra inserido na abertura de alguns sites, conforme pode ser constatado no Google, quando o nome do autor é digitado; fazendo-se presente até em site de orações. O livro *Pelas Partes Femininas* (editado com o patrocínio de empresárias da cidade de Contagem) é uma boa dica para os leitores que apreciam o erotismo sublimado pela paixão, pelo amor e pela poesia.

Entre no site www.carloslucigontijo.jor.br e confira.

A obra literária de Carlos Lúcio Gontijo

- *Ventre do Mundo* (Poesia – 1977).
- *Leite e Lua* (Poesia – 1977).
- *Cio de Vento* (Poesia – 1987).
- *Aroma de Mãe* (Poesia – 1993).
- *Pelas Partes Femininas* (Poesia e prosa – 1996).
- "Coletânea" (Editada em dois volumes, no ano de 1998, contendo os cinco primeiros livros do autor).
- *O Contador de Formigas* (Romance e poesia – 1998/1ª edição; 1999/2ª edição).
- *O Ser Poetizado* (Poesia e prosa – 2002).
- *O Menino dos Olhos Maduros* (Novela e poesia – 2002).
- *Virgem Santa sem Cabeça* (Romance e poesia – 2002).
- *Cabine 33* (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007.
- *Lógica das Borboletas* (Romance e poesia – 2007).
- *Duducha e o CD de Mortadela* (Livro Infantil – 2009).
- *Jardim de Corpos* (Romance e poesia – 2009).



deferência. E, assim, iniciamos uma amizade até hoje cultivada.

Carlos Lúcio fez absoluta questão de me apresentar sua obra, que agora chega a 13 títulos com o romance Jardim de Corpos, e me surpreendeu com o desprendimento de disponibilizar ao público, integralmente, o seu trabalho literário na internet, sem se importar com as questões pecuniárias e sob a exclusiva intenção de levar aos leitores uma literatura recheada de informação comprometida com as causas coletivas.

Em Jardim de Corpos, Carlos Lúcio Gontijo, mais uma vez banhado em pura sensibilidade, narra outra bela história, que tem seus capítulos abertos com poemas – prática que já é marca registrada do autor. Admirador confesso de seu talento literário, eu me permito curvar perante tamanha competência e aplaudo o poeta, escritor, jornalista e amigo, que, por teimosia ou sabedoria, acredita ser através da literatura que se alcança, por meio da sensibilização de corações e mentes, a verdadeira liberdade.

Deliciem-se, com o pão de queijo mineiro, com o vatapá baiano, com a moqueca capixaba, com o churrasco gaúcho, com a feijoada carioca, com o virado paulista, com o feijão com arroz brasileiro, com a diversidade literária deste “chefe” das palavras – um santantonicense, filho das Minas Gerais, que tece surpreendentes e saborosas iguarias com o abecedário, algodão em flor de nossa língua mãe, que é transformado, pelo artesão da escrita, em arte enraizada e frutificada, que agora pode ser colhida por nós, privilegiados leitores, no pomar sentimental e poético de Jardim de Corpos.

Ronaldo José Lauria
Cantor e compositor



Entraves

A vida itinerária que ainda me sobra
É réstia velada em minha obra literária
Que luta diante da temerária indiferença
Sob a crença madura de guerreira resistência
Na qual a tolerância rotineira perdura
Não me incomodam os entraves
Deles defendo-me com versos e ave-marias
A sensibilidade é a mãe de suaves dias
O chão da mente berra por sabedoria
Assim como a terra por aração clama
Toda busca tem seu norte e sua chama
Não há segredo para se viver em retidão
Basta se entregar à divina lição
Que na batida do coração se multiplica:
O amor é extrato da paixão que fica!

Carlos Lúcio Gentijo